

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
JEN MINKMAN



SOMBRA DO TEMPO

VISÕES DO PASSADO



Sombra do Tempo: Visões Do Passado

Jen Minkman

Traduzido por Deborah Brock

“Sombra do Tempo: Visões Do Passado”

Escrito por Jen Minkman

Copyright © 2018 Jen Minkman

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Deborah Brock

Design da capa © 2018 Clarissa Yeo & Jen Minkman

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Sombra do Tempo: Visões Do Passado](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[1839](#)

[1841](#)

[1842](#)

[1843](#)

[1846](#)

[1850](#)

[1868](#)

[1870](#)

[1925](#)

[1928](#)

[1933](#)

[1937](#)

[1942](#)

[1943](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença](#)

[Procurando outras ótimas leituras? | Seus livros, seu idioma](#)

Sombra do Tempo
Livro Dois
Jen Minkman

© 2012 by Jen Minkman

Cover design by Jen Minkman

This book is copyright. Apart from fair dealing for the purpose of private study, research, criticism or review, as permitted under the Copyright Act, no part may be reproduced by any process without the prior permission of the author. You are welcome to share this book with friends who might like to read it too, however.

Um

Ela não se sentia melhor.

Hannah ficou na cama a manhã toda olhando para o teto. O clima lá fora estava lindo e pássaros cantavam próximos à sua janela. Era estranho como tudo seguia ao seu redor como se nada houvesse mudado enquanto ela se sentia congelada no tempo.

Sem prestar atenção, ela colocou qualquer roupa depois de Emily ter batido na porta para tirá-la de lá e caminhou até a cozinha acenando para Amber e Ivy que estavam sentadas à mesa.

– Chá? – ofereceu Amber apontando para um bule de chá verde à sua frente.

Hannah assentiu. Ela se serviu de uma xícara e encarou desatenta os anéis na madeira da mesa.

– Ei. – Emily chegou mais perto e colocou sua mão na de Hannah. – Está se sentindo melhor?

– É. Estou bem. – Um minúsculo sorriso adornava sua face.

– Quer tomar café da manhã? – Ivy empurrou um prato com algumas panquecas em direção a ela.

Hannah balançou a cabeça.

– Não estou com fome – ela murmurou.

– Quando foi a última vez que comeu alguma coisa? – Emily perguntou parecendo uma mãe coruja.

Hannah tentou se lembrar.

A última coisa que se lembrava de ter comido era uma barra de granola que ela no carro a caminho do baixo Cânion Antílope. Ela deu de ombros. – Sei lá. Não quero nada.

Emily puxou o prato para perto e começou a cortar as panquecas. – Pelo menos um pouquinho – ela quase implorou. – Ben disse que devemos alimentá-la.

Hannah ouviu o chuveiro ser desligado no banheiro e sabia que Ben voltaria à cozinha a qualquer minuto. Claro que ela não queria preocupá-lo então ela relutantemente se forçou a comer alguns pedaços como café da manhã.

Panquecas. A última vez que ela comera pancakes foi quando Josh as preparara.

Quando Ben tinha terminado o banho e entrou na cozinha com roupas limpas, ela havia conseguido comer meia pancake.

– Vou fazer minha mala – ela disse com meio sorriso.

Em seu quarto Hannah jogou algumas roupas de qualquer jeito dentro de uma mala observando o filtro dos sonhos acima da cama. Ela não tinha certeza se queria levá-lo na viagem. Parte dela queria sonhar com Josh para que não se sentisse tão sozinha.

Com um suspiro ela fechou o zíper da mala e deixou o filtro dos sonhos pendurado acima da cama. Então se arrastou até o banheiro para pegar sua escova de dentes, xampu e algumas toalhas.

Ben tomava café no balcão quando ela retornou à cozinha. – Como está? – ele disse.

Hannah silenciosamente se encostou nele e se aconchegou no braço dele em volta de seus ombros.

– Péssima – ela murmurou.

– Pegue leve hoje.

Quando Hannah saiu e colocou a mala no Chevy, Paul e Sarah a olharam com pena, então eles obviamente sabiam o que acontecera. Os Greene estavam ocupados carregando o portamalas de sua perua.

Josh provavelmente estava a caminho de Tuba City. Talvez por isso ele precisasse de espaço. Para dar uns amassos com todas aquelas belas garotas Navajo da mesma idade que ele no campus.

Hannah mordeu o lábio para segurar as lágrimas. Isso era idiota. Não valia a pena agonizar por ele se ele a tratava desse jeito.

Ben se ofereceu para dirigir então após alguns minutos eles partiram no carro dele seguindo os Greene. Uma canção dos anos 80 tocava no rádio. Lentamente Hannah relaxou no assento e conseguiu destravar os ombros e o pescoço. O sol tocava seu rosto.

O amuleto estava contra sua pele, entre os seios. Ela o colocara ao redor do pescoço de novo; a memória das meninas horripilantes ainda estava fresca em sua mente.

A paisagem corria em um borrão vermelho, amarelo e marrom e o céu azul parecia quase turquesa.

Assim como a conta que Josh lhe dera.



A tarde toda Hannah sentou ao lado de Ben com um sorriso artificial no rosto para não o preocupar tanto. O pedaço de pizza que Ben comprara num drive thru estava em um guardanapo em seu colo e ela mastigava um pedaço da massa com uma expressão que ela esperava que parecesse faminta e animada o suficiente.

– Falta muito? – ela perguntou.

Ben olhou para o mapa em seu colo. – Hum... não sei exatamente.

Hannah colocou o último pedaço de pizza na boca, amassou o guardanapo e puxou o mapa para si. – Deixe-me ver.

Ela calculou que ainda faltavam vinte milhas até Chinle e de lá mais sete milhas dentro do território do Desfiladeiro de Chelly até o local onde acampariam essa noite. O local era próximo de Spider Rock com sua espiral estreita alta no meio do cânion.

Ben seguiu a perua dos vizinhos quando pegaram a saída para o acampamento Spider Rock. Não demorou muito para chegarem à entrada. Paul foi até o prédio da recepção para anunciar sua chegada e pagar o grande *hogan* que alugaram.

Hannah sorriu quando continuaram dirigindo e avistaram a grande construção. Era uma construção linda, feita de troncos e rebocada com argila. A paisagem era de tirar o fôlego. A porta, tradicionalmente voltada para o leste, oferecia a eles uma vista fantástica do vale.

Ela saiu do carro e levou as malas até a porta. Então caminhou até a cerca que beirava o precipício e seus olhos varreram o desfiladeiro.

Ivy sentou-se ao seu lado. – Não é simplesmente lindo? – disse ela.

Hannah assentiu. – É, sim.

– Quer se juntar a nós para uma caminhada? Meus pais estão muito cansados da viagem, então vão ficar aqui e preparar o jantar. Emily e Amber querem dar uma volta na trilha do lado mais distante do desfiladeiro. Vamos visitar o fundo do desfiladeiro com um guia amanhã.

– Sim, claro. Vou perguntar a Ben também.

Seu irmão acabara de trancar o carro quando ela se aproximou.
– Está cansado? – perguntou Hannah.

– Um pouco. Por quê?

– Quer se juntar a nós para uma caminhada?

– Nem. – Ele balançou a cabeça. – Prometi a Paul e Sarah que os ajudaria a cozinhar. Você vai dar uma volta com as meninas. Quando voltarem teremos uma bela refeição esperando por vocês.

Hannah abraçou Ben e o apertou com um suspiro. – Obrigada – ela disse. – Por tudo.



Elas foram de carro até o fim da estrada que permeava o Desfiladeiro de Chelly. Quando estava passeando próximo a beirada do cânion com Emily, Amber e Ivy, Hannah passou a se sentir um pouco melhor, apesar de tudo que acontecera ontem. Era tudo tão quieto, mágico e intocado. Havia poucos turistas na trilha e nenhum som do mundo moderno podia ser ouvido dali - nenhum carro, nenhuma máquina, nenhuma música alta. Deveria ter sido assim centenas de anos atrás. A trilha as levou por árvores irregulares, grandes pedras vermelhas e áreas de areia. Vez ou outra, sua caminhada as levava para perto do precipício, e a cada vez que isso acontecia, a superfície desaparecia e mostrava a elas mais uma vista magnífica.

– Venham, vamos ver o que tem lá em cima – Amber chamou e apontou para um platô de rocha mais alto no morro, distante da trilha desgastada. – Aposto que a vista é fantástica.

Elas chegaram a uma bifurcação na trilha. À esquerda o caminho desaparecia em uma floresta e à direita uma trilha mais estreita subia e levava a uma saliência com vista para todo o cânion.

Hannah deu um passo cauteloso à frente e de repente se sentiu zozna. Ela quase perdeu o equilíbrio e trombou com Ivy. – Desculpe, ela murmurou e tentou se equilibrar. Ela teve uma vontade repentina de correr morro acima apesar de sua tontura não ter passado. Em vez disso ela sentiu uma estranha e urgente sensação de déjà-vu. A cada passo que dava ela tinha mais certeza - ela vira isso antes. Ela andara por esse caminho.

Seu coração falhou quando ela finalmente chegou na beirada do precipício ao fim da trilha. Em sua corrida morro acima ela esquecera completamente das três amigas atrás dela. Hannah ficou parada no platô e encarou a cena completamente atordoada.

Esse era o local de seus sonhos.

Ela agachou e piscou os olhos descrente. Seu olhar varreu o vale abaixo, as formas das pedras, o morro em declive atrás dela. Não havia dúvida - aqui fora onde os skinwalkers a encurralaram e seus rostos se transformaram em algo demoníaco. Esse era o lugar varrido pelo vento onde ela quase pulara para a morte para escapar deles. Foi aqui que ela terminara com Josh em seu sonho.

Atrás dela, Emily, Amber e Ivy a alcançaram e observavam fascinadas a deslumbrante vista.

– Relaxando? – Emily perguntou observando Hannah que ainda estava agachada. – Não me surpreende. Achei que você estivesse tentando quebrar o recorde olímpico correndo morro acima.

Hannah assentiu ainda ofegante. Que descoberta. Então seus sonhos realmente não eram só sonhos. A teoria de Amber estava correta.

– Que foi? – Amber disse e sentou ao lado dela.

Hannah mordeu o lábio. – Conheço esse lugar.

Amber fez uma careta sem jeito depois entendeu. – Espere aí. Quer dizer... dos seus sonhos?

Hannah assentiu em silêncio e uma lágrima correu por seu rosto. Ela não compreendia. Se esse lugar era real - se de alguma forma ela tivera visões do passado onde ela e Josh compartilharam uma vida juntos, por que tudo acabou entre eles? Não era justo. Ele *pertencia* ao seu lado. Ela sentia em todas as fibras de seu corpo.

– Isso é tão bizarro – sussurrou Amber. – Então realmente já esteve aqui antes?

Hannah assentiu. Ela olhou ao redor e tentou encontrar mais pistas. Perto da beirada do precipício havia uma velha árvore retorcida. Num piscar de olhos Hannah se lembrou de uma árvore menor, mais nova, em seus sonhos. Era extraordinário demais para ser coincidência. Ela tinha que falar com Josh a respeito disso. Finalmente contar a eles sobre seus sonhos.

Mas agora já era tarde demais. O que ela deveria dizer a ele? Que ela tinha esses sonhos esquisitos nos quais eles eram amantes do passado? Se tudo estivesse certo, ela terminara com *ele* da última vez. Talvez ele estivesse inconscientemente com medo de se machucar de novo. Caramba, podia até ser algo consciente. Talvez ele também tivesse sonhos esquisitos com *ela*.

Não - Josh não iria querer falar a respeito pois ele claramente disse que tudo estava indo rápido demais para ele. Sugerir que eles tinham uma história juntos de mais de um século aceleraria a relação à velocidade da luz.

Quando as garotas finalmente retornaram ao *hoghan*, Hannah ainda estava matutando as coisas em sua cabeça. Ela passou por Ben fritando fatias de batata em uma panela no fogão a gás sem uma palavra. Ele viu a angústia dela, derrubou a espátula e a seguiu para dentro do *hoghan*.

Lá dentro estava iluminado graças a fogueira no meio da construção. Alguém colocara sua mala em cima de um colchão do lado esquerdo. Seu saco de dormir estava desenrolado.

– Arrumei algumas de suas coisas. – Ben colocou um braço em volta dela. – Porém não achei seu filtro dos sonhos.

– Eu não trouxe – Hannah respondeu baixinho. – Não conseguia mais olhar para ele.

Ben se jogou em seu próprio colchão com o rosto sério e deu um tapinha no espaço ao seu lado. Hannah obedeceu e olhou para ele com uma pergunta nos olhos. – Se quiser sair de St. Mary's Port por um tempinho, é só falar. – ele disse sério. Vá visitar a mãe. Pegue um voo barato para o Alasca e fique com a tia Beth.

Hannah engoliu o choro. Caramba, Ben era muito meigo. – Não... não, claro que não – ela gaguejou. – Não vou te abandonar.

– Tem certeza?

– Sim.

Ben não pareceu se convencer. – Bom, tudo bem. Como queira.

Naquela noite Hannah se sentou com os outros até o sol se pôr. As poucas lanternas na mesinha ao lado do *hoghan* iluminavam a escuridão e os rostos felizes e sorridentes de Em e Amber. Hannah observou o casal feliz em silêncio e só por um minuto ela desejou

que o chão a engolisse e a cuspiisse de volta em um lugar onde ela pudesse esquecer que Josh e ela foram felizes assim.



Na manhã seguinte Hannah acordou com uma enxaqueca persistente. Enquanto se espreguiçava ela olhou para a fogueira que ainda queimava no centro do *hoghan*. Os outros colchões estavam vazios e uma olhada em seu telefone lhe informou o porquê - era quase onze horas.

Ela colocou o amuleto no bolso do pijama e se arrastou até os chuveiros do acampamento. Quando a água quente atingiu seu rosto, Hannah lembrou o estranho encontro na praia - aquelas meninas assustadoras e a maneira como riram dela. Existia algo profundamente errado em relação ao encontro, ela sentia. Claramente a maldição ainda estava ativa e o amuleto não era poderoso o suficiente. Ela deveria pedir mais ajuda a Emily - se sua amiga fosse capaz de oferecer mais ajuda. O que era mais provável é que Sani teria que intervir. Tentar acabar com a maldição a ajudaria a se distrair do término com Josh.

Ao meio-dia em ponto um guia Navajo apareceu no *hoghan* deles dirigindo um jipe enorme. Enquanto iam pela estrada esburacada em direção ao vale, Hannah se inclinou para Emily e sussurrou. – Tive um ataque de pânico outro dia, Em. Acho que eu deveria pedir ajuda ao Sani.

Emily a olhou preocupada. – Você tem toda a má sorte de uma vez, né? Bom, você deveria ir a Naabi'aani amanhã então. Nick também vai. Ele me perguntou se nós duas poderíamos fazer uma leitura crítica da dissertação dele. Depois você pode ir ver o Sani.

Hannah engoliu o nó que se formou em sua garganta. – Mas... e/le pode estar lá amanhã – ela se opôs em voz baixa.

Emily a olhou com pena. – Querida, eu sei. Mas você vai ter que encarar Josh em algum momento. – Ela pegou a mão de Hannah e continuou: – E eu vou te apoiar. Estarei lá por você.

– Obrigada, Em.

Hannah se recostou no assento e olhou para fora da janela. No passeio pelo desfiladeiro eles passaram por árvores retorcidas e arbustos, campos de grama alta e pedras vermelhas. O guia

estacionou o jipe perto de uma abertura natural nas pedras chamado 'A Janela' pelo povo local. Ivy e Sarah pegaram as câmeras para tirar fotos enquanto o guia dava algumas informações sobre a vida no desfiladeiro no passado e no presente.

– Quando os soldados dos Estados Unidos invadiram esse desfiladeiro em 1864, esse lugar era um refúgio para o povo Diné que fugia da opressão mexicana ao sul. As pessoas acreditavam que esse desfiladeiro as protegeria pois sempre fora um lugar sagrado – ele disse.

O coração de Hannah palpitou. Então esse cânion fora um porto seguro para os Navajo fugindo dos mexicanos. Talvez ela tivesse vindo a esse desfiladeiro em sua vida passada em busca de segurança?

– Os americanos acabaram com a existência pacífica dos moradores do cânion quando usaram a tática da terra arrasada para expulsá-los – continuou o guia. – Eles mataram rebanhos, queimaram os campos e cortaram os pessegueiros que cresciam no vale. Não havia nada a fazer além de se render antes de o inverno chegar e trazer a fome. Eles foram enviados para Forte Defiance e de lá foram forçados a marchar até o Forte Sumner onde os americanos criaram uma reserva para eles.

– Mas... isso é mais de 450 quilômetros de distância – Ivy disse surpresa.

– É, sim. É por isso que nossa história chama esse evento de A Longa Caminhada.

– Pessoas brancas foram tão cruéis no passado – Amber disse baixinho. Ela estremeceu e olhou o vale com olhos tristes.

Emily colocou um braço em volta dos ombros dela. – O bom é que hoje em dia tem umas bem fofas – ela murmurou e deu um rápido beijo na bochecha de Amber.



Quando o Jeep as deixou no *hoghan*, já era duas e meia.

– Devo dirigir? – Hannah ofereceu quando Ben pegou as chaves do carro do bolso.

– Você quer?

Hannah assentiu em silêncio. Se ela dirigisse, ela ficaria concentrada na estrada e não devanearia. Ela enviara uma mensagem de texto para Nick há uma hora para dizer que o encontraria em Naabi'aani amanhã. Ela também lhe disse que ela e Josh haviam terminado. Sua reação chocada fez ela revirar o cérebro mais uma vez - se todos ao seu redor achavam que ela e Josh deveriam estar juntos, então por que Josh não pensava assim?

Ben pigarreou. – Então, se quer dirigir, tem que sentar atrás do volante.

Ela acordou de novo. – É. Claro. Desculpe.

– Ainda quer ir ao parque de diversões no sábado? – ele perguntou cauteloso quando deixavam o acampamento atrás da perua. Sábado à noite seria a abertura do parque de diversões em Page e eles tinham combinado de encontrar com várias pessoas lá, incluindo Josh.

– Claro, por que não? Não fiz nada de errado, não é? – Hannah teimosamente manteve os olhos na estrada a sua frente.

– Não, você não fez – disse Ben, a voz retesada.

– Bom, Josh também não – Hannah grunhiu.

– Não concordo.

– Olha. – Ela virou-se para Ben. – Ele só foi honesto sobre seus sentimentos. Se ele não me quer, ele não me quer. Nada vai mudar isso.

Ben franziu a testa. – Mas, Han... – ele tentou de novo.

– Não, Ben. Sem mas. – Ela suspirou quando viu que ele estava magoado. – Só... não. Não interfira. Não peça para ele se explicar. Se ele não me quer mais, ele é que sai perdendo – ela declarou com toda a dignidade que conseguiu.

Eles não conversaram mais sobre Josh durante o resto da viagem.



No dia seguinte Hannah dirigiu até a reserva em seu Datsun com Ben ao seu lado. O céu estava nublado e ela subira a capota só para garantir. A previsão do tempo disse que choveria à tarde. Hannah cerrou a mandíbula e diminuiu a velocidade um pouco depois de passarem LeChee. Eles estavam perto. Seu estômago

revirou como se estivesse a caminho do dentista para um terrível tratamento de canal.

Em tinha razão. Ela teria que encarar Josh em algum momento. Claro que as coisas eram fáceis para Emily - ela estava nas nuvens com Amber.

Quando avistaram o *hoghan* de Emily, Hannah buzinou para anunciar sua chegada e saiu do carro com os pés pesados. Emily e Nick saíram da casa alguns instantes depois.

– Oi, você – Nick disse calorosamente dando-lhe um abraço de urso. – Está segurando as pontas?

A preocupação óbvia de Nick teve um efeito contrário nela - as lágrimas que ela vinha tentando segurar nos últimos dois dias vieram à tona. Rapidamente Hannah deu um passo atrás. – Estou bem.

– Oi, Han – Emily disse e a levou para longe dos outros. – Sani pode te ver mais tarde.

– Ah, bom – Hannah disse com um sorriso frouxo.

Todos sentaram ao redor de uma grelha simples onde Emily estava grelhando mandioca. Nick entregou a Hannah um rascunho de sua dissertação.

– Dê uma olhada quando puder – ele disse piscando.

Hannah sorriu. – Vou fazer meu melhor.

Enquanto ela lia as primeiras páginas, Emily entregou-lhe uma xícara de café forte. – Ele não está aqui – ela murmurou baixinho. – Não sei se é um alívio ou não, mas achei melhor te dizer de uma vez.

Hannah olhou para Emily boquiaberta. Mais que tudo, ela estava surpresa. – Então onde ele está?

– De acordo com Sani, ele volta no sábado – respondeu Emily. – Ele disse que Josh estava fazendo algo para ele que não podia esperar.

E mais uma vez, Sani estava entre ela e Josh. Claro que Josh não negaria quando o velho *hataalii* precisasse de sua ajuda. Não, ele estava correndo para lá e para cá por Sani como um bom laçao. Hannah grunhiu.

– Então, ele tem tempo para vê-la esta tarde – continuou Emily um pouco espantada com o olhar de Hannah. – Lá pelas três?

– Legal. – Hannah se debruçou no rascunho de Nick e não tirou os olhos até que tivesse lido a coisa toda. Quando estava bebericando a segunda xícara de café, Amber e Ivy chegaram.

– Então, cadê ele? – Ivy foi direto ao ponto e se sentou ao lado de Hannah.

– Não está aqui – Hannah respondeu bruscamente. – Fora o dia todo.

Ivy fez uma careta. – Droga.

– É, isso resume tudo.

Hannah se levantou de repente e foi ao banheiro na construção ao lado do *hogan*. Lá dentro ela lavou os pulsos com água fria para tentar se refrescar. E mais que isso, se acalmar. O que ela deveria dizer a Sani quando o encontrasse? Ela queria que ele a ajudasse, mas não queria que ele tagarelasse sobre seus problemas para Josh. O que era inevitável. Eles eram, tipo, melhores amigos *hataalii*.

Hannah fechou a torneira e saiu dali perdida em pensamentos. Nick tirou os olhos das anotações que ela fizera no seu rascunho quando ela se sentou ao seu lado. – Então, sério. Como está se sentindo? – ele perguntou baixinho.

– O que acha?

– Triste. Confusa. Brava.

Hannah fez uma careta quando ele listou sua análise. – Bem isso. Ah, bem... Josh está ocupado com um monte de coisas. Ele provavelmente já me esqueceu. – Sua voz falhou.

Nick ergueu as sobrancelhas. – Ah, qual é. Isso é tão provável quanto calças de hip hop fluorescentes voltarem à moda.

Hannah conteve uma gargalhada nervosa. – Caramba, Nick. Não tente me animar. – Ela olhou para as próprias mãos. – Não tem necessidade.

– Veja o que o futuro reserva. Ouvi que vocês vão no parque de diversões?

Ela assentiu. – Vou me divertir tanto – ela respondeu azeda.

Nick deu de ombros. – Ele vai falar sobre sua decisão em algum momento. Não faz o tipo dele ser tão maldoso.

Não faz? Não importa o quanto Josh parecesse bonzinho, ele ainda mantinha as pessoas longe. Além disso, ele era imprevisível.

E mesmo assim, ela esperava que Nick estivesse certo. Se Josh explicasse a ela porque decidira afastá-la de vez, ela conseguiria superar.

Às três horas Hannah se dirigiu ao *hoghan* de Sani. Emily a levou à casa do *hataalii*, construída em um morrinho nos arredores do vilarejo.

– Boa sorte – ela disse e apertou a mão de Hannah por um momento.

– Espere. – Hannah de repente ficou nervosa. – Eu não deveria pagá-lo, ou sei lá?

– Não se preocupe. Te vejo mais tarde.

Hannah viu a amiga descer o morro antes de se voltar para o *hoghan*. O exterior era coberto de argila e a entrada era coberta com um cobertor de cores brilhantes feito à mão. Ela deu mais alguns passos assoviando para alertar Sani de sua chegada.

O cobertor foi puxado de lado e o rosto de Sani apareceu. – Entre – ele disse calorosamente chamando-a com um gesto. – *Wóshdéé*.

– *Ahe'hee*. – Ela entrou.

O centro da construção continha uma fogueira. Havia uma impressão palmar feita com pólen de milho nas paredes do *hoghan* em cada um dos quatro pontos cardeais. Uma pele de veado estava no chão. Sani sentou-se nela e fez um gesto para que Hannah também sentasse.

Ela inalou o cheiro do incenso que ele queimava. – Frutos de junípero – ele disse com um sorriso quando percebeu que ela tentava descobrir o cheiro.

Hannah o encarou e de repente se sentiu tímida. A maneira como Sani a olhava não a fazia se sentir desconfortável, mas estava claro que ele enxergava o que estava dentro dela. Ela não poderia mentir para esse curandeiro. E francamente, ela não queria. Contra todas as expectativas, ela gostou dele. Ele parecia simpático, caloroso e afetuoso.

– Como posso ajudá-la, *shitsói*, minha neta? – Sani perguntou suavemente.

– Estou... – Hannah engasgou nas palavras. Ela não sabia por onde começar. Com certeza esse homem ouvira histórias de

skinwalkers, mas provavelmente não de uma *biligaana*.

Mas também, ela não tinha se dado ao trabalho de vir consultar Sani para desistir agora. – Estou amaldiçoada – ela sussurrou. – Tem monstros atrás de mim.

Sani assentiu lentamente e pegou um bastão de oração do *jish* no chão. Ele o agitou na direção de cada ponto cardeal. – Que tipo de monstro, *shitsói*?

Hannah ficou em silêncio e seu coração acelerou. – Eles são *yenaldlooshi*. *Chindi*. Bruxos. Três deles. Eles aparecem para mim como sombras sem rosto com olhos brilhantes e vermelhos. Como coiotes. Ou como pessoas comuns. Eles podem se transformar, tomar a forma que quiserem. Eles assombram meus sonhos. – Ela começou a gaguejar na pressa de falar tudo. – Emily tentou me ajudar, mas não foi o suficiente. – Ela começou a chorar baixinho.

O *hataalii* a olhou solenemente. – Está tão triste assim só por causa dos skinwalkers, neta?

Hannah se sentiu pega com a boca na botija. Ela estava certa de que Sani era capaz de perceber as coisas. – Não. Não estou triste só por causa da maldição. Eu só... é que... – ela hesitou. Será que esse ancião Navajo saberia o significado de ‘pé na bunda’?

– Você se sente abandonada – ele sugeriu.

Ela assentiu em silêncio.

Ele se aproximou dela e colocou uma mão em seu ombro. – Você não foi abandonada.

– O que... o que quer dizer? – ela gaguejou. Claro que foi. Josh a rejeitara impiedosamente e decidira fazer uma Longa Caminhada sozinho.

Sani não respondeu, mas encarou as chamas bruxuleantes na lareira como que em transe. Quando finalmente falou, suas palavras chatearam Hannah.

– Não posso ajudá-la – ele disse.

– O quê? Por que não? – ela perguntou com voz trêmula.

– Porque seu problema é mais complicado do que parece à primeira vista. – Sani procurou algo em um pote de cerâmica atrás dele e tirou um amuleto. Entregando-o a ela, ele disse: – Pode carregar isso consigo para se proteger. Ele contém ervas mais poderosas do que o que você está usando agora.

Como ele sabia disso? Sem perceber, Hannah colocou a mão no saquinho que levava amarrado ao redor da cintura, escondido por baixo do tecido das calças largas.

– Entretanto, não vai ser uma solução definitiva para a maldição – alertou Sani. – Não posso ajudá-la com tudo que tem em seu coração.

– Então não tem ninguém que *pode* me ajudar? – Ela mordeu o lábio. Isso não parecia bom. Provavelmente Sani diria que ela teria que ir até o outro lado da reserva e gastar milhares de dólares para que um outro *hataalii* mais poderoso a ajudasse se ela tivesse que adivinhar pela cara dele.

– Sim – ele assentiu. – Tem alguém.

Quando ele não disse mais nada, ela o incentivou. – Então quem?

– *Shash*.

Hannah encarou Sani de olhos arregalados. – Josh?!

– Sim. O amigo de seu irmão.

Ai, não. Isso não estava acontecendo. Sani não podia estar falando sério. Ela teria que implorar ajuda de um cara que a rejeitara do nada. E Sani tinha a pachorra de dizer que ela não tinha sido abandonada? Ela nunca se sentira tão sozinha e abandonada em toda a sua vida.

– Não... não pode ser – sua voz falhou.

– Eu disse tudo que poderia dizer – respondeu Sani sorrindo para ela. – *Hágoónee*. Adeus, *shitsói*.

Ela se levantou com o novo amuleto em mãos. – *Ahe'hee*, ela disse tentando parecer agradecida. Ela não estava exatamente brava com Sani mesmo que ele estivesse tentando mandá-la embora ao estilo 'curandeiro de boas maneiras'. Ela só estava brava com o mundo por fazer isso com ela.

Ela empurrou o cobertor com uma braçada furiosa e ficou lá enraivecida. Ela fechou os olhos contra o brilho do sol antes de ir com pés pesados até o *hoghan* de Emily. Ela estava farta dessa maldição idiota, desse lugar, dessas pessoas. Mais que tudo, ela estava farta de Josh e seu parceiro Sani. Tudo o que ela queria era acelerar o carro para fora desse maldito vilarejo, dirigir de volta para casa e se afogar em autopiedade pelo resto do dia. Enfiar-se em

seu quarto com um pote irresponsavelmente grande de sorvete e seu iPod tocando *death metal* em volume máximo.

Irada ela voltou para a casa de Em e foi em direção a seu irmão. – Vou para casa – ela anunciou. – Estou com dor de cabeça.

Ben a olhou e deu de ombros, aparentemente decidindo que não havia maneira de convencê-la do contrário. – Dirija com cuidado, ok? – ele disse.

– Pode deixar. – Hannah mordeu o lábio. Por que ela queria tanto sair daqui? Aqui estavam todas as pessoas que se importavam com ela, que queriam apoiá-la - e ela não conseguia ficar nem mais um minuto nessa reunião de 'amigos para sempre'.

Seus olhos ardiam com lágrimas. Hannah rapidamente pegou a bolsa, se virou e correu para o carro. Cantando pneus ela saiu em direção a St. Mary's Port.

Quando avistou as primeiras casas do vilarejo, ela se acalmara um pouco. Depois de estacionar o Datsun na rua principal ela foi até o Safeway para pegar umas batatinhas, sorvete e pizza. Felizmente, Paul e Sarah não estavam por perto quando ela voltou à cabana. A última coisa que ela queria agora era bater papo com os vizinhos.

Quando sentou nos degraus da varanda e comeu algumas colheres do sorvete, Hannah começou a analisar a conversa com Sani. Como ele teria encarado sua visita? Com certeza ele sabia porque ela estava triste. Afinal de contas, Josh contava tudo a ele, então ele provavelmente não deixou um evento tão importante de fora.

Sani a trairia e contaria a Josh sobre a maldição? Não era provável. Ela sentia que podia confiar nele apesar de ele ter uma conexão misteriosa com Josh. Sani não tinha culpa disso - ela só se apaixonara desesperadamente por um cara que tinha segredos que não queria compartilhar.

Dois

– Então. Onde e quando vamos nos encontrar hoje? – Hannah perguntou a Bem, sentando-se à mesa e folheando uma revista com um desinteresse forjado. Era quase meio-dia e ela acabara de sair da cama. Ela ficara acordada até tarde para esperar Ben e os outros retornarem de Naabi'aani. E também porque ela receava dormir e sonhar com coisas que mandara preferia esquecer. Quando se arrastou para a cama às duas da manhã, ela estava principalmente chateada e brava, e ainda estava agora. Claro que o Josh tinha todo direito de terminar tudo, mas ele poderia pelo menos ter tentado ser menos *babaca* a respeito. Em relação a hoje sua cabeça estava feita – quando Josh aparecesse ela não lhe daria nenhuma atenção especial. Afinal de contas, sua vida estava muito bem antes de encontrá-lo. Não era o fim do mundo.

– Josh me ligou da casa da tia dele – Ben tentou medir a reação de Hannah. – Ele disse que vai estar aqui às três.

– Aham – Hannah respondeu seca fingindo estar interessada na revista. – E Yazzie?

– Ele tem que terminar umas coisas na loja antes. Vamos encontrá-lo no parque. O parque de diversões abre oficialmente às oito.

– Legal.

– Talvez possamos sair para jantar antes? – sugeriu Ben.

– Claro – resmungou Hannah.

– Não precisamos ir – Ben voltou atrás.

De repente ela sentiu pena do irmão. Ele estava se esforçando, mas não sabia como lidar com a situação assim como ela. Ficar emburrada com Ben não resolveria nada. A pessoa responsável pelo mau humor dela nem estava ali ainda.

– Parece uma boa ideia – ela disse sorrindo. – Onde vamos?

– A gente dá uma olhada quando chegarmos lá. – Ele retornou ao fogão para mexer seus ovos. – Quer um pouco?

Hannah suspirou. Ela não comia nada desde o sorvete da noite passada. Ela não estava com muita fome. Tudo bem, Josh partira

seu coração, mas pelo menos ela quebrara seu recorde pessoal de perda de peso. Que tal isso de café da manhã, Dr. Atkins?

– Sim, claro – ela respondeu sem entusiasmo.

Depois do café da manhã Hannah se demorou no banheiro e tomou um banho quente que aqueceu seu corpo todo. Isso não removeria o gelo de seus ossos, nem limparia as frias memórias que ela tinha de sua última tarde com Josh, mas ela se confortou.

Hannah enxugou algumas lágrimas dos olhos, se secou e foi para seu quarto. Ela escolheu um vestido florido de cor vibrante de propósito para que parecesse mais alegre.

Assim que acabou de aplicar a maquiagem, ela ouviu uma moto. Hannah paralisou e olhou para si mesma em pânico absoluto no espelho. Sua mão agitou-se em direção ao celular. Duas horas. Droga, ele estava adiantado.

Hannah se repreendeu por tomar um banho tão longo que podia irrigar o Saara inteiro. Ela queria ir para a praia e dar a Ben uma chance de conversar com Josh em paz sem que ela ficasse sentada olhando para ele com olhos fumegantes. Essa ideia estava descartada.

Ben bateu em sua porta. – Han? Ele já chegou.

Hannah abriu a porta relutante. – Eu sei.

Com o coração palpitando no peito ela foi para a cozinha enquanto Ben saía para a varanda.

– Ei, Josh – ele chamou com a voz artificialmente alegre.

Cautelosamente Hannah deu um passo atrás quando Josh olhou para a porta da cozinha. Ele deve ter sentido o peso do olhar dela.

Com o restinho de suas forças ela respirou fundo, se endireitou e colocou um sorriso falso no rosto enquanto ia lá para fora. Ela podia fazer isso.

– Oi, Josh – ela disse tão composta que ela mesmo se impressionou.

Os olhos de Josh se demoraram na máscara de 'você-não-pode-me-ferir' que ela usava. – Oi, Hannah – ele respondeu com um sorriso forçado.

Ela se encolheu. Ele nem conseguia *sorrir* de verdade para ela. E o jeito como ele disse seu nome - era tão frio e distante que ela poderia estar na lua em vez de na varanda. Seus olhos não

demonstravam nada do que se passava na cabeça dele. Era como se ela encarasse uma parede.

Hannah rapidamente olhou para o outro lado e sentou à mesa. A praia poderia esperar. Ele não a afugentaria tão fácil assim.

Ben e Josh subiram os degraus. – Vou pegar uma bebida – ele murmurou e se aproximou da porta.

– Pode me trazer uma garrafa de água? – Hannah disse debilmente. Ela esperava que Josh fosse seguir Ben até a cozinha, mas ele não foi. Sentindo náuseas ela o observou afundar em uma cadeira na frente dela. Dois estranhos usando máscaras se encaravam por sobre a mesa.

– Então, como vai você? – ele perguntou finalmente.

Como ele *achava* que ela estava? – Estou bem – ela respondeu secamente.

Josh assentiu. – Você... – ele começou e parou olhando para ela insegura.

– Eu o quê? – ela sussurrou. A parede pareceu ruir.

– Você teve algum pesadelo recentemente? – Ele manteve os olhos na luminária em cima da mesa para evitar encará-la.

– Não, não mesmo – ela conseguiu grunhir.

Ben voltou da cozinha com bebidas para todos. – Então, como foi Tuba City? – ele perguntou a Josh claramente tentando ignorar o incômodo entre eles.

– Foi tudo bem. Vi alguns quartos no campus. Peguei alguns folhetos para ler em casa antes das aulas começarem. E como foi o Desfiladeiro de Chelly?

– Tudo bem – respondeu Ben. 'Tudo bem' estava perdendo o significado devido a mediocridade dos dois. – O tempo estava bom, fizemos um passeio pelo cânion, dormimos em um *hoghan*. Pacote completo.

Josh deu um sorriso maçante. – Qual acampamento?

– Spider Rock – Hannah falou decidindo participar da conversa.

– Nosso *hoghan* tinha vista para o desfiladeiro. Fizemos uma caminhada noturna pelo topo e chegamos a um platô de rocha com uma vista magnífica do Desfiladeiro de Chelly. – Ela parou e olhou para a garrafa de água em suas mãos.. – É um lugar que vi em meus sonhos algumas vezes – ela soltou. – Estranho, né?

– É – disse Josh parecendo tão insípido que ela sentiu na alma. Enquanto Ben e Josh tentavam manter essa farsa de conversa leve ela fechou os olhos e lembrou o platô onde ela estivera com Josh. O sangue correu em seus ouvidos e Hannah abriu os olhos de repente. Ela tinha que parar de fazer isso consigo mesma. Estava acabado. Eles tinham terminado.

– Você ainda tem meu CD do Blackfire? – Josh perguntou a Ben.

– Sim. Está no rádio do carro. Eu pego antes de você ir embora.

– Deixa lá mais um pouquinho – Hannah disse a Ben com um meio-sorriso. – Para ouvirmos a caminho do parque de diversões.

– Oh. Então você vai hoje à noite? – Josh perguntou com voz monótona.

Ela piscou os olhos sem parar. Que *ousadia*! Foi ele que a convidou para ir ao parque de diversões em Page para começo de conversa. Ele não podia fazer isso com ela.

Hannah perdeu o fôlego enquanto lutava para conter as lágrimas que ela não conseguia mais evitar. Ela tinha que sair dali - agora.

Ela se levantou desajeitada. – É, vou junto. Mas não vou mais incomodá-los. Vou para a praia, ok? – A última palavra pareceu um soluço.

Enquanto Ben a olhava impotente, Hannah se virou e fugiu para o quarto. Ela bateu a porta e despencou na cama. Seu corpo se contorcia com o choro. Josh era tão idiota. Será que ele gostara mesmo dela se era capaz de ser tão maldoso agora? Lágrimas escorriam por sua face até o travesseiro no qual enterrou o rosto.

De repente Hannah ouviu passos entrando na cozinha. Ofegante ela tentou parar de chorar. Ela podia ouvir Josh e Ben conversarem através da porta.

– Quer mais uma bebida? – Ben perguntou seco.

– É. Suco de laranja, se tiver – Josh respondeu igualmente seco.

Hannah ouviu Ben abrir a geladeira. As garrafas na porta fizeram barulho. Ele bateu os pés até o armário, pegou dois copos e os colocou com força na mesa da cozinha.

– Olha só – sua voz se ergueu. – Que *diabos* você acha que está fazendo com minha irmã?

Silêncio permeava a cozinha. – Precisamos de espaço. – Josh respondeu afinal. – Acredite em mim, é melhor assim.

– É, esse é meu problema, isso aí – Ben disse teimosamente. – Eu *não* acredito em você. Te conheço há anos e sei que tem seus humores. Caramba, Josh, nós praticamente crescemos juntos. Você é meu irmão, meu melhor amigo. Mas agora estou perdido. Não te entendo mais. Por que está sendo tão idiota?

Hannah ouviu boquiaberta enquanto seu irmão passava um sermão em Josh. Ela nunca ouvira Ben assim. Normalmente ele era tão amigável e gentil. Mas ele claramente não ia deixar isso passar.

– Será... – a voz de Josh falhou. – Será que Hannah não pode aceitar que não quero mais estar com ela desse jeito?

– Não, ela não pode, seu idiota. Porque não faz sentido. Eu vejo como olha para ela. Como *ainda* olha para ela.

O coração dela começou a palpitar no silêncio que seguiu.

– Não, não me olhe assim – Ben continuou. – Você está tentando afastá-la demais, mas eu te conheço muito bem. Não pode me enganar. Não sei o que está aprontando, mas se continuar tentando afastá-la, vocês dois vão se machucar.

Josh suspirou. – Acredite, a última coisa que quero é machucá-la.

– É. Mas ainda está na lista, aparentemente.

– Não posso explicar.

– Tente.

Os dois rapazes pararam de falar e o silêncio se alongou.

– Se eu dissesse a ela o que está acontecendo – Josh disse finalmente – ela concordaria comigo.

– Então diga. Está na hora de amadurecer, cara. Você não deve decidir a vida dela. Hannah é perfeitamente capaz de fazer isso sozinha.

Hannah mordeu o lábio enquanto lágrimas enchiam seus olhos. Ela ainda não fazia ideia do que acontecia com o comportamento esquisito de Josh, mas pelo menos ela sabia que ele ainda sentia algo por ela.

– Tudo bem – Josh disse determinado.

Hannah sentou de um salto quando o ouvir se dirigir ao quarto dela. Ela tentou secar as lágrimas dos olhos. Claro que seu rímel tinha escorrido. Ela provavelmente parecia um guaxinim deprimido.

Naquele momento a porta abriu e Josh entrou. Sem dizer nada ele a puxou da cama para seus braços. O coração dela cantou no abraço dele. Enquanto sua mão acariciava o peito dele, ela sentiu a batida rápida do coração dele nas pontas dos dedos. Ele estava muito assustado. Tão vulnerável e triste.

– Não quero te perder – ele sussurrou. – Eu... estou apaixonado por você. – Ela a beijou suavemente.

Uma das lágrimas dele caiu na bochecha dela e Hannah sorriu contra seus lábios. – Está fazendo meu rímel escorrer ainda mais – ela meio riu, meio soluçou. – Agora eu pareço *mesmo* uma desvairada.

Ele riu nervoso. – Desculpe. – Ele pressionou os lábios contra os dela mais uma vez. – Desculpe, *shan díín*.

Ele se agarrou a ela como se ela fosse um bote salva-vidas no mar revolto das emoções dele. Os minutos passaram enquanto eles ficavam assim.

– Pode me perdoar? – Josh murmurou contra os lábios dela.

– Sim. Mas só se me prometer que vai começar a falar. E quero dizer falar *mesmo* – ela insistiu.

Ele abaixou os olhos e suspirou. Por um segundo ela não sabia qual seria a resposta dele e seu estômago revirou. Mas quando Josh ergueu os olhos de novo, ela sabia. Ele não queria mais afastá-la. Seu olhar era de determinação.

– Eu prometo – ele disse simplesmente.

– Obrigada – ela sussurrou. – Por sua confiança.

Eles sentaram juntos na cama. Hannah se aconchegou a ele. Tantas perguntas estavam na ponta de sua língua, mas a pergunta mais importante já fora respondida - ele ainda a amava.

Uma batida discreta na porta fez os dois se sentarem direito. – Ainda estão vivos aí? – perguntou Ben.

– Vivinhos da silva! – Josh gritou de volta. – Entre.

Ben abriu a porta sorrindo e olhou o rosto feliz de Hannah. – Gostei da maquiagem gótica, mana.

Hannah caiu na risada. Isso era bom, como se ela pudesse respirar de novo pela primeira vez há dias. Ela se levantou para dar um abraço longo e amoroso em Ben. Quando ela soltou, Josh colocou a mão no ombro de Ben.

– Valeu, cara – ele murmurou. Eles trocaram um olhar que dizia a Hannah que Josh estava em dívida com seu melhor amigo e Ben não permitiria que ele a machucasse nunca mais. Ela nunca vira seu irmão tão sério.

– Tudo bem, saiam – ela disse aos dois. – Quero renovar a maquiagem. Por razões óbvias.

Ben e Josh sorriram. – Estaremos na varanda – Josh disse e deu um beijinho na testa dela.

Hannah esfregou as manchas pretas das bochechas. Ela colocou nova maquiagem e passou um pente no cabelo antes de pegar o celular e mandar uma mensagem para Emily, Nick, Amber e Ivy: 'Acredite se quiser, mas Josh e eu estamos juntos de novo :) Felicidade!! Xx Han.'



Hannah passou o resto da tarde com Josh. Eles não estavam sozinhos, pois Ben se juntou a eles na praia onde encontraram Amber e Ivy. Josh prometera que eles conversariam naquela noite depois do parque. Parecia uma boa ideia - primeiro eles deveriam relaxar. Josh precisava. A perspectiva de conversar com ela sobre seu estranho comportamento claramente o deixava tenso.

Depois de se encontrarem com Yazzie em uma hamburgueria, o quarteto estava pronto para explorar o parque de diversões. Josh e Hannah andavam de mãos dadas e Ben e Yazzie os seguiam. Ben tinha um grande sorriso no rosto, pois adorava parques de diversão. Hannah não era muito fã - ela passava mal em montanhas-russas - mas felizmente também havia carros de bate-bate e uma enorme roda gigante.

– Ei, olhe, tem uma casa mal-assombrada também! – Ela apontou um castelo cinza falso com torres, uma ponte levadiça de madeira e cabeças de plástico decapitadas em estacas, com olhos saltados e línguas de fora.

– Essas coisas parecem tão falsas que me fazem rir mais que qualquer coisa – Josh sorriu e olhou para a decoração supostamente repugnante. – Quer entrar?

– Sim, mais tarde. Olhe só a fila!

A roda gigante não tinha tantos visitantes aguardando na fila, então Josh e Hannah foram para o outro lado do parque. Ben apontou para a rápida montanha-russa em um canto. – Por que vocês não fazem um passeio romântico na roda gigante? Eu e o Yaz vamos na 'Cobra Mortal'. Certo? – Ele cutucou o primo de Josh nas costelas.

– Aproveitem – respondeu Hannah. Ela observou Ben e Yazzie entrarem na fila para a montanha-russa que ela não iria nem se ganhasse um milhão de dólares e se virou para Josh quando ele passou o braço por sua cintura. – Que tal um algodão doce antes da roda gigante? – ele disse.

Eles compraram algodão doce na barraca de doces para levar consigo até a roda gigante. Quando saíram de novo, eles viram Ben e Yazzie na barraca de tiro como haviam combinado. – Curtiram a Cobra? – Hannah perguntou ao irmão.

– Pode apostar. Yazzie vai comigo mais uma vez.

– Bom, melhor ele do que eu.

– E você, Josh? – Ben desafiou o amigo com uma piscadela.

Josh sorriu. – Qual é? Não posso abandonar minha namorada, posso? Ela quer ir na casa mal-assombrada.

– Sim, claro. Vamos fingir que acredito nisso.

Josh pegou a mão de Hannah quando caminhavam para a bilheteria para comprar ingressos de um cara vestido de monstro de Frankenstein. Quando foi a vez deles de entrar, eles cruzaram a ponte levadiça que levava à entrada do castelo. Hannah gritou quando um zumbi com uma serra elétrica apareceu do nada na frente deles.

– É... é uma serra falsa, certo? – ela gaguejou.

Josh a protegeu do zumbi assassino e sorriu para ela. – Espero que sim. Senão, veremos o dono dessa pocilga no julgamento.

Hannah riu. Eles passaram bem longe do ator e continuaram seu caminho para o castelo mal-assombrado. O corredor estreito era escuro e lúgubre. Teias de aranha fizeram cócegas no rosto de Hannah quando ela continuou em frente. Aranhas fluorescentes estavam penduradas no teto com elásticos. Um grito medonho ecoou no cômodo quando um fantasma translúcido apareceu em um espelho na parede seguido de um estrondo que parecia um canhão.

Hannah agarrou a mão de Josh quando o corredor ficou ainda mais estreito. Almofadas de ar projetavam-se dos dois lados e tornavam o trajeto mais difícil. De acordo com as placas acima de suas cabeças, eles precisavam enfrentar esse túnel para chegar à câmara de tortura.

– Bom, não queremos perder isso, certo? – Josh gargalhou e colocou a mão no braço dela para equilibrá-la quando entraram no túnel acolchoado.

Hannah ficou perto dele e tentou o melhor que pode se espremer para passar. Após dez passos, o espaço entre as almofadas era tão apertado que ela tinha dificuldade de se mover. Quando seu pé acertou uma irregularidade no chão, ela tropeçou. A mão de Josh escorregou de seu braço direito. Ela não voltou.

– Josh? – ela chamou baixinho. – Espere.

Sem resposta. De repente ela percebeu como o castelo estava quieto. Sem visitantes gritando, sem fantasmas tagarelando, sem serra elétrica ao fundo. Uma sensação abrupta de tontura fez seu estômago revirar. Ela tentou dar um passo à frente, mas uma estranha pressão em seu peito fez ela perder o fôlego.

E então ela sentiu uma mão em seu braço esquerdo.

Sua coluna se enrijeceu e sua pele gelou com o toque daquela mão que não poderia pertencer a Josh. Ele deveria estar do outro lado túnel se estivesse voltando para ela.

– Quem está aí? – ela gritou com a voz falhando. Desesperadamente ela tentou olhar atrás de si, mas estava escuro - mais escuro do que se lembrava. Um arrepio percorreu seu corpo todo e de repente tudo o que ela queria era correr. Para se afastar desse lugar assustador.

Hannah puxou o braço com toda força da estranha mão que a forçava pelo túnel. Suada e ofegante, ela empurrou o acolchoamento com as mãos e os braços. Aos poucos ela conseguiu ir para a frente, mas o medo dentro dela não se dissipava.

De repente ela tropeçou para um cômodo pouco iluminado com paredes nuas que não parecia uma câmara de tortura. Ela não via Josh em lugar algum. Com a garganta seca de pânico Hannah olhou

para a esquerda e para a direita. Onde diabos ela estava? O que estava acontecendo?

Um som que gelou seus ossos fez Hannah olhar por sobre o ombro. Seu coração parou. O grunhido baixo e de outro mundo vinha de uma pequena abertura no túnel acolchoado.

Tinha uma sombra. Uma sombra familiar. Ela podia ver o contorno de uma criatura misteriosa crescendo nos poucos segundos que demorou para ela tropeçar para trás. Ela pressionou os ombros contra a parede mais distante do cômodo para se afastar do monstro.

Seus olhos se arregalaram quando pontos brilhantes e vermelhos em forma de olhos surgiram na cabeça da aparição. A sombra tremulou no ar.

– Não. Não. *Vá embora!* – ela gritou e sua voz se ergueu em um guincho agudo quando a sombra deslizou pelo ar em sua direção e pairou sobre ela em um piscar de olhos.

– Não – ela berrou. – Me deixe... em paz. – Suas palavras viraram um sussurro quando o skinwalker começou a rir baixinho. Era um som ameaçador e apavorante que a abalou completamente. Hannah podia sentir o bafo gelado dele em seus lábios como um beijo da morte.

E então ela percebeu – ela esquecera de trazer o amuleto. Na correria da tarde Hannah nem pensou em colocar a proteção de Sani em volta do pescoço. O amuleto ainda estava em sua bolsa – e sua bolsa estava no porta-malas do carro.

Ela estava sozinha e não tinha nada para se proteger.

– Ninguém pode ajudá-la – a voz do skinwalker ecoou em sua mente. Um soluço apavorado escapou de sua garganta. O medo a paralisou como um veneno lentamente se espalhando por suas veias.

– Josh – ela sussurrou. – Ben... – ela colocou o punho fechado na boca para não gritar de terror quando viu que a sombra se aproximou mais. Seu coração batia tão rápido que ela temia uma parada cardíaca.

O skinwalker chegou tão perto que sua sombra bloqueou tudo o mais. Suas garras estendidas arranharam seu rosto. Ela sentiu uma

pontada na bochecha e sangue escorreu pela mandíbula. Ainda em pânico ela tentou se afastar de seu atacante.

E então ela viu algo flutuar no ar com o canto do olho. Algo azul. Caramba - era uma *borboleta*?

– Olhe para sua mão. – De repente havia uma segunda voz calma em sua mente que conversava com ela de lugar nenhum. – Conte seus dedos.

Hannah obedientemente ergueu a mão em frente ao rosto. Ela não fazia ideia de porque deveria, mas a voz parecia tão confiável e nesse momento ela precisava de toda ajuda que conseguisse. Ela franziu a testa e ficou fascinada. Ela encarou a própria mão. Ela não conseguia contar os dedos. A imagem estava embaçada.

– Seis – ela finalmente engasgou. – Seis dedos?

Isso não era real. Era um sonho.

Emily dissera que os *yenaldlooshi* entravam nos sonhos das pessoas para levá-las à loucura. Hannah lembrou que Ben lhe disse como ela poderia acordar de um pesadelo.

– Isso não é real! – ela gritou em alto e bom som. Ofegante, ela encarou a sombra que se assomava acima dela e então seus olhos se abriram de verdade.

Hannah engoliu em seco. Ela nunca saía do túnel acolchoado e Josh a puxava para a câmara da tortura.

– Estava presa? – ele riu. – Você ficou, tipo, congelada de repente.

Hannah ficou boquiaberta. Aparentemente seu pesadelo durara apenas alguns segundos - Josh nem notara que algo estava errado. Gemendo ela colocou os braços ao redor da cintura e pressionou o rosto contra o peito dele.

– *Shan díín?* – ele sussurrou perplexo. – Você está tremendo! Está mesmo assustada?

– Quero ir embora – Hannah gaguejou com uma nota de histeria na voz. – Por favor, Josh, vamos embora. Agora. *Por favor.*

Ele não perguntou mais nada. Ele deu uma olhada rápida no local e encontrou uma saída de emergência no canto da câmara de tortura. Eles cambalearam para fora, desceram uma escada estreita de metal e terminaram em um gramado atrás da casa mal-assombrada. Hannah tentou controlar a respiração e se segurou em

Josh como se seu braço estivesse coberto de ventosas. Ela não conseguia parar de tremer. Nunca em toda a sua vida ela estivera tão assustada.

– O que aconteceu? – Josh perguntou baixinho passando a mão no cabelo dela. – Desculpe ter soltado de você. Eu tropecei.

Ela balançou a cabeça. Josh não poderia ter evitado. Ela era a idiota que havia esquecido de trazer a única coisa que tinha para se proteger de um ataque dos skinwalkers. Com os dentes batendo ela não conseguia formular uma frase decente.

– O que aconteceu com sua bochecha? – Josh disse com uma careta. Seu dedão tocou a pele dela e ela se retraiu.

– Por quê? O que você vê? – ela sussurrou.

– Um arranhão – ele respondeu. – Você está sangrando um pouquinho.

O estômago dela revirou. Mas tinha sido um sonho. Como diabos ela poderia estar machucada? Isso era absurdo. Impossível.

– Vamos para a entrada – ela sugeriu debilmente. Ela não fazia ideia quanto tempo eles ficaram lá, mas ela queria ver Ben e voltar para o carro o quanto antes.

– Vamos lá – Josh murmurou e colocou um braço em volta dos ombros dela enquanto se dirigiam para a frente da mansão. Ben e Yazzie esperavam por eles e Ben tinha um enorme urso de pelúcia embaixo do braço. Com um sorriso ele o ofereceu a Hannah. – Olha só o que ganhei no jogo de tiro, mana. É para você.

Hannah forçou um sorriso fraco e trêmulo. – Obrigada.

Ben ergueu as sobrancelhas. – O que está acontecendo? Parece que você viu um fantasma.

– Bem observado, Einstein. – ironizou Yazzie olhando para a casa mal-assombrada atrás deles.

Ben deu-lhe um tapinha. – Não assim, idiota.

– Alguém estava... – Hannah engoliu em seco e agarrou o urso de Ben nos braços. – Alguém estava atrás de mim.

– Não era parte da atração? – Yazzie perguntou sem jeito. – Aquele negócio de 'zumbis-comedores-de-cérebros-estão-atrás-de-mim'?

– Não. Era outra coisa. – Ela olhou para o chão se sentindo uma idiota. O que ela deveria dizer a eles sem parecer uma lunática?

Ben provavelmente a carregaria para o manicômio mais próximo se ela contasse a verdade.

Um arrepio inexplicável percorreu seu corpo. Quando olhou de volta para cima, ela viu três pessoas atrás de Ben e Yazzie. Eles observavam os quatro em silêncio.

Os olhos dela quase saíram de órbita. Ali estavam eles - os três caras que a assediaram aquela noite no lago. Os skinwalkers como haviam aparecido para ela da primeira vez. Ela os encarou horrorizada.

Ben seguiu seu olhar e se virou. Ele avistou o trio. – Hannah? Aqueles caras são...

Ela assentiu, ainda sem fala.

– *Ha'íih?* Que foi? – Yazzie olhou inquisidoramente para Josh. Josh ficou olhando os três caras atrás deles que ainda encaravam ele e Hannah com intenção assassina, sem piscar.

– Esses são os babacas que incomodaram Hannah no lago quando ela estava isolada. – Ben exclamou furioso.

– *Nida'ásh?* Mesmo? – Yazzie também se virou. – Então o que estamos esperando? Vamos dizer a eles para deixar sua irmã em paz. – Ben e Yazzie deram um passo na direção deles que de repente saíram do transe e mergulharam na multidão como um só, movendo-se como uma matilha de lobos.

– Ei! Parem onde estão! – gritou Ben. Ele e Yazzie correram atrás dos fugitivos.

Hannah olhou de lado e viu como Josh estava pálido.

– Esperem! – ele chamou os amigos. Por um momento ela achou que ele se juntaria aos dois, mas não o fez. Ele ficou onde estava com um braço protetor em volta da cintura dela e a boca numa linha fina. Quando ele se virou para ela, seu olhar desesperado fez o coração dela parar.

– *She'at'eed* – ele disse baixinho e respirou fundo como se tivesse se preparando para alguma coisa.

– Sim? – ela respondeu nervosa.

– Está com o amuleto de Sani?

Hannah o olhou atordoada. Então... Josh sabia da maldição. Sani deve ter contado para ele, mas nesse momento ela nem se

importava mais. Ela só estava contente de que não tinha que explicar nada agora - ela estava muito abalada para isso.

– No carro – Hannah gaguejou envergonhada. – Desculpe. Eu coloquei na minha bolsa e esqueci de trazer para o parque.

Sem dizer palavra Josh puxou um saquinho de couro do bolso do bolso da calça e despejou o conteúdo na palma de uma mão. Ela reconheceu o negócio. Era pólen de milho - um remédio poderoso para proteção na tradição Navajo.

Josh esfregou o pólen nas mãos e esfregou nos ombros dela. Ela olhou para ele e seu olhar fez ela gelar por dentro. Ele parecia ultrajado e derrotado ao mesmo tempo.

– Está bravo comigo? – ela murmurou segurando o ursinho em suas mãos trêmulas. De repente ela se sentia pequena e estúpida. Por que ela não havia prestado mais atenção?

Ele parou de esfregar seus ombros por um momento para colocar uma mão carinhosa em sua bochecha. – Não... não com você – ele murmurou. Ele se inclinou na direção dela e deu um beijo suave e delicado em sua boca.

Nesse momento Yazzie tropeçou na direção deles ofegante e olhando por cima do ombro.

– *Haidzaa?* – Josh perguntou com voz tensa. – O que aconteceu?

– *Yóó ííjéé* – respondeu Yazzie. – Eles saíram correndo.

– Onde está Ben? – exclamou Hannah.

– Ele continuou correndo atrás deles. – Yazzie ainda estava tentando recuperar o fôlego. – Fomos atrás daqueles caras até que chegaram na área com árvores na borda do parque. Foi quando eu tropecei em uma pedra. – Ele esfregou o tornozelo. – Não conseguia nem andar direito, quanto mais correr. Ben me disse para esperar ali até que ele voltasse, e correu atrás deles. Eu fiquei lá, mas Ben demorou para voltar.

– Então cadê ele? Hannah insistiu.

Yazzie hesitou. – Ele ainda está lá. Ele voltou e sentou no chão ao meu lado, mas não disse nada.

– Ele está machucado? – perguntou Josh.

Yazzie balançou a cabeça. – Não, cara. Só... *T'óó náá'áyóí*. Foi a coisa mais estranha. Ele só ficou sentado lá, quieto. Me assustou,

porque parecia que ele estava meio que em choque. – Ele estremeceu e agarrou Josh pelos ombros. – Vamos atrás dele juntos. Não quero movê-lo.

No caminho para lá, Hannah sentiu um aperto gelado no coração. O que acontecera com Ben? Ela não queria pensar nisso, mas talvez os *yenaldlooshi* haviam feito alguma coisa com seu irmão, amaldiçoando-o também pois ele tentara ajudá-la.

Eles encontraram Ben embaixo de um pinheiro abraçando os joelhos e olhando para o nada. Hannah correu em direção ao irmão e ajoelhou ao seu lado. – Ben? – ela o sacudiu gentilmente. – O que foi? Está machucado?

Ele balançou a cabeça. Ela ficou contente de ver que pelo menos conseguia tirar alguma coisa dele, mas não era muito. Yazzie tinha razão - Ben parecia completamente abalado.

– Quer ir para casa? – ela tentou.

Ben olhou para ela com olhos cansados. – É. Vamos para casa.

Ela o ajudou a ficar em pé. Josh o apoiou quando ele deu alguns passos cambaleantes na direção do parque.

– Para onde aqueles caras correram? – Yazzie perguntou confuso.

– Não quero falar nisso – Ben disse rispidamente. Hannah engoliu em seco e murmurou um 'desculpe' para Yazzie. Ele deu de ombros e assentiu.

No caminho de volta para o carro, a mente de Hannah girava. Tanto acontecera hoje - seu cérebro não conseguia mais lidar. Ben parecia assustado e perdido. Ela queria conversar com ele o mais rápido possível.

– Fui – Yazzie disse quando chegaram ao Mustang. – Meu carro está mais a frente. – Ele colocou a mão no ombro de Ben. – Pegue leve.

– Tá. – Ben não olhou Yazzie nos olhos.

Yazzie se virou para Josh. – Até mais, *shitsíí. Hazhó nídeiínóhkááh*. Vá em segurança.

– *Hágoónee shínaaí* - Josh acenou para o primo antes de ajudar Ben a sentar no banco de trás.

Eles foram para St. Mary's Port em silêncio, todos perdidos em pensamento. Hannah tinha seu ursinho no colo e apertava o

amuleto de Sani nas mãos. Algumas lágrimas solitárias escorreram por suas bochechas e pousaram na pelúcia do bichinho. Apesar de Josh estar de volta em sua vida, as sombras que a perseguiam não iam embora.

– Durma bem – Josh disse ao amigo quando Ben subiu desajeitado os degraus da varanda. – Te vejo de manhã.

Hannah mordeu o lábio. Ela nunca vira o irmão tão confuso. O que havia acontecido?

Josh pegou a mão dela. – Você... quer conversar agora? – ele hesitou.

Hannah balançou a cabeça. Ela estava tão cansada e tão assustada ao mesmo tempo que não conseguia sentir curiosidade. – Estou exausta. Vamos fazer isso amanhã?

Ele gentilmente acariciou sua bochecha e a puxou para um abraço. – Tudo bem. Amanhã de manhã, então. Estarei aqui assim que puder.

Parada na cozinha ela observou Josh ir embora.

– Ben? – ela chamou e deu uma batidinha em sua porta.

– Agora não – respondeu Ben. – Por favor, Han. Eu... falou com você de manhã.

Os ombros de Hannah caíram. Ele não era assim. – Claro – ela responder de qualquer jeito e tentou parecer animada. – Vou para a cama.

Em seu quarto ela se jogou na cama ainda totalmente vestida e fechou os olhos. O amuleto ainda estava ao redor de seu pescoço e ficaria ali pelo resto da noite contra a pele, perto de seu coração. Seu filtro dos sonhos balançava na leve brisa que entrava pela janela enquanto ela adormecia. Ela se mexia silenciosamente com o turbilhão de seus pensamentos inquietos.

Três

No minuto em que abriu os olhos na manhã seguinte ao parque de diversões, Hannah sentiu-se imediatamente apreensiva de novo.

Arrastando-se até a cozinha, ela pegou as chaves da mesa e destrancou a porta; um calafrio percorreu seu corpo. Era a primeira vez que ela trancava a porta à noite nesse lugar. Não fazia sentido, claro. Fechaduras em portas não parariam os skinwalkers – eles tinham o poder de invadir seus sonhos.

Franzindo a testa Hannah pisou na varanda e pensou sobre a terrível visão que tivera na casa mal-assombrada a noite passada. Ela não queria pensar no que poderia ter acontecido se ela não tivesse acordado. Aquela estranha voz em sua mente a salvara. Será que pertencia à borboleta azul que ela vira?

Assim que pisou de volta na cozinha para pegar um pouco de café, a porta do quarto se abriu e Ben entrou com o rosto tão pálido quanto na noite passada.

– Ei! – ela deu-lhe um abraço apertado. – Como dormiu?

– Não muito bem.

– Bom, sente-se. Vou fazer um café para você.

Ele assentiu ainda taciturno e distante. O que acontecera com ele? Ela estava começando a ficar realmente preocupada. Esse não era o Ben que ela conhecia.

– Tudo bem. Desembucha. – Ela disse ríspida depois de colocar uma caneca de café fresco na frente dele. – Você não pode ficar assim para sempre.

Ben deu um suspiro longo e tomou um gole do café. Ele pigarreou e olhou de relance para ela.

– Algo... – ele hesitou e olhou-a com desespero. – Algo aconteceu ontem à noite.

– Alguma coisa que te assustou.

– É. – Ele deu outro suspiro frustrado e bateu a caneca na mesa.

– Desculpe estar tão esquisito, mas você *não* faz ideia do que eu vi a noite passada. Acho que estou ficando maluco. O que eu vi... você não pode nem começar a imaginar.

– Ei, obrigada por dar tanto crédito à minha imaginação.

Ben deu um sorriso fraco. – Eu te conto. Mas por favor, não ligue para o psiquiatra. Promete?

Ela pegou a mão dele. – Eu prometo.

– Aqueles caras não eram humanos. – Ben respirou com força e esfregou o rosto. – Caramba, eu falei essas palavras.

– Continue – ela encorajou.

Ben ficou com o olhar distante. – Eu fui atrás deles. Depois que Yazzie tropeçou, sabe. Eu queria dar um aviso, dizer para eles te deixarem em paz de agora em diante. Acabamos na floresta - na beira do parque...

No silêncio que seguiu Hannah podia ouvir o tique-taque do relógio.

– Eles se viraram e me encararam. E aí o cara do meio ficou com os olhos vermelhos brilhantes. – Ben engoliu em seco e pegou na mão dela. Ele deu um passo na minha direção e ele tinha esse sorriso assombroso. Me olhou como se me conhecesse. Como se eu fosse um antigo inimigo. Acredite, fiquei morrendo de medo.

Sua fala chiou, mas ela tentou se manter impassível. – Pode continuar.

Ben fechou os olhos. – Piora. Ele... ele se transformou em um coioote. De repente havia esse animal parado na minha frente, Han. E daí só tinha três sombras. E *daí* eles desapareceram num piscar de olhos e eu fiquei sozinho. – Ele soltou uma risada. – Viu só? Fiquei pinéu. Pirado. Preciso de ajuda.

– Eu já pedi ajuda – soltou Hannah.

Ben pareceu chateado. – O... o quê?

– Não. Não para você – ela o assegurou rapidamente. – Para mim. Aquelas criaturas estão atrás de *mim*. Eu estou... amaldiçoada.

– O quê?! – Ben a olhou incrédulo. – Então isso não existe só na minha cabeça?

– Temo que não.

– Então, o que eles querem com você?

Cuidadosamente ela contou ao irmão sobre seus sonhos, seus encontros com os *yenaldlooshi* em suas várias formas e os conselhos que Emily lhe dera. Ela explicou a Ben sobre os supostos

poderes dos skinwalkers e como ela tentara lidar com eles até então.

– Ai, meu Deus – Ben suspirou quando ela acabou de falar. – É bom que eu os tenha visto com meus próprios olhos ou seria muito difícil acreditar em você. Na verdade, eu *ainda* estou com dificuldade em acreditar. Eu não queria que você pensasse que estou louco.

– E agora? Como eles apareceram do nada ontem? – Ele a encarou. – Você os viu na casa mal-assombrada também, não foi?

– Eu não estava usando o talismã do Sani. – Hannah confessou.

Ele franziu a testa. – Mas como se acaba de vez com uma maldição dessas? E por que estão atrás de você especificamente?

– Ainda não sei. A única coisa que o Sani disse é que Josh poderia me ajudar com esse problema.

– Josh pode te ajudar? – Ben olhou para o café em suas mãos. – Sabe, esse cara nunca deixa de me surpreender. Parece que ele carrega um peso nos ombros, algo que não conseguimos compreender. Não ficaria surpreso se ele terminou tudo com você para te proteger de algo em que ele esteja envolvido.

– Como o quê? – Hannah encarou o irmão. Ela ainda não havia considerado essa possibilidade. A maldição – estaria relacionada diretamente a Josh?

– Não sei, mas aposto que eles são seres sobrenaturais. Garotos se transformando em coiotes é coisa paranormal na minha opinião.

– Ele vem aqui para conversar. – Hannah olhou para o relógio. – Mas não sei se posso contar para você o que ele vai me dizer. Não quero trair confiança dele.

– Contanto que você esteja a salvo, não preciso saber de mais nada. – Ben abraçou Hannah e deu um beijo em sua testa. – Foi bom você ter se aberto com a Emily.

– Eu queria falar com você, mas não sabia como.

– Entendo. Então, se Josh pode realmente te dizer como parar aqueles, hã, skinwalkers... – Essa palavra soava estranha em seus lábios. – Você tem que me falar como posso ajudar.

– Pode deixar. – Ela amava tanto seu irmão. Ben a apoiava sem questionar. Ele era incrível e mais aberto do que ela esperava.

Uma hora depois ela ouviu um carro subindo a rua. Ben olhou pela janela. – Aí vem Josh, ele anunciou.

Hannah saiu enquanto Josh estacionava ao lado de seu Datsun. Ela sentiu um formigamento subindo pelas costas enquanto ele subia os degraus parecendo sério.

– Bom dia. – Levemente ele beijou a bochecha dela. – Dormiu bem?

– É. Ben também se sente melhor. Conversei com ele.

Josh deu um suspiro aliviado. – Fico feliz em ouvir isso. Estava bastante preocupado com ele. – Ele olhou para Hannah com uma expressão assombrada. – Tudo vai ficar bem – ele disse lentamente como se, acima de tudo, precisasse convencer a si mesmo.

Hannah notou que as mãos dele tremiam um pouco. – Está nervoso? – Ela perguntou esfregando-lhe os braços.

Ele evitou olhá-la nos olhos, preferindo observar as montanhas ao longe. – Acho que não existe uma palavra para o que estou sentindo nesse momento.

Hannah o abraçou. – Não tenha medo – ela sussurrou contra o pescoço dele. – Você mesmo disse - tudo vai ficar bem.

– Vai ficar, para você e o Ben. Vou garantir isso.

– Para você também. Não sei o que você quer conversar comigo, mas vamos encarar isso juntos.

O olhar dele a deixou inquieta. Era como se ele estivesse se despedindo dela de novo, porém mais deliberadamente dessa vez. Como se ele já estivesse em algum outro lugar mesmo estando aqui ao lado dela.

– Quer ir a algum lugar para conversarmos? – ela perguntou baixinho.

Josh colocou os braços em volta dos ombros dela. – Lone Rock Beach? – ele sugeriu após alguns segundos. – Perto de Wahweap? Lá é calmo. E eu gostaria de ficar ao ar livre.

Hannah assentiu. – Vou pegar minhas coisas. – Ela foi até seu quarto e enquanto arrumava a mochila, tentou acalmar o coração respirando fundo, mas isso não funcionou.

Ontem Josh queria se abrir para ela, mas agora ele parecia com medo dessa conversa. Ele teve uma noite inteira para pensar a

respeito então talvez o efeito da bronca de Ben tivesse perdido a força.

Quando ela saiu novamente, caminhou até Josh que a olhava com um sorrisinho.

– Você é tão linda – ele disse baixinho e a puxou contra ele para beijar seus lábios. – Tão doce.

Ela se encostou nele e retornou o beijo. Antes que pudesse aprofundar o beijo, ela sentiu os lábios dele se mexendo. – *Ayor anosh’ni*.

– Também amo você – ela respondeu. – Suas próprias palavras fizeram suas preocupações se esvaírem. O que quer que Josh fosse dizer a ela, ela sabia que tinha uma ligação com ele mais forte do que já sentira antes. Ninguém tiraria isso dela.

No trajeto para Lone Rock Beach Josh não ligou o rádio, mas Hannah não se importou. Ela observou a solitária paisagem avermelhada passar e de vez em quando lançava um olhar para Josh. Ele estava usando seus óculos escuros, então ela não conseguia ver seus olhos, porém sentia sua inquietação.

Ele estacionou a uns cem metros da entrada da praia e pegou na mão dela quando saíram do carro. Vamos sentar em algum lugar coberto.

Hannah apontou para uma pedra gigante na praia. Josh assentiu e a puxou para lá. Eles sentaram, as costas contra a superfície da rocha e os pés na areia. Hannah podia sentir a tensão no corpo de Josh se espalhando até a mão dela. Ele ainda não soltara sua mão.

– Não sei bem por onde começar. – Ele suspirou e tirou os óculos escuros. Ele olhou para o lago Powell onde a pedra solitária erguia-se da água, iluminada pela luz amarelada do sol da manhã. O vento bagunçou o cabelo dele e a luz do sol tocou seu rosto preocupado.

Hannah interrompeu o silêncio. – Talvez devesse começar me contando sobre aqueles skinwalkers. Sani me disse que você sabe mais sobre eles. E conversei com Ben hoje de manhã - ele também os viu no parque. Em sua forma verdadeira, quero dizer.

Josh respirou trêmulo. – Tudo bem. Existe uma maldição - eu sou o alvo. Soube disso no momento em que retornei da minha

jornada da visão aos quatorze anos. Os *yenaldlooshi* só estão atrás de você por minha causa.

Hannah arquejou. Então Josh era o motivo de ela estar sendo perseguida por seres sobrenaturais? Agora ela entendia porque ele parecia tão desesperado e assustado quando saíram naquela manhã. Ele provavelmente achava que ela ia terminar com ele. Afinal de contas, que gostaria de ser amaldiçoado por estar apaixonado?

Josh manteve o olhar na areia a sua frente. – Por ter me apaixonado por você, eles podem machucá-la. Por amar você, eles *querem* machucá-la. E eles vão continuar tentando até você estar morta.

Hannah congelou. – Eles... eles querem me matar? – Ela disse engasgada e seu coração passou a bater errático. Sem perceber ela balançou a cabeça como que para negar ou apagar as palavras de Josh.

– Você está com medo. – A boca dele formou uma linha fina. – E com razão. Você *deveria* ter medo. Você não faz ideia do que esses monstros são capazes.

Repentinamente ele deu-lhe um abraço apertado. – Não deveria ter me permitido apaixonar por você, mas não pude evitar – ele gaguejou impotente.

Lágrimas encheram os olhos dela. Josh soava tão culpado, temeroso e desesperado.

– Ei – ela murmurou. – Eu não culpo você. Estou *feliz* por você ter se apaixonado por mim. Apesar de tudo.

Ele ergueu a cabeça e a encarou. – Você não tem ideia de como tenho sido cuidadoso. Como estava com medo das coisas darem errado. Quanta raiva senti - o quão triste fiquei quando descobri que aqueles bruxos estavam mesmo atrás de você. Eu encontrei aquele talismã em volta do seu pescoço quando você dormiu no Cânion Antílope.

– Então foi por isso que me deixou.

– Você ainda pode ir embora. Vou entender se fizer isso.

Hannah fechou os olhos e num instante viu o rosto de Josh em sua mente como tinha sido em seu sonho com o platô de rocha próximo do Desfiladeiro de Chelly. Outra vida – uma decisão que

havia lhe causado muita dor. Ela balançou a cabeça, mas Josh pareceu não notar. Ele olhava para longe, sua mente divagando.

– Sempre fui cauteloso em relação a eles. – As palavras escorriam como uma torrente agora que ele finalmente quebrara o silêncio. – Desde que descobri o que poderia acontecer comigo e minha amante. Na verdade, eu simplesmente não me permiti amar ninguém, não depois de tudo que vi na minha jornada da visão. Jurei nunca me permitir amar. – Ele olhou de lado com o cenho franzido. – E então algo inesperado aconteceu. Você veio para St. Mary's Port após dez anos. Ben me falou que você passaria o verão aqui. Estava ansioso para te ver de novo. Na minha cabeça, você era como uma irmã que eu não via há tempos.

Ele sorriu para ela e ela sentiu as bochechas ficarem vermelhas. – Mas não era isso que o destino me reservava – ele continuou. – Quando vi você sentada no carro no posto de gasolina, cantando junto com o rádio com tanto entusiasmo, alguma coisa aconteceu dentro de mim que eu não pude conter. Aquela noite na praia só tornou o sentimento mais forte. Senti uma conexão poderosa com você. Só queria estar perto de você. Ter você em meus braços. Amar você sem reservas. Queria beijá-la, fazê-la gargalhar, fazer amor com você. Me senti jovem – jovem e sem preocupações em sua presença.

Hannah piscou. Parecia que Josh era muito mais velho do que os dezessete anos em que estivera nesse mundo e ela não conseguia compreender como. Entretanto, ela ficou quieta.

– Aquela tarde de quarta-feira na cozinha... – um sorrisinho se insinuou nos lábios dele. – Se você não tivesse se afastado, eu daria o bote ali mesmo. Mas achei que tivesse cometido um erro. Pensei que me visse apenas como um irmãozinho.

– Não, não via. Só me sentia tímida. – Ela corou.

– Bom, aquilo me fez parar ali mesmo e foi aí que me toquei. Estava pronto para dar uma surra em mim mesmo. Não havia pensado no que poderia acontecer. Não havia considerado sua segurança. Decidi manter distância e ver o que aconteceria. – Josh mordeu o lábio. – Naquela quinta de manhã, quando você estava em Page...

– Você me viu parada do lado de fora da loja de música – ela completou para ele.

– Você me viu olhando? – Ele perguntou envergonhado.

– Sim. Mas tinha essa... *barreira* entre nós. Um muro invisível.

Ele visivelmente engoliu em seco. – Eu estava olhando para você quando de repente três sombras estranhas apareceram às suas costas. Foi só por um segundo - elas desapareceram tão rápido que talvez fosse minha imaginação, mas foi o suficiente para me abalar. Eu não fui lá fora conversar com você. Eu queria ter certeza que não estava alucinando com as coisas que temia.

– Por isso ficou tão assustado quando o coioite uivou perto da Ponte do Arco-Íris? E eu tive aquela visão?

– É. Naquele momento eu já suspeitava que os *chindi* assombravam seus sonhos porque Ben me contara que você estava com dificuldades para dormir por causa dos pesadelos.

Hannah olhou para ele se sentindo culpada. – E alguns dias depois você encontrou o talismã no meu pescoço. Você sabia que eu estava escondendo coisas de você. E você sabia que tudo que temia estava mesmo acontecendo. – Ela olhou para os próprios pés. – Sinto muito.

– Você não pode evitar. Eu deveria ter lhe dito antes. Deveria ter te avisado. Não deveria ter envolvido você nisso em primeiro lugar.

– Não diga isso, Josh. Como se você tivesse alguma escolha. Quando você se apaixona por alguém, se apaixona. Não pode evitar. Eu também não consegui evitar.

Ele sorriu a contragosto. – Tudo bem, você tem razão. Não me arrependo.

– Nem eu.

– Nem mesmo agora?

– Não. Nem mesmo agora.

Ele pegou na mão dela. – Depois do nosso término eu tentei afastar os bruxos com um ritual.

– Então você não estava em Tuba City?

– Não. Eu estava nas montanhas com um *jish* especial que Sani me emprestou. Eu tive que quebrar todas as conexões entre nós. Foi por isso que eu terminei com você tão bruscamente. Se você não estivesse mais apaixonada por *mim*, isso auxiliaria no ritual.

Quando Sani me contou como você estava muito infeliz quando foi visitá-lo na sexta-feira, eu me senti horrível. Na verdade, ele puxou minha orelha pela maneira como estava lidado com as coisas. Ele insistiu que eu deveria me abrir para você.

Hannah não pode deixar de sorrir. Ela aqui achando que Sani a ludibriara, mas o velho *hataalii* dera uma bronca em Josh como se ele fosse um neto teimoso.

– E assim você fez – disse ela.

– Sim – ele falou simplesmente.

Então era isso. Josh carregava um fardo invisível como Ben dissera. Era algo que ele não fora capaz de discutir com ninguém exceto o curandeiro do vilarejo. Essa era a explicação dele, mas isso trazia mais perguntas que respostas.

Hannah colocou o braço nos ombros de Josh. – Mas... por que você foi amaldiçoado? Quem são esses bruxos?

– Um *hataalii* vingativo e seus filhos.

– Por que querem vingança? O que você fez para eles?

Um sorriso amargo apareceu no rosto dele e ele apertou a mão dela um pouco mais forte do que o necessário. – Algo horrível – ele respondeu tão baixo que ela quase não o ouviu.

– Qu-quão horrível? – ela gaguejou. Ai. Essa história estava tomando um rumo inesperado.

O coração de Hannah acelerou em seu peito quando Josh ficou em silêncio por um bom tempo. – Seja honesto comigo – ela sussurrou afinal.

Ele soltou a mão dela e recostou contra a pedra olhando para longe. – Eu matei alguém. Uma mulher espanhola. Ela era a amante do *hataalii* e ele se virou contra mim junto com sua família. – Ele se virou para ela e a encarou nos olhos. Ele estava falando sério.

Hannah engoliu em seco. Ai, meu Deus. *Assassinato?* – Mas como... você? Como isso é possível? Não pode ser. Quando você...? – sua voz foi sumindo.

– Durante a revolta de Pueblo no Arizona – ele respondeu.

Hannah parou de respirar. Seus olhos se arregalaram enquanto encarava Josh completamente embasbacada.

– No ano de 1860 – completou ele.



Hannah enterrou os calcanhares na areia da praia de Lone Rock e apoiou os cotovelos nos joelhos. Os chinelos que ela usava cortavam a pele entre seus dedos, mas ela nem notou. Ela só tinha olhos para Josh que se afastara dela e observava sombriamente a pedra solitária que se erguia do lago – a tal da Lone Rock. Da maneira que estava sentado, ele mesmo parecia uma pedra solitária; inacessível e intocável cercado por água. Hannah tentou criar coragem para dizer alguma coisa e cautelosamente se moveu para colocar um braço ao redor dos ombros dele e dar-lhe um beijo na bochecha.

Finalmente Josh se virou para ela. – Você acredita em reencarnação? – ele perguntou baixinho.

– É. Acho que sim. – Seu coração acelerou. Onde isso vai dar?

– Imagine que não tem opção senão acreditar. Porque você ainda se lembra do que aconteceu nas suas vidas passadas.

Ela o encarou. Lentamente a ficha começou a cair. – Deve ser um fardo pesado.

Josh soltou a mão dela e pegou a carteira do bolso da calça. Cuidadosamente ele pegou duas fotografias do compartimento da frente e entregou-as a Hannah. Ela pegou as fotos em preto e branco entre o dedo indicador e o dedão e olhou a primeira. Era de um grupo de soldados e embaixo estava escrito ‘1943’ com caligrafia antiquada. Todos os homens estavam vestidos com uniformes de soldado e claramente tinham sangue Navajo. O homem no canto superior esquerdo chamou sua atenção. Ela passou o dedo no rosto dele como se seu toque pudesse alterá-lo.

Os olhos que a encaravam da fotografia eram os olhos de Josh.

Lentamente ele fez que sim com a cabeça como se ela tivesse feito uma pergunta. – Sim. Sou eu. Eu fui um dos *codetalkers*, os Diné que lutaram na Segunda Guerra Mundial contra o Japão. Eu tinha trinta e três anos nessa foto.

Hannah piscou e encarou o soldado com o rosto de Josh de outra era, mais velho e sábio. Ela queria poder dizer alguma coisa, mas estava completamente pasma.

Com os dedos tremendo ela colocou a primeira foto de lado e olhou a próxima. Era de um homem idoso com o rosto macilento e cansado. Tinha rugas profundas ao redor da boca, porém os olhos pareciam gentis e amigáveis. Esse homem estava vestido com uma mistura de roupas tradicionais navajo e vestimentas americanas da moda do final do século dezenove. Seu olhar foi para a data rabiscada no canto direito inferior – 1868.

Enquanto apertava os olhos em concentração, ela notou os traços familiares do rosto de Josh na expressão do velho.

– Os americanos me chamavam de Barboncito – falou Josh. – Eu era um dos líderes Diné. Essa foto foi tirada depois que eu assinei o tratado com os Estados Unidos. Foi permitido que retornássemos às nossas terras. Eu tinha quarenta e sete anos nessa foto. – Ele balançou a cabeça. – Uma vida difícil e injusta torna um homem mais velho do que sua idade.

Silenciosamente Hannah devolveu as fotografias para Josh. – Quando tudo começou? – Ela gaguejou. – *Quem* é você? E por que continua retornando como a mesma pessoa, com o mesmo rosto e todas as suas memórias?

Josh colocou as fotos de volta em sua carteira, abraçou os joelhos e encarou o horizonte.

– Nasci em 1520 de acordo com seu calendário. A América era intocada e vazia. Minha tribo vagava pelo Sudoeste caçando veados e colhendo plantas selvagens. Estávamos em equilíbrio com a natureza ao redor. *Asdz Nádleehé*, Changing Woman, nossa deusa, cuidava de nós. O céu e a terra eram nossos pais. Caminhávamos pela terra em beleza e respeitávamos como tudo no universo tinha seu lugar.

Um minúsculo arrepio atravessou o corpo de Hannah. De repente Josh parecia tão diferente – tão sobrenatural. Ela queria pegar a mão dele e se aproximar, mas não tinha coragem.

– Quando fiz quatorze anos, fui para o deserto sozinho em busca do meu espírito animal. Foi uma jornada da visão intensa. Meu espírito animal, o urso Shash, se manifestou. – Josh parecia melancólico e seu olhar distraído era prova de que ele estava revivendo o momento sobre o qual falava. – Ele me contou que a existência do nosso povo mudaria radicalmente durante a minha

vida. – Josh tremeu. – Eu vi pessoas velejando pelo mar e aportando em nossa costa. Eles trouxeram doenças. Eles tinham rostos pálidos e barbudos e dividiam o mundo entre bem e mal e achavam que todos deveriam pensar como eles. Eles andavam pelo mundo como se deus o tivesse criado para eles e acreditavam que não tinham que dividir com seus irmãos e irmãs. E apesar de todas as suas riquezas, eles eram vazios por dentro. Pude vê-los inundar nosso continente, mudar nossa cultura e destruir nosso modo de vida. Vi como seríamos jogados de lado e nossa terra seria explorada e abusada.

Lágrimas brilhavam em seus olhos e Hannah não pode deixar de colocar os braços ao redor dele em um abraço gentil.

– Desesperado, me virei para Shash. Queria saber porque ele me mostrara aquilo e o que eu poderia fazer para prevenir aquelas coisas. Então ele me ofereceu uma chance de proteger meu povo através dos séculos. Ele me deu sua força vital e sua marca para que eu tivesse uma longa linha vital.

Hannah engoliu e seco. – E dessa maneira ele disse que você poderia ajudar seu povo?

Ele assentiu. – Eu retorno, de novo e de novo. Tenho as mesmas memórias, as mesmas visões, porém mais sabedoria em cada vida. Sou Shash, protetor dos Diné desde a invasão europeia. Os curandeiros do meu povo me conhecem. Sou uma figura mítica que cada geração aguarda silenciosamente para trazer paz e mudança ao nosso mundo. Todo *hataalii* aguarda minha chegada e mantém meu segredo se eu apareço. Em cada vida eu acordo durante a jornada da visão que faço no meu aniversário de quatorze anos. Isso me ajuda a lembrar quem eu sou e o que devo fazer.

– Para trazer a paz. Murmurou Hannah. – E para encontrá-la para si. – Ela se lembrou do que ele havia dito.

Josh assentiu lentamente. – Sou um homem de paz, um líder da paz, e sou grato pela tarefa que me foi conferida. Eu mesmo a escolhi. Mas às vezes é solitário. As pessoas ao meu redor se vão, vivem suas vidas, me tocam e me deixam novamente. E eu fico para trás - na sombra do tempo.

Hannah ficou em silêncio com a mente girando. Finalmente tudo estava claro. Porque Josh parecia tão maduro para sua idade.

Porque ele sabia tanto da história dos Diné. Porque ele tinha uma marca de nascença em formato de urso. E porque ele sempre se mantinha afastado das pessoas, nem mesmo se permitindo amá-la.

– E aqueles skinwalkers? – ela perguntou fracamente. – São tão velhos quanto você?

Josh balançou a cabeça. – Essa é uma história completamente diferente. Os *yenaldlooshi* vieram até mim para me confrontar após a revolta de Pueblo em 1860. Durante um ataque em uma missão hispânica, eu matei uma mulher que trabalhava no convento. Ela acabou sendo a amante do *hataalii*. Na verdade, ele havia deixado de ser *hataalii*. Ele praticava magia negra – assim como seus dois filhos.

– E ele ficou com raiva.

– Sim. Ele queria vingança. Ele disse que não descansaria enquanto não tirasse de mim o que eu tirei dele.

– Você tinha uma esposa naquela época? – Hannah perguntou suavemente.

– Não. Naquela época eu tinha sessenta anos e para falar a verdade não levei a ameaça dele a sério. Só descobri mais tarde que a maldição deles alcançava além de uma só vida.

Os olhos de Hannah se arregalaram. – Como? Eles viajam no tempo ou coisa assim?

– Eles não estão realmente *aqui*. – respondeu Josh. – Eles procuram por mim do século dezessete. Aqueles bruxos estão em transe. Eles adentraram o véu, o mundo entre mundos, e estão sonhando. Eles são onironautas - viajantes de sonhos. Eles podem encontrar minha linha vital através dos sonhos. Eles invadem minha vida para encontrar minha amada. A única coisa que querem é vingança. Eles me amaldiçoaram e nunca vão desistir. Eles não *precisam*. ‘Nunca’ não significa nada nesse contexto. O tempo não os toca.

– Eles estão... sonhando? – Hannah perguntou duvidosamente.

– Então como podem estar aqui? Isso não é um sonho. Esse é o mundo real.

– Existem muitas realidades. – Josh balançou a cabeça. – Não posso explicar totalmente. Para alguns povos o mundo dos sonhos é tão real como o mundo normal.

– Então eles são como fantasmas. Reflexos de si mesmo. – Hannah falava mais para si mesma do que para Josh. Só agora ela compreendia porque Amber não conseguia enxergar auras ao redor dos skinwalkers. Eles não estavam realmente lá. Eles apareciam apenas como imagens refletidas e usavam a conexão emocional entre ela e Josh para encontrá-los. Enquanto ela permanecesse com ele e o amasse, eles continuariam tentando matá-la.

Desolada, Hannah colocou a cabeça nas mãos e começou a chorar. Isso era incrivelmente injusto. Era como se seu mundo estivesse de cabeça para baixo e ela estivesse de mãos atadas. Josh se tornara um estranho com uma vida que ela não podia compartilhar.

– Desculpe estar chorando – ela fungou. – Queria que você se abrisse para mim, queria te ajudar. Te apoiar de verdade.

– Eu sei. – Ele soou tão compreensivo e resignado que ela se retraiu. Isso era péssimo. Ela não podia aceitar que ele estivesse certo em deixá-la.

Quando ela levantou o rosto novamente, uma nuvem negra cobriu seus olhos e a fez retesar-se. Outra visão - estaria ela em perigo novamente?

Não. De certa forma não parecia assim. Um ponto reluzente brilhou à distância emitindo raios de calor e segurança. Prendendo a respiração, Hannah apertou os olhos para tentar discernir o que via. Era azul e vojava.

– Siga-me – ela ouviu uma voz suave que parecia feminina, mas de alguma forma não humana. – Quando estiver perdida, siga-me.

Ela tentou focalizar a imagem à sua frente e de repente viu o que era - uma pequena borboleta azul que dançava acima de sua cabeça. A mesma borboleta que a ajudara na casa mal-assombrada.

– Não estou perdida – ela respondeu em pensamento. – Só não sei o que fazer. Estou assustada.

A borboleta foi para a direita e de repente o sol começou a brilhar. Hannah encontrou-se no afloramento de pedra que dava para o Desfiladeiro de Chelly.

À sua frente estavam Josh e uma mulher Diné que ela não conhecia. Uma mulher com longos cabelos trançados e um rosto

delicado. Lentamente a imagem se tornou mais clara como se alguém estivesse ajustando as lentes de uma câmera. A jovem mulher olhou para Josh com tanto amor e tanta dor nos olhos que Hannah perdeu o fôlego.

Ela era aquela mulher.

Josh olhou para ela com uma expressão triste nos olhos. Tão triste. Ela sentiu uma punhalada no coração.

Então ela começou a falar em Diné Bizaad. As palavras estrangeiras rolaram de sua língua e ela as compreendeu instantaneamente.

– Não posso mais viver com a sombra do seu passado.

A dor nos olhos de Josh era palpável. A garganta dela se apertou em agonia.

– Me desculpe – ela engasgou e se virou.



Hannah caiu na escuridão e abriu os olhos de repente. Ela descobriu que ainda estava na praia com Josh que a segurava em seus braços. Sem pensar ela pressionou os lábios contra os dele em um gesto de amor. A visão repentina mostrara exatamente o que ela precisava ver. Ela não sabia porque essa borboleta a estava ajudando, mas talvez pertencesse a ela como o urso pertencia a Josh.

Todas as peças do quebra-cabeça estavam no lugar. Ela esteve com Josh em uma vida passada até os skinwalkers começarem a aterrorizá-la. Josh lhe dissera a verdade sobre a maldição e ela desistira. Ela desistira de seu amor e sempre se arrependera.

– Josh, vou ficar com você – ela disse gentilmente.

Ele a olhou incrédulo.

– Tem certeza? – ele sussurrou.

– Sim.

Josh mordeu o lábio. – Tudo bem. Você quer mesmo ficar ao meu lado e lutar contra os skinwalkers?

– Lutar com eles? Quer dizer que realmente podemos fazer alguma coisa a respeito da maldição? – Hannah o encarou.

– Sim. Apesar de não ser fácil.

– Onde me alisto?

Josh riu. Sua risada soava aliviada, feliz e cheia de amor. – Te conto a respeito mais tarde. Mas antes tenho que conversar com Sani.

– Como sempre – provocou Hannah. – Acho que estou com ciúmes dele, sabia?

Ele riu e a puxou para mais perto de seu peito. – Vou te levar para casa agora – disse ele. – Mas quero que venha para Naabi’aani à tarde para discutirmos algumas coisas em detalhes.

Enquanto Josh dirigia de volta para St. Mary’s Port, Hannah enviou uma mensagem de texto para Ben avisando que estava retornando. O que mais ela diria a ele, ela não fazia ideia.

Quatro

Hannah pediu para Josh deixá-la à beira do lago. Ela caminhou de volta pela colina, seguindo o caminho estreito de areia que levava às cabanas, querendo se livrar do estresse das últimas horas.

Era bom sentir seu coração batendo contra as costelas, sentir o suor escorrendo em sua testa, ouvir sua respiração acelerada. Ela sentia-se viva e ela queria viver junto com Josh. Ela não o deixaria na sombra que o tempo lançara sobre ele.

– Ei, você! – Ben chamou Hannah. Ele estava sentado na varanda lendo um de seus livros da faculdade enquanto ouvia um CD que tocava guitarras berrantes.

– Estou interrompendo uma sessão de estudos? – Hannah olhou para as anotações rabiscadas em seu caderno espiral. Ele tinha uma caneta na mão, um livro sobre grupos musculares aberto na mesa e um marcador de texto amarelo atrás de uma das orelhas.

– É uma interrupção bem-vinda – Ben sorriu e fechou seu livro. – Vamos lá, sem enrolação. Onde estamos com o negócio da maldição?

Hannah hesitou. – Bom, vou para Naabi'aani esta tarde para conversar com Josh. Sobre o que fazer para acabar com ela.

– Então pode ser detida? – Ben parecia eufórico. – Posso ajudar?

– Não sei ainda.

– Tudo bem. Mas você descobriu por que aqueles skinwalkers estão atrás de você?

– É, descobri.

– Mas não vai me contar? – Ben concluiu quando Hannah não disse mais nada.

Ela suspirou. – Não quero trair a confiança de Josh. Tem a ver com ele e foi por isso que ele me deixou. Para me proteger. Isso eu posso dizer.

Ben fez uma careta. – Ok, tudo bem. Mas por favor me diga que está a salvo.

Não, ela estava arriscando a vida pois estava apaixonada pelo melhor amigo dele. E ela decidira ignorar esse risco pois acreditava em reencarnação, oportunidades perdidas e borboletas que lhe mostravam visões. Talvez ela devesse pular essa parte. Ela já tinha enchido Ben de abracadabra por enquanto.

– Sim, estou a salvo – mentiu ela. – Não se preocupe. Talvez eu saiba mais hoje à noite.



Naquela tarde Hannah foi ansiosa para a reserva. Ela ficara a manhã toda pensando em porque Josh precisava de Sani. Se havia um ritual poderoso o suficiente para lidar com esses skinwalkers, por que ele não tentou em sua vida passada? Ou ele *tinha* tentado e tinha dado errado?

Não foi até chegar na rua principal de Naabi'aani que ela percebeu que ainda não conversara com Josh sobre os próprios sonhos. Ela tinha esquecido completamente.

Ela a esperava do lado de fora de seu *hoghan*. Não havia sinal dos pais dele, e francamente Hannah estava contente por isso. Ela estava nervosa demais para ter uma conversa casual sobre o tempo com os pais de Josh.

– Ei, *shan diin* – ele disse amoroso puxando-a para um beijo.

Hannah sorriu. – Sabe que eu estava deprimida por dias porque me chama assim? Achei que estava me chamando de irmã.

Josh ficou vermelho. – Mesmo? Pensei que tivesse notado que eu tinha um nome novo para você. – Ele olhou-a com timidez. – Na verdade, estava esperando que me perguntasse a respeito para que eu pudesse usar toda a minha coragem acumulada para explicar o que significa.

– Bom, infelizmente, eu não notei. – Ela gargalhou. – Claro que você não poderia saber que sou surda. Ou idiota.

– Ou as duas coisas. – Ele riu.

O coração de Hannah pulou quando cruzou a entrada da casa dele pela segunda vez. Não mais uma curiosa invasora - ele realmente estava permitindo que ela entrasse dessa vez.

Seu olhar foi para o espelho que havia refletido seu olhar intenso para ele da primeira vez que esteve aqui. Imersa em pensamentos

ela deu um passo à frente e tocou a autobiografia de Edward Hall ainda aberta na prateleira. Josh caminhou por trás dela e deslizou os braços por sua cintura. Ela suspirou de contentamento quando ele plantou um beijo em seu pescoço.

– Você o conheceu pessoalmente, não foi? – Ela perguntou com curiosidade apontando para o livro e lembrando da estranha resposta de Josh quando ela lhe perguntara sobre o autor.

Ele suspirou. – Sim. Ned foi um dos meus melhores amigos. Ele trabalhou em Oraibi nos anos 1930 porque fez parte de um projeto de construção de rodovias na nação Navajo na época.

Hannah se virou. – Como foi encontrá-lo novamente?

Josh olhou para o chão. – Estranho. Fui até o palco conversar com ele após sua palestra. Ele estava velho, mas eu o reconhecia. Eu *conhecia* ele. Ele ainda tinha as mesmas rugas de risada ao redor dos olhos, o mesmo olhar sobre o mundo - e claro ele não fazia ideia de quem eu era. Ele viu apenas um estudante do ensino médio com um incrível fascínio por seu trabalho. Pode ter passado pela cabeça dele por um instante que eu era igual Sam Yazzie, o nome pela qual me conhecia, mas só isso. Ele não me reconheceu. Naquele momento me senti muito sozinho.

– Deve ter sido horrível – sussurrou Hannah.

– Foi, mas ao mesmo tempo foi maravilhoso ver quantas coisas boas ele fizera na vida. Eu estava orgulhoso dele. Um garoto de quinze anos orgulhoso de alguém que poderia ser seu avô. – Ele olhou para Hannah com um olhar perdido. – Há tantas coisas que ainda não te contei.

Hannah mordeu o lábio. – Tem uma coisa que preciso te dizer também.

– Oh?

Ela deu um passo atrás e sentou na poltrona ao lado do colchão de Josh. – Alguns dias após chegar aqui, comecei a sonhar sobre eu e você. Vi fragmentos de uma vida passada, mas não percebi até Amber sugerir que poderiam ser memórias reais. – Ela respirou fundo e soltou o ar quase rindo. – Sinceramente não fazia ideia do que falar para você quando me perguntou sobre meus sonhos.

Josh não sabia o que dizer. – Você ainda lembra quem foi – ele disse finalmente.

– Um pouco, sim.

– Eu reconheci você depois de nosso primeiro beijo quando disse que te amava. Eu podia *sentir* que era você;

– Foi por isso que se afastou? – questionou Hannah.

– Sim. – Ele pegou as mãos dela nas suas. – Estava assustado e entusiasmado ao mesmo tempo. Entusiasmado porque você havia retornado para casa, mas assustado que coisas ruins começariam novamente.

– Gostaria de saber mais sobre minha vida passada – disse ela.

– Vi apenas poucas partes, sabe? Que tipo de pessoa eu era?

Josh sorriu. – Ka’aallanii – esse era seu nome Navajo. Você veio morar no nosso vilarejo como refugiada junto com sua família no século dezenove. Eu te amava tanto. Você pertencia ao clã do sol. Você era meio raio de luz.

Hannah corou. – E o que significa *Ka’aallannii*?

– Borboleta. – A mão dele se ergueu e tocou a bochecha dela. – Você ainda é a mesma. Um raio de sol iluminando minha vida sombria. De alguma maneira eu devo ter sentido que era você quando me apaixonei novamente. Eu queria chamá-la de todos os nomes carinhosos que usava com ela – com você.

– É como se meus olhos tivessem aberto finalmente esse verão – sussurrou Hannah. – Da última vez que o tinha visto, você ainda não tinha passado por sua jornada da visão. Você ainda não era você.

Josh sentou e colocou os braços ao redor dela. – Estive vazio por dentro desde que perdi você – disse ele baixinho.

– Então, como aconteceu? – ela perguntou timidamente. – Como você me perdeu?

Josh a puxou mais para perto e quando olhou para ela havia lágrimas em seus olhos. – Você me deixou. Os skinwalkers quase deixaram você louca. Nunca culpei você.

Hannah não disse nada, só o observou com olhos tristes.

– Você foi àquele lugar antes de terminar comigo – sussurrou ele. – O planalto de rocha próximo do Desfiladeiro de Chelly.

– Dessa vez não vou embora. Vou ficar e lutar.

– Por favor, tenha em mente - eles *vão* encontrar você enquanto não conseguir se proteger da influência deles. Está mesmo

colocando sua vida em risco ao ficar comigo.

Hannah sentiu o coração bater contra as costelas. – Olha só. Eu estava sofrendo com arrependimento depois do que aconteceu. Nos meus sonhos parece que eu tomei a decisão errada. Não voltei para sua vida à toa. Voltei por uma boa razão. Te amo demais para ir embora novamente.

– Também amo você. – Os olhos dele brilhavam de pura felicidade. Suavemente ele beijou a boca dela e ela sentiu um frio na barriga quando sua outra mão deslizou pelas costas dela. Josh a puxou da poltrona para mais perto enquanto continuava a beijá-la devagar e calorosamente com as mãos nos quadris dela.

– Me desculpe. Você está me distraindo da nossa conversa – ele sorriu um pouco sem fôlego. – Vamos sentar. Ainda não terminei de explicar tudo.

Hannah corou. Ela sentou no colchão ao lado de Josh sentindo o calor radiando da pele dele quando ele pegou sua mão.

– Se quer lutar ao meu lado, você tem que se tornar uma comigo através de um ritual – explicou ele soando um pouco incerto. – Dessa maneira você vai receber o poder necessário para prevenir que os skinwalkers entrem em sua mente. Você vai estar conectada à minha longa vida e protegida por meu espírito animal. Em sua vida passada, você ficou assustadíssima quando eu sugeri isso.

– Por quê?

– Você tinha medo de espíritos e forças sobrenaturais como a maioria dos Diné. Além disso, existe o risco de você alongar sua linha da vida. Você se tornaria como eu.

– Não estou com medo agora. Adoraria ficar com você mesmo em minha próxima vida, se for possível. – Ela falava com convicção. Não havia medo, somente um forte sentimento de determinação.

Josh gentilmente beijou sua bochecha. – Nesse caso, temos que estabelecer uma conexão entre eu e você logo. Uma conexão profunda.

Os olhos dele estavam próximos dos dela. Mesmo durante uma discussão profunda dessas Hannah ficava distraída pela proximidade dele.

– Então, hum, essa conexão profunda... – ela mordeu o lábio. – Como vamos estabelecê-la? – No silêncio que se seguiu ela olhou

tímida para Josh e um rubor subiu por sua face. Havia provavelmente uma dúzia de jeitos diferentes de estabelecer uma conexão profunda com Josh, mas vergonhosamente ela só conseguia pensar em uma no momento.

Um sorriso divertido começou a se espalhar pelo rosto dele. – Não, *assim* não. Entretanto gosto de como pensa.

Ela riu nervosa. – Desculpe. O que devemos fazer?

– Vou pedir para Sani nos auxiliar. Ele deveria liderar o ritual. Ambos estaremos em transe quando atravessarmos o véu então precisamos que alguém fique acordado e alerta nesse mundo, como um gerente.

– O que vai acontecer quando estivermos juntos no véu?

– Não sei exatamente. Obviamente nunca fiz isso antes.

– Mas provavelmente eu vou descobrir mais sobre nossas vidas?

– Acho que sim. Você vai ver minhas memórias.

– Uau. Isso é meio privado.

Ele sorriu. – Claro que é. Quero compartilhar minha vida com você. Minhas vidas.

– Quando faremos isso?

– Sani tem que fazer jejum por dois dias para limpar corpo e alma ou não será capaz de ajudar como *hataalii*. Por que não volta amanhã à noite? É melhor ficar afastada de mim um pouco enquanto eu tomo as precauções necessárias. Tenho que entreter meus convidados amanhã à noite. Depois podemos conversar.

– Convidados? – Hannah repetiu sem pensar. Quem mais ele estava pensando em chamar para o ritual?

– Hum... é meu aniversário amanhã – disse Josh com um sorriso jocoso.

– Ai, droga! – exclamou ela. – Esqueci completamente.

– Ainda bem que eu não esqueci – riu ele. – Apesar da minha idade, o Alzheimer ainda não me alcançou.

Ela sorriu pensativa. – Isso é tão esquisito na verdade. Você vai ser um adulto amanhã, mas ao mesmo tempo tem centenas de anos.

– Verdade. Não vai ser a primeira vez que celebro meu aniversário de dezoito anos. – Ele gargalhou. – E você achando que tinha conquistado um menininho.

Após uma despedida breve, Hannah dirigiu de volta para casa. Ela gostaria de passar a tarde toda com Josh, mas era melhor manter distância agora enquanto ela ainda não estivesse protegida pelo ritual. Os skinwalkers a estavam observando.

Era uma ideia bizarra - apesar de o sol estar brilhando, o rádio estar tocando uma música alegre e o verão parecer mais leve do que nunca, ela estava realmente em perigo mortal.

Cinco

– Então, vai me dizer de que tipo de performance vai participar? – Ben perguntou a ela quando ambos estavam sentados na varanda tomando café da manhã no dia seguinte. Ele parecia relaxado, mas obviamente estava se esforçando demais. Ele se sentia excluído.

– Só posso te contar depois que já tiver terminado, porque para falar a verdade, não sei exatamente – admitiu Hannah.

– Você ainda não sabe? Então posso estar presente?

– Não sei se é permitido. Sani só precisa de nós dois, eu acho.

– Posso ir junto e ver se posso ajudar em alguma coisa, certo? Se Sani me disser pra vazar, estarei em casa rapidinho.

Hannah suspirou. Era maravilhoso que Josh lhe dissesse tudo, mas agora ela tinha que guardar segredos de Ben. Ou será que não?

Ela olhou pensativa para o irmão e teve uma ideia. – Por que você não passa lá hoje à tarde e pergunta você mesmo para o Josh? Quem sabe ele precise de um assistente? – Se Josh estivesse disposto a contar tudo ao Ben, essa seria a chance. Talvez Ben realmente pudesse ajudá-los.

– É, acho que vou mesmo – Ben assentiu. – Você tem planos para hoje?

– Não sei. Talvez Em queira se encontrar. Não olhei meu telefone a manhã toda.

Ela entrou para procurar o telefone. Uma chamada perdida de sua mãe, uma mensagem de Emily chamando-a para almoçar hoje e Nick perguntando se ela queria ir a um churrasco na casa de seu tio.

– Nick vai fazer um festival de hambúrgueres amanhã à noite – ela disse em direção à porta aberta.

– Eu sei – Ben gritou e volta. – Nós todos vamos. Talvez você e Josh não devam ir.

– Caótico como sempre. – Hannah entrou na frente de Ben com os braços cruzados e um sorriso no rosto. – Primeiro você

praticamente se joga oferecendo ajuda e agora parece que está com a agenda lotada.

– Bom, eu posso ajudar de manhã. Não vai levar o dia todo, certo?

Hannah parou e pensou. – Não faço ideia. – Josh pedira que ela reservasse dois dias, mas ela não podia imaginar que eles precisariam de dois dias inteiros para o ritual. Provavelmente era o tempo de preparação e cuidados pós-ritual.

Ben se levantou. – Bom, estou indo a Naabi’aani. Quero fazer algo útil. – Ele gentilmente bagunçou o cabelo de Hannah. – Te vejo à noite.

– É, te vejo hoje à noite – ela respondeu distraída.

De repente ela se sentia nervosa de novo.



– Realmente não preciso saber todos os detalhes do que aconteceu entre você e Josh, Emily soltou durante o almoço naquela tarde. – Só quero saber com certeza que ele não vai te machucar de novo.

Agora Emily já sabia que a maldição dos skinwalkers estava relacionada a Josh, mas isso era tudo que Hannah lhe contara.

– acredite em mim, ele não vai. Conversamos sobre isso. Não há mais segredos entre nós.

– Que horas vai para Naabi’aani hoje à noite? – perguntou Emily.

– Lá pela hora do jantar. Ben está com Josh agora. Aliás, não sei se consigo ir ao churrasco do Nick amanhã à noite. Podemos nos atrasar.

Emily ergueu uma sobrancelha. – Tudo bem, não vou perguntar mais nada. Só posso esperar que esteja fazendo a escolha certa e Josh não mude de ideia novamente.

– Ele não vai. Te vejo mais tarde. Bom trabalho.

Elas saíram do restaurante. Enquanto Emily caminhava de volta à farmácia, Hannah olhou ao redor um pouco desolada. O que ela deveria fazer a tarde toda sem que seu nervosismo levasse a melhor? Ben não entrara em contato ainda, então era provável que estivesse em uma longa discussão com Josh. Talvez ele fosse mesmo capaz de ajudar Sani. Até onde ela sabia, ele poderia estar nesse momento em uma sauna tradicional decorado com miçangas

e penas e fumando um cachimbo da paz. Com fundo de música misteriosa, ela pensou com uma risada nervosa.

Ao passar em frente ao Safeway, Hannah avistou Yazzie saindo da loja com duas sacolas plásticas. – Ei, Yaz – ela chamou. – Fez alguns compras?

– Ei, *biligaana*! – Yazzie alterou seu percurso e caminhou até ela. – Comprei algumas coisas para fazer uma torta de maçã para o aniversário de dezoito anos de Josh. Espero que dê certo. O forno da minha mãe é um pouco imprevisível.

Hannah deu risada. – Por que não usa o forno na nossa cabana? – ela sugeriu.

O rosto de Yazzie se iluminou. – Ótima ideia! Vamos fazer isso.

Excelente - preparar uma torta com Yazzie seria a distração perfeita. Pelos menos ela não ficaria andando de um lado para o outro na varanda enquanto esperava o relógio marcar seis horas.

Hannah pegou uma carona na moto de Yazzie. Enquanto o primo de Josh estava ocupado na cozinha, Hannah vestiu outra roupa para o aniversário. Ela nunca usara o vestido roxo longo antes. Na verdade, era um pouco chique demais para usar na reserva, mas ela queria arrasar. Depois de colocar o vestido e ajustar as alças finas, ela colocou o cabelo para cima e fixou com um grampo que sua avó lhe dera um tempo atrás. Era feito de filigrana dourada no formato de uma borboleta. Era bem apropriado, ela pensou.

– Uau. – Yazzie assoviou e a olhou de cima a baixo quando ela saiu do quarto. – Você parece um conto de fadas. Josh vai te devorar, menina.

Hannah riu. – Nesse caso, vamos dar um pedaço da sua torta primeiro para distraí-lo – ela respondeu.

Às cinco Yazzie saiu para pegar algumas coisas na loja de ferramentas em Wahweap e delegou à Hannah a responsabilidade de transportar a torta de maçã. Como prometido, Nick apareceu em seu jipe às quinze para as seis para lhe dar uma carona.

Hannah sentou no banco do passageiro com um sorriso nervoso. – Naabi'aani, por favor – ela disse a Nick como se ele fosse um motorista de táxi. – Não deixe o taxímetro rodando, por favor. Não vou voltar tão cedo.

Nick riu entredentes. – Imagino que não. A caminho do seu namorado *maior de idade*, hein?

– É. – Hannah mordeu o lábio, juntou as mãos no colo empertigadamente e olhou para baixo.

Nick deu um tapinha nas mãos dela. – Não se preocupe. Seu segredo está bem guardado comigo. Não vou chamar a polícia se você prometer me ajudar mais uma vez com o trabalho da minha vida. Minha dissertação precisa de um olhar crítico de professor e blá blá blá.

Hannah virou os olhos. – Que segredo? Eu não fiz nada de errado, só para você saber.

– Que pena. – Nick deu uma piscadela e um sorriso jocoso. – Deveria dar um jeito nisso urgentemente.

Ela ficou vermelha e começou a rir como uma garotinha. Que alívio ter por perto seus amigos pé no chão na véspera de adentrar o desconhecido. Após todas as revelações sobrenaturais de Josh, era bom ser um pouquinho boba.

– Veremos – ela disse com um sorriso malicioso e se afundou de volta no banco do passageiro enquanto Nick dirigia até o vilarejo.

A estrada Copper Mine era poeirenta, ressecada e esburacada. Hannah sacudiu para lá e para cá no jipe enquanto tentava apoiar a cabeça no encosto do banco. Ela ficava mais nervosa a cada minuto. Quando Nick finalmente estacionou ao lado do *hoghan* dos Benally, ela estava ansiosa para desejar feliz aniversário a Josh e dar-lhe um abraço apertado. Já havia uma multidão na frente da casa. Emily, Amber e Ivy estavam lá também.

– E aí, mana! – Ben acenou para ela. Ele estava ocupado colocando a mesa ao lado do *hoghan* de Josh. Cinco velas grossas estavam no centro da mesa.

Hannah lançou um olhar inquisitivo para o irmão. Ele parecia alegre, então sua conversa com Josh deve ter ido bem. Ela estava ansiosa para descobrir o que fora discutido.

Mais convidados chegaram para celebrar o aniversário de Josh. Sua prima Linibah estava lá, com seu marido e filhos. Os pais de Yazzie estavam grelhando mandioca na grande grelha enquanto Yazzie estava ocupado espremendo limonada para todos.

– *Shiyáázh!* – A mãe de Josh gritou na direção do *hoghan* do filho. Seus convidados estão todos aqui!

Balões coloridos estavam fixados dos dois lados da manta tradicional que cobria a entrada do *hoghan* e havia uma guirlanda dourada na beirada do telhado. O pai de Josh ligara o som do carro, já que os *hoghans* não tinham ligação elétrica. Os alto-falantes do Mustang tocavam músicas do Blackfire.

Hannah perdeu o fôlego quando Josh empurrou a manta e saiu pela porta. Ela viu o novo par de jeans e a camisa de veludo tradicional que ele vestia e o pingente turquesa que usara antes durante o rodeio. Ele estava absolutamente fantástico.

Josh aceitou graciosamente toda a comida que as pessoas trouxeram e de maneira casual puxou Hannah de lado quando todos terminaram de lhe dar os parabéns.

– Vamos conversar em um minuto – ele disse baixinho.

– Tudo bem – ela respondeu nervosa.

Hannah o seguiu quando ele caminhou de volta ao seu *hoghan* depois de conversar um pouco com seus convidados. A luz do sol poente entrava no cômodo através de uma pequena janela. A luz suave de algumas velas em cima da mesa inundava o cômodo.

– Então, onde está Sani? – ela queria saber.

– Em um *hoghan* cerimonial fora do vilarejo, construído especialmente para a ocasião. Ele vai começar a fazer a pintura de areia essa noite - a pintura que precisamos para atravessar o véu. Amanhã, ao nascer do sol, vamos encontrá-lo lá e o ritual vai começar.

– É o que você contou para o Ben?

– Quase tudo. Exceto que você está em perigo mortal pois quer ficar comigo. Achei melhor não mencionar essa parte.

Hannah ficou boquiaberta. – Quase tudo? – ela repetiu.

Um sorriso cruzou seu rosto. – Sim. Ben nem ficou tão surpreso. Ele sempre me achou sábio para minha idade, que de alguma forma eu estava em contato com meus ancestrais. Não precisou muito para aceitar o fato de que eu sou meus próprios ancestrais.

– Que diabos? – Hannah soltou. – Ele não ficou chocado?

– Não, ele aceitou bem calmo.

– Hum. Acho que ele já estava chocado o suficiente com aquele negócio todo de maldição dos skinwalkers. – Hannah gargalhou. – Então isso significa que ele pode mesmo te ajudar?

– Ainda não. – Josh respondeu misteriosamente. – Mas talvez mais para a frente.

– Amanhã?

Josh balançou a cabeça. – A cerimônia de amanhã vai ser só para nos conectar, para que eu possa protegê-la melhor. A cerimônia Evil Way vai ocorrer depois disso e supostamente vai parar a maldição. Ben pode nos ajudar com isso. Ele tem uma ligação forte com você e comigo, então ele é o cara.

– Mas... não vai ser perigoso para o Ben?

– Vai ser perigoso para nós três – respondeu Josh monótono. – Você sabe disso.

Hannah ficou em silêncio. – É, eu sei disso – ela murmurou com voz trêmula.

Ela observou em silêncio a fogueira no centro do *hoghan* e os carvões que ainda queimavam. Josh colocou o braço ao redor dos ombros dela e ela apoiou a cabeça em seu peito. – Às vezes esqueço que estou em perigo pois me sinto tão segura com você. A salvo. Sei que não faz sentido.

Josh não respondeu. Ele só deu um sorriso meigo. Hannah ergueu o rosto para ele, silenciosamente pedindo um beijo. Ele pressionou os lábios contra os dela e acariciou seu rosto com uma mão.

Uma tossidinha na entrada fez os dois pularem. – Eu sabia. Sabia que você dois tinham escapulado para cá para darem uns amassos – queixou-se Ben. Ele entrou a passos largos com um sorriso zombeteiro no rosto.

Josh gargalhou. – Pare de reclamar, estraga-prazeres.

– Não está velho demais para dar uns pegadas em meninas em quartos escuros? – Ben retrucou.

– Ah, posso ser um pentacentenário, mas também sou só um cara de dezoito anos. – Josh meneou as sobrancelhas para Hannah e ela não conseguiu conter o riso.

– Você ainda está muito bem para sua idade, sabia? – ela provocou.

- Você também – ele retornou a provocação.
- O quê? Você acha que eu sou velha? – Ela fez um biquinho.
- É ‘madura’, Josh – Ben contribuiu.

Josh mordeu o lábio e segurou a risada. – Uau. Me sinto bem agora que compartilhei meu segredo com vocês. Me sinto quase normal.

Ben deu um tapinha nas costas dele. – Você deveria ter feito isso há muito tempo. Eu seria capaz de entendê-lo muito melhor.



Quando toda a comida estava pronta, todos se sentaram para jantar. Josh colocou para tocar um CD novo, que Nick lhe dera. A música animada no som do carro era a trilha sonora perfeita para uma noite com amigos e boa comida. Josh cortou a torta de Yazzie, seus pais continuaram servindo bebidas a todos e Ben estava ocupado pedindo elogios ao perguntar a todo mundo o que acharam da salada de batatas que ele preparara. Apesar de Josh confraternizar com todos, ele manteve Hannah por perto e a olhava ocasionalmente com tanto amor que o coração dela derreteu como manteiga no deserto.

– Onde está seu amuleto? – ele perguntou quando os dois estavam colocando a sobremesa nos seus pratos e ninguém estava escutando.

– Na minha bolsa – Hannah respondeu baixinho e mostrou a bolsa.

– Use em volta do pescoço. Funciona melhor assim. Ainda mais agora que estamos perto um do outro, você deveria usar o tempo todo.

Lentamente o sol afundou no horizonte. Quando uma chuva de verão começou a cair, Ben e Josh carregaram a mesa para dentro do grande *hoghan* e limparam tudo. Os pais de Josh estavam ajudando Linibah e sua família a colocarem suas coisas no carro, pois retornariam hoje mesmo a Chinle. Os outros estavam agrupados em volta da fogueira no *hoghan* da família Benally.

Quando Nick, Amber e Ivy se levantaram para ir embora, Hannah ficou nervosa de novo. A festa de aniversário estava

chegando ao fim. Ela não conseguia parar de pensar no ritual de amanhã.

– Por favor, tenha cuidado. – Emily encorajou, quando Hannah caminhava com ela até seu próprio *hoghan*. – Confio completamente em Sani, mas não quero que você se machuque.

– Teremos cuidado – prometeu Hannah.

Ela pegou sua mala do porta-malas no caminho de volta e levou-a ao *hoghan* de Josh. Ela depositou a bolsa no chão ao lado da cama dele. Ela não sabia bem onde Josh esperava que ela dormisse essa noite. Ela poderia ficar na casa dos pais dele também - eles passariam a noite em Chinle depois de levar a família de Linibah de volta. Talvez Josh precisasse de solidão na véspera de um ritual tão importante. Isso não a surpreenderia.

– Estou indo, Han. – Ben entrou na casa, foi até ela e a puxou para um abraço caloroso. – Fique bem, ok? – ele sussurrou no ouvido dela. – Quero você de volta viva. Para que eu possa ajudar você e Josh com o acerto de contas.

Hannah sorriu fracamente. – Josh vai me ajudar. Me disseram que ele tem um urso enorme como apoio.

– Esperando na floresta? – Ben sorriu, mas seus olhos estavam sérios. Depois de deixá-la, ela o ouviu conversar com Josh do lado de fora por algum tempo.

Hannah sentou próximo à fogueira e olhou ao redor. Ela notou quatro marcas de palmas feitas com cinza branca em cada um dos quatro pontos cardeais, como as que Sani fizera em seu *hoghan*. Ela não lembrava de tê-las visto antes, então era possível que fosse só uma precaução a mais. Provavelmente Josh também fizera um círculo de pólen de milho ao redor da casa para afastar os maus espíritos.

Hannah ouviu o Chevy se afastar. Seu estômago revirou quando Josh entrou. Ele parou ao lado dela e acariciou seu cabelo. – Está nervosa em relação a amanhã?

– Sim, muito, na verdade. – Hannah levantou do chão e se afundou na poltrona. Ela encarou Josh. – Sei que o que vamos fazer nem é a parte mais perigosa de todo o processo, mas mesmo assim. Só imagino o que vai acontecer. Todas as suas vidas passadas - vou vê-las todas num piscar de olhos?

– Acho que não. Você vai ver as memórias diretamente relacionadas a minha vida com você.

Hannah suspirou. – Quero tanto te ajudar. Não é justo que aqueles skinwalkers tenham amaldiçoado você. Você tinha o dever de proteger seu povo para que pudesse trazer a paz, certo?

– Bom, eu não deveria ter matado aquela mulher, então – ele respondeu em tom sombrio enquanto ajoelhava ao lado dela. – Os tempos eram outros, mas mesmo assim. Eu não deveria ter feito aquilo.

Hannah ficou quieta. Josh olhou para a fogueira e ficou com o tão conhecido olhar distante. –Eu estava sob tanta pressão. Você não pode imaginar como a situação era ruim. Como tudo mudou durante minhas vidas. Como as terras dos Diné foram inundadas por caçadores de ouro do México. Como eles enviaram seus soldados para arrebanhar nosso povo e fazê-los escravos nas minas. Como meu irmãozinho sofreu dores horríveis e morreu de varíola que foi trazida ao continente pelos espanhóis. – Os olhos dele se encheram de lágrimas e ele impacientemente as limpou com as costas das mãos. – Todas aquelas famílias destroçadas. Todas aquelas pessoas forçadas ao batismo para logo em seguida serem mortas. Eles usaram um grupo seletivo de nativos convertidos ao cristianismo como escravos para construir suas igrejas em Santa Fé. Os opressores não iam embora - nada os parava. Algo tinha de ser feito. Os membros do meu clã se viraram para mim, esperando que eu fizesse alguma coisa. Po'pay apareceu bem na hora.

– Quem foi Po'pay? – Hannah perguntou baixinho, temerosa de interromper sua história.

– Ele foi o líder da revolta. Um chefe tribal de Pueblo. Eu o ajudei a preparar o ataque. Eu não podia ficar parado vendo os militares espanhóis e os padres deliberadamente destruírem nossa cultura. – Josh levantou e esfregou o rosto como se tentasse apagar as memórias. – Eu participei. Também matei pessoas. Pessoas inocentes. Mulheres, crianças. Os espanhóis eram estoicos. Eles nunca iriam embora se não tivéssemos sido tão agressivos com eles.

Hannah ficou em pé e o abraçou. – Você não pode evitar – ela sussurrou.

– Sim, *poderia*. Eu poderia ter evitado. Não deveria ter me esquecido da minha missão. Fui levado em uma torrente de ódio e vingança, e isso foi errado. – Josh fechou os olhos e um sorriso gentil se espalhou por seu rosto. – Na vida após essa, eu vaguei como uma contadora de histórias, para que os Diné não esquecessem suas tradições. Foi uma existência pacífica. As pessoas brancas retornaram, mas normalmente me deixavam em paz. Eles não viam nenhum problema em uma mulher fazendo performances como uma cantora tradicional, visitando vilas como um trovador.

Hannah o olhou surpresa.

– Sim, eu fui uma mulher naquela vida – ele assentiu. – Acho que minha alma escolheu isso depois de todos os massacres e violência da vida anterior.

– E depois disso?

– Depois disso nasci de novo como um homem em Tseyi no Desfiladeiro de Chelly. Foi aí que conheci você. – Ele acariciou a bochecha dela. – Essa vida me permitiu cumprir minha missão do jeito certo. Salvei meu povo e estabeleci relações pacíficas com o homem branco.

– Você disse que era Barboncito?

Josh assentiu. Hannah lembrou todas as anotações que fizera na biblioteca uma tarde. Ela vira muitas vezes aquele nome. – Mas então... você estava lá durante a Longa Caminhada. Você era o líder que libertou as pessoas da reserva em Forte Summer. O homem que sozinho colocou a nação Navajo no mapa. – Ela o encarou maravilhada. Isso era muito bizarro. Ela estava sentada ao lado de uma lenda viva - que supostamente morrera mais de um século atrás.

– Paguei o preço por isso – disse Josh. – Perdi você. Perdi meus dois filhos adotivos.

– Sinto muito que tenha sofrido tanto. – Ela o abraçou apertado. – Mas pelo menos daremos o primeiro passo para acabar com essa maldição amanhã. Um pouco da dor vai desaparecer.

Josh sorriu para ela e foi até a mesa do outro lado da fogueira para pegar dois cones de incenso de uma caixa de madeira que

estava lá. – Junípero – ele explicou. – Vai nos proteger. – Ele acendeu os dois no chão, um de cada lado da fogueira.

– Esse foi o mesmo incenso que Sani acendeu quando o visitei – Hannah inalou o aroma e se levantou quando Josh lhe estendeu a mão.

– Por que não nos sentamos aqui juntos? – ele sugeriu e a levou para o colchão no canto.

Hannah sentou ao lado dele e mordeu o lábio quando seus olhares se encontraram. No silêncio entre eles, ele lentamente se inclinou e roçou seus lábios nos dela. Ele lhe deu um selinho e colocou a mão no rosto dela. – Você é incrível. Ainda não posso acreditar que realmente está fazendo isso.

Hannah sorriu. – Vou ficar por aqui até você acreditar.

Josh a puxou para mais perto e acariciou as costas dela. Ela pressionou o corpo contra o peito dele e seu coração acelerou novamente quando a boca dele procurou a dela. Tão lento, tão intenso e de repente, tão claro que queria mais. Pela primeira vez desde que estavam juntos não havia razão para se afastar ou terminar o beijo. O calor no beijo dele era o mesmo calor que aquecia o corpo dela. Não parecia que ele queria solidão antes do ritual.

– Então... seus pais vão passar a noite em Chinle?– ela gaguejou ofegante quando Josh parou um pouco para respirar e a encarou com os olhos cheios de paixão.

– Sim, vão. – A rouquidão dele a fez corar.

Hannah riu incerta. – Tudo bem. Então, você acha que devemos fazer algo... especial antes de dormirmos? – Assim que as palavras saíram de sua boca ela engoliu em seco. Tudo bem, isso não poderia ser mais vergonhoso. Honestamente ela queria perguntar sobre as preparações para o ritual, mas sua pergunta parecia meio sedutora.

Josh gargalhou. – Sem pressão – ele murmurou e de repente pareceu ele mesmo muito nervoso.

Foi aí que ela percebeu que estava em vantagem. Josh não tivera intimidade com uma garota antes. Pelo menos não nessa vida.

Hannah sorriu para ele e tocou sua bochecha. – Não me sinto pressionada – ela disse baixinho encarando-o nos olhos.

Ele olhou para baixo. – Isso é bom – ele respondeu rouco. – Eu também não.

– Então, não é... perigoso? Nós, hã, tão próximos assim? Fácil de sermos encontrados por bruxos vingativos?

Josh balançou a cabeça. – Sani disse que não correríamos risco se eu tivesse certeza que protegi muito bem o *hoghan*. E eu fiz isso. Não podemos ser cuidadosos demais.

– Espere aí. Você contou ao Sani sobre isso? – Hannah encarou Josh com os olhos arregalados. Ai, isso podia *sim* ficar mais embaraçoso.

– Bom, não exatamente. – Ele deu de ombros e sorriu maliciosamente. – Olha, ele não é idiota. Ele sabe que você vai passar a noite comigo pela primeira vez.

Hannah sentiu um sorriso bobo se formar nos lábios. Josh sorriu de volta e uma de suas mãos foi para o tornozelo dela e subiu até o joelho numa carícia gentil que a fez sentir arrepios por todo o corpo. Ela riu nervosa. A mão dele subiu mais um pouco e ela ficou completamente em silêncio.

– Me lembro que você costumava aproveitar esse tipo de coisa em silêncio – ele murmurou contra os lábios dela.

Hannah ficou vermelha como um tomate. – Isso não é justo – ela protestou. – Você sabe essas... coisas a meu respeito, mas não me lembro de nada em relação a você. – Ela o olhou de maneira acusatória.

Josh deu um sorriso malandro. – O que pede uma extensa pesquisa da sua parte, eu diria.

– Então você tem certeza que é... seguro? – Ela mordeu o lábio. Isso era loucura. Era como se ela estivesse perguntando a ele se ele tinha se testado ou trazido camisinhas.

Josh fez que sim. Ele remexeu na bolsa dela e tirou a arma que ela levava a pedido dele. – Mesmo que aqueles bruxos consigam passar pelo círculo de pólen, impressões palmares e incenso nesse *hoghan* e então ignorar seu talismã e meu filtro dos sonhos, eu vou enchê-los de chumbo – ele disse agressivo. – Tenho balas mergulhadas em cinza branca prontas para serem carregadas na

sua arma. Além disso, vou ficar acordado de qualquer jeito. – Ele colocou a arma ao lado do colchão.

– O quê? Você nem vai dormir? Não precisa estar descansado para amanhã?

Ele balançou a cabeça. – Tenho que proteger você. Se estiver dormindo aqui ou no *hoghan* dos meus pais, você está em perigo de qualquer maneira até que a cerimônia comece. Prefiro manter você por perto, em um local protegido.

Ela se aconchegou a ele. – Quão perto? – ela sussurrou.

Josh a olhou hipnotizado. – Perto o suficiente para me manter acordado – ele respondeu sem fôlego.



Ela não sabia exatamente o que a acordara tão cedo de manhã, mas Hannah abriu os olhos de repente. Um leve arrepio percorria sua espinha. Será que ela teve outro pesadelo?

Ela olhou para Josh ao seu lado, que colocara os braços em volta dela e estava profundamente adormecido, apesar de suas palavras. Ela sorriu vendo seu rosto relaxado, ouvindo sua respiração lenta e pressionou um beijo contra a testa dele. Mesmo enquanto ele dormia, ela sentia-se protegida em seus braços. Isso a fazia esquecer o medo que tinha da maldição. Sua ansiedade dissipava na luz do dia que brincava nas feições distintas dele.

Ela se espreguiçou e cuidadosamente se desvencilhou do abraço de Josh para não o acordar. Silenciosamente ela levantou e se serviu de uma bebida da jarra em cima da mesa. Então ela foi até a porta e empurrou a manta feita à mão para encarar fascinada os primeiros raios de sol que incidiam acima do horizonte. Essa era a beleza na qual queria caminhar.

Atrás de si, ela ouviu Josh acordar. Ele levantou da cama, caminhou até ela e cobriu seus ombros com o cobertor que compartilharam durante o sono.

– *Ya'at'eeh abíní*. Bom dia. – Ele beijou o ombro dela.

– Ei. – Ela se virou. – Só estava falando ou para o sol nascente.

Seus dedos tocaram as costas nuas dele. – Não está com frio? – ela sussurrou. – Você me deu o cobertor.

Josh pressionou o corpo contra o dela. – Vou sobreviver. – Ele a beijou na boca. – Desculpe ter adormecido.

– Ah, bem, você merecia um bom descanso depois de ontem à noite. – Hannah corou enquanto relembrava. Tinha sido muito mais do que ela já sentira antes. Às vezes parecia que o tempo tinha parado, fazendo ela desejar que pudesse mesmo congelar o tempo e ficar naquele momento com Josh para sempre.

Ele sorriu e um brilho atrevido surgiu em seus olhos. – É, você acha? Então me saí bem?

– Você sabe que sim – ela murmurou e olhou timidamente para o chão.

Ela o ouviu gargalhar. – Bem, não posso ter certeza. Talvez eu esteja um pouco enferrujado.

Hannah levantou os olhos com uma risadinha. – Hum, não. Definitivamente não. Não se preocupe.

Ela o beijou cheia de desejo. Na verdade, ela não se importaria de se entocar no *highan* dele pelos próximos dois dias para ficar um tempo a sós com Josh, mas sabia que eles tinham que se encontrar com Sani logo após o nascer do sol. Gemendo frustrada, ela se afastou e pegou sua mala de roupas. – Vou me trocar. Vamos tomar café da manhã?

Ele balançou a cabeça. – Não é a melhor ideia. Vamos passar na sauna primeiro para suar as más influências. Você tem que fazer isso de estômago vazio.

Rapidamente ela colocou um vestido leve de verão. O amuleto ainda estava em volta de seu pescoço.

Josh vestiu uma camiseta sem mangas e calças largas. Ele também colocou no pescoço o enorme pingente turquesa que usou em seu aniversário na noite passada.

– Essa é realmente uma joia impressionante, sabia? – Hannah deu um passo na direção dele e passou os dedos nas pedras intrincadamente gravadas.

– Obrigada. – Ele parou por alguns segundos antes de continuar. – É um tipo de... relíquia.

– Relíquia do seu clã?

– Não. Minha. Eu tenho desde 1839. – Ele a encarou com um sorriso antes de completar. – Você que me deu.

– Eu? – perguntou Hannah. – Você quer dizer quando eu era Ka'aallanii?

Josh fez que sim. – Pertenceu à sua mãe. Ela foi morta por mexicanos durante uma de suas matanças. Você atirou em dois deles e pegou esse pingente antes que os soldados pudessem alcançá-la. E você me deu quando prometeu que ficaria comigo. É um presente de casamento na verdade.

Ela olhou para o pingente um pouco zozza. – Como você conseguiu guardá-lo por tantos anos?

– Sempre que acordo depois da minha jornada da visão, visito os lugares mais importantes da minha vida anterior, como uma peregrinação. Celebro as pessoas que enterrei ali e me despeço deles definitivamente. Conteí a você sobre minhas viagens até as quatro montanhas sagradas para me conectar com os espíritos dos meus ancestrais. Bom, essa era uma parte. A outra parte foi uma jornada para meu próprio passado. – Ele encarou a roda da medicina em sua parede. – Em relação a esse pingente - eu o enterrei em um local seguro quando sabia que minha vida no século dezenove estava chegando ao fim. A vida na qual conheci você. Quando nasci de novo em 1910, visitei o lugar em que enterrei o pingente e o desenterrei para poder usá-lo. E durante esta vida, enterrei-o de novo para encontrá-lo nessa vida.

– Você nunca me esqueceu – Hannah gaguejou emocionada.

– Não – ele disse. – Nunca.

– Gostaria de poder dizer o mesmo. Não tenho uma linha vital longa como a sua, mas gostaria de não tê-lo esquecido.

Ele sorriu. – Você não esqueceu. Porque você voltou.



Quando o sol tinha subido mais um pouco no céu, eles deixaram a aldeia de mãos dadas e seguiram uma trilha para as montanhas até que chegaram a um local isolado na mata sem ninguém à vista. Ali, Sani construíra um *hoghan* temporário com troncos de árvore que de algum jeito fazia Hannah se lembrar de uma grande tenda em forma de pirâmide.

Próximo ao *hoghan* ele cavou um buraco raso na terra para construir a sauna coberta por mantas e colchas para manter o vapor

lá dentro.

– *Ya’at’eeh* – ele deu as boas-vindas. – Estão prontos?

Eles assentiram. Hannah observou a aparência cansada de Sani. – Obrigada por nos ajudar, *shicheii*. – Ela se dirigiu a ele de maneira respeitosa, como a um avô.

– *Lá’aa* – Sani respondeu com um sorriso. – De nada.

Hannah viu Josh tirar as roupas para entrar na sauna. Ela desviou os olhos. Sani realmente planejava ficar ali parado enquanto ela se despia? Ela respirou aliviada quando ele se virou e caminhou em direção à entrada do *hoghan* cerimonial.

Dentro da sauna, a alta temperatura rapidamente fez Hannah se sentir nauseada e zozza. Gentilmente, Josh a apoiou quando ela se aproximou e colocou a cabeça no ombro dele.

– Não aguento mais esse calor – ela arfou.

– Tente aguentar mais um pouco. – Josh entregou a Hannah a caneca de água que estava próxima à pilha de carvões ao centro, que na verdade estava lá para jogar nos carvões e criar mais vapor. Ela deu um longo gole, ainda apoiada contra o ombro e Josh.

Depois do que pareceu uma eternidade, eles ouviram Sani os chamando do lado de fora. – Está tudo pronto.

Hannah esperou até ouvir o *hataalii* caminhando para longe e então saiu da sauna. O ar morno da manhã a fez se arrepiar depois das temperaturas extremas às quais foi exposta no primeiro ritual do dia.

Josh a seguiu e pegou duas mantas do topo da construção da sauna. Ele enrolou uma em volta dos ombros de Hannah e usou a outra para secar seu próprio torso e o enrolou em volta dos quadris. Hannah enxugou o suor do corpo e olhou para Josh. – Temos que nos vestir de novo?

Ele balançou a cabeça. – Vai funcionar melhor se sentarmos em cima do *iikaah*, a pintura de areia, completamente nus. – Ele lançou um olhar pesaroso e Hannah assentiu. Ela não deveria ter vergonha. Um curandeiro era um médico, assim como tantos outros com os quais ela se consultara e ela nem piscava o olho antes de se despir na frente deles.

Mesmo assim, parecia estranho caminhar até o *hoghan* e remover sua manta com o Sani ali. Ele estava sentado em um

tapete de pele de veado ao lado da pintura de areia na qual eles deveriam sentar, ocupado organizando os objetos do seu *jish* que seriam usados durante a cerimônia. Ela podia ver um chocalho, argila de diferentes cores, penas e plantas secas.

No centro do *hoghan*, ele fez um *iikaah* estonteantemente belo. Três figuras segurando bastões de oração estavam no meio, um dos quais claramente era um urso. Ela não conseguia identificar as outras duas figuras, mas podia sentir a energia que emanava da pintura de areia se instalar em seus ossos. Sani deveria ter trabalhado nessa obra de arte a noite toda.

– Por que temos que sentar em cima? – ela sussurrou para Josh.
– É uma pena. Vamos arruinar a arte.

Ele sorriu. – O *iikaah* atrai magia. Quando sentarmos em cima, a mágica será absorvida por nossos corpos.

Em silêncio eles sentaram no chão do outro lado da pintura de areia.

Quando Sani finalmente se levantou, ele começou a cantar e salpicar pólen de milho nela e em Josh. Ele caminhava em círculos ao redor deles e usava o chocalho para enfatizar a canção. Então, ele esmigalhou algumas folhas secas em uma tigela para queimá-las e encher o cômodo de uma fumaça com cheiro pungente.

A canção hipnótica deixou Hannah zonda de novo. Ela segurou na mão de Josh e sentiu-o apertar a sua própria para tranquilizá-la.

Piscando os olhos, ela observou melhor a parede atrás de Sani. O ar pareceu tremer e girar e de repente formou uma sombra com contorno de urso.

– Não tenha medo – Josh murmurou olhando para onde ela olhava. – É Shash, meu protetor da direção oeste. Ele está aqui para nos ajudar.

Apesar de suas palavras, Hannah sentiu o coração bater na garganta. Ultimamente ela vira sombras ameaçadoras demais para o seu gosto. Ela encarou a aparição e tentou se livrar da inquietação. E aí sentiu uma força poderosa, profunda e equilibrada que vinha do espírito animal. O urso era benevolente. Ele estava do lado deles.

– Está na hora – disse Sani naquele momento.

Como que em um transe, Hannah se levantou. Ela ainda segurava a mão de Josh quando eles se sentaram de pernas cruzadas, com os joelhos se tocando, em cima da pintura de areia.

Ela olhou em seus olhos castanhos e, assim, sem transição clara, estavam em outro lugar. O *hoghan* desaparecera. Em volta deles só havia floresta. Eles sentavam à beira de uma lagoa lisa como um espelho. A luz da lua iluminava a estranha paisagem, que parecia calorosa e acolhedora apesar da luz gélida.

– Entramos no véu? – ela perguntou a Josh em sua mente. Ela sabia que de alguma forma ele a ouviria.

Ele colocou uma mão no joelho dela. – É uma sala de espera. – A voz dele foi ouvida na cabeça dela. – Logo virão nos buscar.

O silêncio os envolveu. Hannah respirou fundo várias vezes e ainda podia sentir o amuleto em volta do pescoço. Aparentemente ela ainda precisava de sua proteção nesse lugar.

– Meus filhos – uma voz grave e sombria os chamou. Só poderia vir de um ser animal ancestral. Ela olhou por sobre o ombro e viu um enorme urso marrom parado ali, observando Josh e ela.

– Meu protetor – Josh explicou sem necessidade – está na hora.

Uma nuvem negra cobriu os olhos dela e fez tudo à sua volta desaparecer.

Tudo exceto a mão de Josh na sua.

1821- 1871

Estava escuro em Tseyi. Estou deitado de costas olhando as estrelas lá no alto. Em algum lugar ouço uma coruja piar. Isso me faz sorrir. Alguns dos membros do meu clã acreditam que o chamado de uma coruja é um mau presságio, mas de algum jeito o som sempre me faz sentir à vontade.

Enfim, não há muitas razões para se sentir à vontade hoje em dia. Os hispânicos não fazem mais parte da terra mãe do outro lado do oceano. Em vez disso, declararam independência e agora chamavam seu país de República do México.

Aconteceu no ano em que nasci. As terras que antes pertenciam ao meu povo foram implacavelmente tomadas e adicionadas ao solo mexicano, mas minha família conseguiu escapar deles e estabelecer-se no vale que ainda hoje habitamos - Tseyi, o desfiladeiro que em espanhol chamam de De Chelly. É relativamente seguro aqui.

Agora que os mexicanos não fazem mais parte do império espanhol na Europa, seus ataques aumentaram. Cada vez mais Diné são levados para serem escravos. Nunca considereei a possibilidade de que nosso povo tivesse que deixar de vez a parte sul do nosso território sagrado. Queria persuadir os mexicanos, mas nem meu conhecimento da língua - aprendida em vidas passadas - vai conciliar nossas culturas. A única coisa que querem é nos dominar, controlar ou então nos aniquilar para poderem moldar o mundo ao seu redor à sua ideia de perfeição.

Com um suspiro eu levanto quando o céu ao Leste se transforma em amarelo à primeira luz da manhã e caminho de volta ao vilarejo onde meu clã encontrou abrigo há tanto tempo. Quando entro no *hoghan*, Tsosi já está de pé. – Ei, madrugador – eu provoco meu irmão. – Acordado tão cedo?

– Olá, coruja – Tsosi responde com um sorriso. – Já voltou? – Ele conhece todos os meus hábitos, incluindo o de desaparecer a noite toda para fazer meus pensamentos pararem de girar e encontrar um pouco de paz no silêncio.

– Ainda tenho muito a fazer. O cacique diz que ainda precisamos fazer uma cerimônia do Caminho da Beleza. Ontem alguns novos refugiados chegaram à aldeia e eles viram sangue e violência mais que suficiente. Vamos restabelecer seu equilíbrio. Dar-lhes *hózhí*.

Estou feliz pois tenho a chance de mais uma vez espalhar a paz entre meu povo, fazendo discursos e rituais. Aprendi a lição durante a revolta de 1860 - lutar não é o meu jeito de fazer as coisas. Agora que sou o *hataalii* mais jovem da aldeia, tenho a sorte de poder ajudar as pessoas a recuperar seu equilíbrio apesar de todas as dificuldades pelas quais passaram e as coisas terríveis que testemunharam.

Assim que termino de preparar as diferentes cores de arei que precisamos para a cerimônia, caminho até o centro da aldeia para a reunião da tarde com os refugiados recém-chegados. Yas, nosso cacique, pediu que eles viessem hoje.

– Como estão as preparações? – ele pergunta quando me junto a ele na praça da aldeia.

– Estão indo bem. Fiz jejum desde hoje de manhã, então o ritual pode acontecer amanhã à noite.

– Isso é ótimo. Essas pessoas viram muita guerra. – Ele inclina a cabeça em direção ao grupo de fugitivos Diné que vieram do sul.

Eu observo as pessoas em frente à construção principal da aldeia. A maioria parece assustada e triste. Algumas delas olham ao longe melancólicas com os olhares desprovidos de esperança.

Uma garota entre eles me chama a atenção. Ela está orgulhosamente de cabeça erguida e seus olhos estão cheios de determinação e coragem. Não há medo em seu rosto.

Seu olhar encontra o meu e eu rapidamente desvio os olhos. Não quero fazê-la se sentir desconfortável. Quando volto a olhar para ela alguns instantes depois, ela está conversando com um senhor que provavelmente é seu pai. Ela segura a mão dele, confortando-o quando ele começa a chorar silenciosamente. Eu a observo furtivamente. Muito poder é evidente na postura dela e em sua maneira de falar; isso me fascina. Ela não é serena. Na verdade, ela é meu completo oposto, mas talvez seja exatamente isso que me chama a atenção.

– Quem são as duas pessoas à esquerda? – pergunto casualmente para Yas depois de ele terminar seu discurso e a garota e seu pai permanecerem na praça.

– Naalnish e Ka’aallanii do Clã do Sol. – A voz dele se torna solene. – Pai e filha. Ela impiedosamente matou os dois assassinos de sua mãe.

Me pego abertamente encarando Ka’aallanii. Que é essa garota? Ele é tão diferente de mim, mas mesmo assim me recorda de como eu era no passado. Ela me deixa confuso. Quero *mesmo* conhecê-la?

Rapidamente me despeço de Yas e retorno ao *hoghan* cerminial para continuar minhas preparações para o ritual vindouro. Agora não é o momento de me distrair.

Quando saio na manhã seguinte para beber um pouco de água do poço da aldeia, encontro-me com ela de novo. Ainda é cedo e ela está sentada ao lado do poço moendo milho em um pilão.

– *Ya’at’eeh* – eu a cumprimento. Por alguma razão ela me deixa nervoso. Ka’aallanii parece tão inabordável da maneira que está lá sentada sozinha.

Ela levanta os olhos – *Ya’at’eeh*. – Um sorriso inesperado aparece em seu rosto frio. Eu fico completamente desconcertado. O sorriso muda toda a sua expressão. É como se o sol de repente iluminasse o rosto dela apesar de o sol ainda não ter nascido completamente.

– Quer um pouco de mingau de milho também? – Ela mostra a tigela de grãos de milho moídos.

– Não, obrigado. Estou em jejum. Vou realizar o ritual *hózhóji* hoje à noite, junto com o *hataalii* mais velho.

– Ah, sim, é verdade. Yas me contou que você também é *hataalii*.

Ainda hesitante me sento ao lado dela. Na verdade, não tenho nada para fazer aqui a não ser matar a sede, mas eu gostaria de conversar um pouco mais com Ka’aallanii. Teria Yas falado de mim para ela por conta própria ou teria ela perguntado? Espero que seja o último - isso significava que ela me acha interessante o suficiente para descobrir mais a meu respeito. – De onde você e seu pai vem? – eu pergunto.

– Do sul. A situação estava ficando muito ruim. Todos os dias os mexicanos atacavam, então Tseyi pareceu o lugar mais segura para ir. – Ela olhava para as próprias mãos.

– Sinto muito por sua mãe – eu disse baixinho.

– Sim. Eu também. – A mão dela toca um pingente turquesa pendurado em uma corrente em volta de seu pescoço. – Isso era dela.

– Deve ser bom ter algo para se lembrar dela. – Não consigo me conter - ainda a encaro. Ka'aallanii não parece ter mais do que dezesseis anos e mesmo assim, parece tão sábia. Sinto-me à vontade perto dela e ao mesmo tempo, nervoso.

– Então, deixe-me voltar para a aldeia. Não quero tentá-lo mais que o necessário – ela diz e se levanta.

Olho para ela um pouco perplexo. – Como assim? – Me sinto flagrado. Ela me viu olhá-la de maneira indecente?

Ela ri. – Com o mingau de milho. Você não deve comer até hoje à noite, não é? Não quero dificultar mais do que já é.

– Ah. Ah, sim – eu murmuro de olhos arregalados e acendo quando ela sorri e vai em direção à nova área da aldeia, onde construímos novos *hoghans* para os fugitivos.

Eu retorno para o *hogan* de meus pais, onde Tsosi está ajudando nosso pai a selar os cavalos para uma viagem até a aldeia mais próxima. Ele me segue para dentro a fim de embrulhar alguns pedaços de pão de milho para a jornada e me olha inquisidoramente. – Por que o sorriso entusiástico?

Ergo uma sobrancelha. – Sorriso entusiástico? Eu?

Ele solta uma gargalhada. – Bom *sim*. Pode me contar depois, ok? – Ainda rindo ele sai do *hogan*.

Ainda confuso, sento no colchão para colocar roupas limpas para hoje à noite e examino cada pequeno detalhe da conversa que tive com Ka'aallanii. Sei que deveria me concentrar em coisas mais importante, e de repente desejo que não tivesse que fazer um ritual ou jejuar o dia todo. Tudo que quero é trabalhar no pomar e conversar com *ela* a tarde toda. Colher pêssegos e bater papo seria a oportunidade perfeita para conhecê-la melhor.

Mas não posso. Não posso querer isso. Tenho responsabilidades; sei disso muito bem. De repente, e pela primeira

vez em trezentos anos, sinto uma certa rebeldia em relação a Shash, meu espírito animal e protetor. O que ele espera de mim está começando a parecer demais. Mas francamente não deveria culpá-lo. Eu faço isso *comigo mesmo*, sempre me pressionando. O fato de eu ser o protetor dos Diné não necessariamente significa que eu não possa ter uma vida feliz cheia de amor.

Fecho os olhos e retorno ao momento em que os *yenaldlooshi* apareceram para mim. A memória de seus rostos não desapareceu por todos esses anos. Ainda me recordo de sua aparência e do som de suas vozes. Não posso entender como eles ainda me assombram depois de todos esses séculos. Como eles poderiam? Eles são bruxos, mas com certeza não são imortais. Eles estão mortos. Eles *tem* que estar mortos.

E então, eu compreendo. Dou uma risada de escárnio. O que es estou pensando? Isso é tudo uma fantasia. Mal troquei duas palavras com a garota e já estou planejando dez passos à frente. Talvez ela nem esteja interessada em mim. Ela provavelmente tem muitas outras coisas para se ocupar além de garotos; ela acabou de escapar por pouco de uma guerra. Provavelmente ela só queria ser deixada em paz.

Mesmo assim, sinto-me apreensivo a caminho do *hoghan* cerimonial naquela noite. Várias pessoas esperam em frente à construção. Aditsan, o *hataalii* mais velho, me cumprimenta calorosamente. Juntos, levamos o grupo de seis pessoas para dentro. Meu coração dá um salto quando vejo que Ka'aallanii é uma delas. Isso não é surpresa, afinal ela é culpada de matar dois mexicanos e provavelmente precisa de uma limpeza espiritual.

A cerimônia dura até bem depois do pôr-do-sol e quando finalmente saímos do *hoghan*, meu rosto está suado e meus olhos parecem que vão fechar a qualquer momento. Apesar disso, eu imediatamente endireito a coluna e tento parecer o mais acordado possível quando Ka'aallanii fala comigo.

– Me sinto muito melhor agora graças a você e Aditsan. – Ela sorri e sinto meu coração pular. Ela é tão gentil, porém tão forte.

– De nada – eu respondo.

Ela observa o céu. – Eu tinha perdido, sabe? A capacidade de caminhar em beleza. Achava a vida injusta, fria e dura. – Ela se

aproxima. – Mas agora, sou grata novamente. Grata por tudo que *consegui* manter. Sou grata pela segurança que Tseyi nos proporciona e todos os clãs vivendo aqui.

Também olho para cima e observo as estrelas que tantas vezes me inspiraram. – Fico feliz de ouvir que se sente em casa aqui.

– Isso não é difícil. Olhe só para esse vale. Tudo aqui ainda é tão belo e intocado.

Eu hesito e meu coração acelera. – Já caminhou pela trilha na montanha que leva além do vale até o mirante?

Ka'aallanii balança a cabeça e me olha curiosa.

– Gostaria de se juntar a mim para uma caminhada amanhã? Talvez eu possa mostrar algumas coisas. – Sorrio para ela e o sorriso que me confunde tanto aparece em seu rosto.

– Sim, claro – ela aceita entusiasmada. – É muito gentil da sua parte. Quando quer ir?

– Após o desjejum? – Se possível, gostaria de passar o dia todo com ela, então sugiro o mais cedo possível.

– Parece bom. Tudo bem. – Por um segundo ela pega minha mão e seus dedos tocam os meus. – Vejo você amanhã. Obrigada pela maravilhosa cerimônia.

– Vejo você amanhã, *shan díín* – eu digo sem pensar duas vezes. Sinto um frio na barriga quando ela me olha boquiaberta. Um rubor fofo surge em sua face e um sorriso tímido treme nos cantos de seus lábios quando ela abaixa os olhos e encara o chão à sua frente. Então ela se vira e vai embora. Eu fico olhando. Ela vai para longe da praça e arrisca um olhar por sobre o ombro para ver meu rosto ainda radiante. Então ela quase pula para trás do grande *hoghan* e desaparece de vista. Uma borboleta alegremente voejando.

Eu suspiro. Céus, estou impressionado comigo mesmo. Até que fui bem após anos de serviço diligente e desapego.

– Bem, isso explica o sorriso entusiástico de hoje de manhã. – Eu ouço a voz de Tsosi de algum lugar atrás de mim. Parece que ele estava me esperando depois do *hózhójí*. Ele deve ter ouvida a conversa entre eu e Ka'aallanii. Quando me viro ele tem um grande sorriso no rosto.

– Sim, ela é uma garota simpática – eu respondo perdido em pensamentos. – Então, como foi a viagem à aldeia vizinha?

Tsosi ignora minha pergunta. – Ah, não mude de assunto. Podemos falar sobre os vizinhos a qualquer hora. Quero saber tudo sobre sua nova namorada.

Dou um sorriso encabulado. – Bom, namorada... que palavra grande. Só vou leva-la para um passeio, *shik'is*.

Tsosi ergue as sobrancelhas. – Ah, sim. Uma caminhada em beleza, acredito. – Ele me lança um olhar cheio de significados.

Eu fico vermelho. – Certo. Vou para casa. Estou exausto e amanhã quero estar em forma.

– Imagino que sim – Tsosi ri, ainda em tom zombeteiro.

Enquanto caminho de volta para casa, me pego cantarolando. Há muito tempo não fazia isso.

Nos dias que seguem, Ka'aallanii e eu percorremos muitas milhas de trilhas montanhescas. Algumas vezes sentamos em silêncio no platô de rocha com vista para Tseyi, mas na maior parte do tempo caminhamos à beira do desfiladeiro. Mais e mais frequentemente ficamos de mãos dadas enquanto caminhamos ou sentamos.

Ka'aallanii fala. Ela me conta sobre a vida que tinha no Sul, a terra que conheço tão bem de minhas vidas passadas. A região mudou drasticamente. De acordo com ela, não era certeza que se estaria vivo ao final do dia. Rebanhos de ovelhas eram roubados dos fazendeiros Diné para alimentar a crescente população do México. Nosso povo é vendido como escravo para enriquecer os mexicanos.

Enquanto ela fala, posso ver como a inquietude gradualmente desaparece de seus olhos. Já tinha começado após o ritual *hózhójí*, mas ia além agora. Ela parecia mais relaxada, despreocupada e mais feliz a cada dia. Ela diz que ela é como a mãe, que foi uma mulher forte e corajosa. Quando ela fala sobre a mãe, um brilho que parece mais que amor aparece em seus olhos. Talvez seja um sentimento de perda que eu enxergue nos olhos dela, um tipo de melancolia e anseio por algo que nunca vai voltar.

– Obrigada por ouvir – ela me diz uma noite enquanto sentamos lado a lado no platô perto do precipício onde eu costumava olhar as

estrelas sozinho. – Não consigo parar de falar. Sou como uma cachoeira.

– Gosto de te ouvir falar. – Solto um suspiro. Se ao menos eu pudesse falar com ela sobre as coisas que se passavam em *minha* cabeça. Sei que é demais para outra pessoa compreender completamente, mas mesmo assim, gostaria que eu pudesse. Não me importaria de compartilhar com *ela*.

– Estou te entediando? – Ka’aallanii parece insegura. Ela deve ter me ouvido suspirar.

Olho para ela desculpando-me. – Não, nem um pouco. Estava apenas pensando em minha própria vida, só isso.

– Você não fala muito. – Ela me olha pensativa.

– Não – eu digo após um curto silêncio.

Ela sorri. – Tudo bem. Você não tem que falar se não quiser.

Sem pensar coloco os braços em volta dos ombros dela e a puxo para mais perto. – Falarei um dia – eu digo mesmo sem saber se poderei manter essa promessa.

Ka’aallanii relaxa em meus braços. Um leve brilho irradia de sua pele e minha ficha cai. Passei a semana toda em sua companhia, mas apenas segurei sua mão. Ela ainda parecia inacessível, mas ao mesmo tempo tão frágil. Eu sei que *poderia* levar isso adiante; o olhar dela quando a chamei de *shan díín* pela primeira vez estava guardado em minha memória. Mesmo assim, sou impedido pela cautela que se tornou natural para mim através dos anos; todo a minha desconexão meticulosa pesava em mim. No que essa garota se envolveria se me escolhesse?

Me viro para olhá-la. Ela coloca a cabeça em meu ombro e olha ao longe. Gentilmente coloco a mão em seus cabelos e acaricio as mechas suaves. Posso sentir que ela se aproxima mais. Então, ela ergue o rosto para me olhar e dá um sorriso inocente, porém sedutor.

–Ei – ela sussurra perto do meu rosto.

–Ei. – Meu pulso acelera quando pressiono meus lábios contra os dela e o cheiro doce de mandioca emana de seus cabelos. Ouço-a gemer baixinho e a puxo para meus braços. Ela acaricia meu torso e sua mão descansa onde meu coração bate loucamente.

Quando Ka'aallanii finalmente se afasta, ela olha fundo nos meus olhos. – Você me salvou – ela sussurra com um sorriso cheio de amor. – Você me salvou do amargor e do desejo de me vingar e causar dor nas pessoas. Você me trouxe paz.

Quase não sei o que dizer. – Você também me trouxe paz. E amor. Nunca senti isso por alguém antes – eu finalmente respondo

Sentamos em pedras acima do desfiladeiro até que o sol se ponha; rindo, nos beijando e abraçando. Quase não posso acreditar que isso esteja acontecendo. Tudo é tão incrivelmente belo, bom e puro que meus olhos se enchem de lágrimas.

No fim daquele ano me junto ao lar de Ka'aallanii e me mudo para o *hogan* do pai dela. Nós organizamos uma pequena cerimônia para celebrar minha junção ao seu clã. Normalmente eu me juntaria ao clã de sua mão, mas, é claro, a mãe de Ka'aallanii não era mais viva.

Com um gesto solene minha esposa coloca o pingente que outrora fora de sua mão ao redor do meu pescoço. – Ficarei com você – ela diz baixinho e me olha com olhos cheios de amor e afeição e um pouco de tristeza também. Durante ocasiões como essa, ela sente muito a falta da mãe.

Naalnish coloca a mão em meu ombro. – Bem-vindo à família. Desejo aos dois uma vida longa e feliz.

Uma vida mais longa do que ele pode imaginar, pelo menos no meu caso. Pego a mão de Ka'aallanii, puxo-a para mais perto e a beijo como se nunca tivesse beijado uma mulher antes. Com ela, me sinto em casa.

1841

Voltei da floresta com uma bolsa cheia de ervas medicinais. Aditsan colocou Ka'aallanii dentro do *hogan* onde frequentemente trata seus pacientes com sucesso, mas quando entro ele parece mais preocupado que o normal.

– Não consigo determinar a causa da febre. – Ouço agora que ele está tentando esconder o pânico da voz e isso me deixa ainda mais assustado.

Ajoelho-me ao lado dela. Ela está terrivelmente doente desde a noite passada. Minha doce garota, meu raio de sol. Ela está delirando, mas me reconhece. – *Shi'hastiin*. Meu marido. Você voltou.

– Sim, *she'esdzáán* - minha esposa. – Mostro a bolsa de ervas. – Encontrei alguns remédios.

Seus olhos se enchem de lágrimas. – Perdi – ela soluça e estende a mão em minha direção. Confuso, olho para Aditsan que silenciosamente me mostra um cobertor com uma grande mancha de sangue. Era o cobertor onde Ka'aallanii dormia quando saí da aldeia naquela manhã.

– Aconteceu essa tarde – ele explica suavemente.

Estou tentando segurar minhas próprias lágrimas quando olho todo o sangue que Ka'aallanii perdeu. Ela estava grávida de três meses, mas a febre alta que tomava conta de seu corpo se provou fatal para nosso bebê. Modo meu lábio com força. Não há tempo para luto. Tenho que me manter forte senão corro o risco de também perder minha esposa.

– Perna – Ka'aallanii sussurra com voz rouca depois que o choro diminuiu. – Dor.

– Onde dói? – Coloco a mão em sua coxa.

– Aí, não. Meu tornozelo. Esquerdo.

Inclino-me na direção que ela aponta chamando minha atenção para um calombo em seu tornozelo esquerdo. Parece que há algo embaixo da pele que causou uma infecção.

Chamo Aditsan depois de Ka'aallanii cair no sono novamente. – Pode vir olhar isso? Será que está infeccionado por causa de um espinho embaixo da pele? Ou um carrapato? – Nenhuma dessas opções causaria uma febre tão alta como essa, mas eu não quero descartar nenhuma possibilidade. Além disso, não tenho nenhuma outra explicação.

Aditsan franze a testa quando olha para o inchaço. – Estranho. Sugiro que inicie uma cerimônia para combater a infecção enquanto usa uma faca para cortar a pele. O que quer que esteja escondido embaixo tem que sair, isso está claro.

Trabalhamos juntos em silêncio. Meu velho amigo prepara as ervas que eu recolhi, faz uma pequena pintura de areia e começa a cantar depois de Ka'aallanii tomar o chá herbal com bastante dificuldade. Sua febre não abaixa; parece que só está piorando. Estou começando a me desesperar.

Quando finalmente encosto a faca em sua pele, Ka'aallanii desperta e se senta. Ela grita de dor antes mesmo de eu tocá-la.

Aperto os lábios enquanto faço uma pequena incisão e Aditsan suavemente canta e balança seu chocalho. Ela parece se acalmar um pouco e encara sua perna com olhos arregalados. Para minha própria surpresa, removo um pedacinho de osso que não é dela de sua pele. É quase como se tivesse sido implantado por algo ou alguém. Sinto calafrios quando coloco o fragmento de osso no chão ao meu lado. Limpo a ferida e aplico um pouco de unguento; sinto-me um pouco aliviado quando noto que o olhar desvairado está desaparecendo dos olhos dela. Toco sua testa e percebo que a febre abaixou um pouco.

Quando olho novamente para Aditsan, ele parece seriamente preocupado. Ele pega o fragmento de osso com os dedos protegidos por fibra de mandioca e vai para fora. Após um minuto posso ouvi-lo cavar um buraco no chão. O cheiro de fumaça entra na casa.

Ka'aallanii adormeceu profundamente segurando minha mão e parece completamente em paz agora. Gostaria de poder dizer o mesmo sobre o meu próprio estado de espírito. Nauseado, vou para fora e encaro as chamas da fogueira que Aditsan acendeu no

buraco que cavou para queimar o fragmento de osso e a fibra de mandioca juntos.

– Sua esposa foi amaldiçoada – ele afirma. – *Yenaldlooshi*.

Meu coração acelera no peito enquanto engulo lágrimas. Isso não é justo. Isso é *impossível*. Eles não podem me seguir até aqui, até esse tempo, essa vida; e mesmo assim o fizeram.

– Preciso de sua ajuda – finalmente sussurro em desespero.

Mais tarde naquela noite, Aditsan e eu estamos em nosso local de meditação de sempre nas montanhas. Ka'aallanii está dormindo no *hogan* que construímos juntos próximo à casa do pai dela. Depois de acordar por um momento e recordar seu aborto espontâneo, ela adormeceu chorando e segurando minha mão. Deixei-a com seu pai para que eu pudesse completar um importante ritual com Aditsan.

Expliquei para o curandeiro sobre a maldição colocada em mim tantos anos atrás, em 1680. Juntos adentramos o véu e vimos como os *yenaldlooshi* usam minha linha vital para me seguir até aqui; como usam seus sonhos e poderes obscuros para influenciar o presente a partir do passado.

– Viajantes de sonhos – eu murmuro depois de voltarmos dos nossos transe. – É assim que eles me encontram. Eles nunca vão desistir.

Minha garganta se fecha quando penso em Ka'aallanii que estava indefesa contra os fragmentos de ossos envenenados que meus atormentadores usaram para ataca-la. Eles a teriam tirado de mim se tivessem sido bem-sucedidos.

– Como posso derrota-los de uma vez por todas? – pergunto em voz baixa, porém resoluta.

– Não pode – o *hataalii* responde.

Por um bom tempo fico em silêncio. Temo ser ríspido com Aditsan por me dizer a dura verdade que eu já deveria conhecer.

– Tem certeza que é impossível? – pergunto eventualmente, mesmo que já saiba a resposta.

– Você sabe tão bem quanto eu. Esse tipo de *chindi* só pode ser derrotado se você os chamar pelo seu verdadeiro nome. E seus verdadeiros nomes não podem mais ser descobertos. Eles podem ser capazes de seguir a *sua* linha vital, mas você não pode voltar no

tempo para descobrir que *e/les* são. Você teria que saber a localização exata de seu esconderijo, o que não sabe.

Fecho minhas mãos em punhos. – Deve haver algo que eu possa fazer para proteger Ka’aallanii. – Eu engulo um soluço.

– Você pode deixa-la – meu velho amigo finalmente sugere com voz grave.

Meu coração vai para minha garganta e se parte ao pensar em deixar o amor de minha vida, de *todas* as minhas vidas. Daria qualquer coisa para protege-la, mas esse é um preço bastante alto a se pagar. Fecho os olhos e respiro fundo. – Não é possível encontrar algo que pelo menos os mantenha longe dela?

– Podemos, mas não sei por quanto tempo. Precisamos juntar madeira de junípero, freixo branco, pólen de milho... – Ele faz uma lista de remédios poderosos e sugere sair naquela noite mesmo e fazer um amuleto para proteger minha esposa dos três fantasmas do meu passado.

– Você não acha que deveria contar a ela sobre o perigo em que se encontra? – É a última pergunta que Aditsan me faz quando saio do *hoghan* cerimonial ao pôr-do-sol segurando o amuleto em uma mão.

Balanço a cabeça. – Primeiro quero ver no que isso vai dar.

Enquanto caminho de volta para casa tento me convencer de que não quero que Ka’aallanii se assuste sem necessidade. Na verdade, tenho medo de sua reação se ela algum dia descobrisse porque perdeu seu primeiro filho.

1842

– Foi uma viagem e tanto! – Ka’aallanii arfa. De mãos dadas damos os últimos cem passos que nos separaram de Nonnezoshe, o arco-íris que virou pedra. O lugar sagrado de nossos ancestrais.

Por meses minha esposa e eu ficamos de luto por nosso filho não-nascido até que, na semana passada, Ka’aallanni teve uma visão ordenando que ela deixasse a memória da gravidez na Ponte do Arco-Íris para que os deuses pudessem elevar a alma do bebê aos céus. Nossa tristeza não deveria mais prender o jovem espírito à terra.

Foi assim que acabamos fazendo a jornada para esse lugar no meio do inverno e graças aos dias gelados e o exercício físico, a disposição de Ka’aallanii melhorou. Posso ver o brilho familiar em seus olhos quando olha para mim e posso sentir o fogo queimando em suas veias quando está perto de mim. Coloco os braços em volta dela e pressiono a ponta do meu nariz gelado contra o dela.

– Estou congelando – ela começa a reclamar rindo um pouco.

– Posso te ajudar com isso. – Eu a beijo suavemente nos lábios que estão frios e quentes ao mesmo tempo. Sob meu toque ela se derrete em meus braços e chega mais perto de mim. Por um momento me esqueço porque estamos aqui e tudo que quero é ficar horas e horas perto dela. Ka’aallanii tem o poder de parar o tempo para mim e fazer o sol brilhar em meu rosto com seu amor.

Quando ela acaba o beijo e se afasta, o sol aparece entre as nuvens. A luz reflete na neve que cobre a terra. A respiração dela é uma nuvem branca no ar. Apenas por um segundo tenho a estranha sensação de que já estive aqui com ela antes, ou que vou retornar a esse lugar com ela algum dia. Abro e fecho os olhos repetidas vezes.

– Vou precisar de algum tempo – ela diz baixinho.

– Claro. – Eu concordo e dou um beijo rápido em sua bochecha. Agora ela tem que sentar embaixo do arco de arenito e observar os arredores para sentir, ver e ouvir o que os deuses de nossa terra esperam dela.

Eu caminho para longe. A neve faz barulho embaixo das minhas botas enquanto subo até uma pedra com vista para todo o vale. Espero que a magnífica vista me ajude a parar de me preocupar com minha esposa.

Até agora meu plano de contornar a maldição deu certo. Por alguns meses Ka'aallanii tem carregado o amuleto que eu e Aditsan fizemos pois ela não quer ficar doente novamente. Falei a ela que sua doença tinha relação com os espíritos das pessoas que morreram por suas mãos e que era imperativo que ela não retirasse o talismã. Uma pequena parte de mim se sentia culpada por mentir para ela, mas a maior parte de mim aceitava essa mentirinha como uma necessidade.

Enquanto olho para o sol partindo as nuvens no céu, ouço Ka'aallanii cantando suavemente. Sua voz é linda. Ela canta uma canção de ninar e eu engasgo. Essa era a canção que ela cantaria para embalar nosso filho e agora ela estava cantando para o eterno sono do bebê, para que ele pudesse brincar e engatinhar, balbuciar e dizer suas primeiras palavras no além.

Algun tempo passa e estou começando a ficar com frio. Quando decido começar a voltar, ouço um berro alto. É a voz *dela*.

Meu coração para. Começo a correr e quase tropeço no caminho até ela, apressando-me em direção à ponte de pedra até chegar em frente a Ka'aallanii. Ela está grudada nas pedras, os olhos fechados, as palmas abertas no ar afastando um inimigo invisível. Seus gritos são cheios de um medo que também me atinge. Do nada, cortes ensanguentados aparecem em seu rosto enquanto ela se debate contra algo que não posso ver.

– *Shan díín!* Eu grito aterrorizado e caio ao lado dela. Sob circunstâncias normais, eu nunca interromperia o transe de outra pessoa assim, mas a situação claramente pedia por medidas desesperadas. Coloco as mãos nos ombros dela e a chacoalho; coloco-a em pé; dou tapas em seu rosto algumas vezes.

Finalmente seus olhos se abrem e o grito de medo morre em seus lábios quando ela me vê. Ela começa a tremer, os dentes batendo e sangue escorrendo de sua testa e face, resultado de ferimentos misteriosos que ela recebeu.

– Shash – ela sussurra fracamente. Seus soluços são de partir o coração quando ela pressiona seu corpo trêmulo ao meu. – Eu... é... por que estou sangrando? – ela gagueja de maneira incoerente.

Tento acalmá-la e passo a mão em seus cabelos, mantendo-a em um abraço carinhoso. Quando cuidadosamente desabotoo o casaco de inverno que ela usa, vejo alguns talhos na pele de seus seios e garganta. Meu coração vira gelo.

Essas são marcas de coiote.

Olho para cima e nesse instante posso ouvir um uivo terrível ao longe, seguido de algo que parece uma risada alta.

Abro os olhos com um suspiro. Tento determinar de onde vem o perigo, mas já sei que o ataque terminou. O pesadelo na mente de minha esposa acabou e a influência daquelas imagens fantasmagóricas no presente se foi. Pelo menos por agora. Ka'aallanii está acordada e ainda vivo, mas por pouco. Alguns segundos mais poderiam ter sido fatais.

Eu deveria ter mais discernimento para não permitir que ela entrasse em transe num lugar como esse, tão próximo dos espíritos do passado. Não deveria tê-la deixado sozinha. Deveria ter contado a ela o que está acontecendo *meses* atrás. Idiota e egoísta que sou. Idiota, egoísta e apaixonado.

Pego alguns pedaços de mandioca seca do bolso da minha capa e dou um pouco para ela. Ela pega a comida com mãos trêmulas e mastiga sem prestar atenção. Ela não olha para mim.

– O que você viu? – pergunto finalmente após um silêncio prolongado.

Ka'aallanii treme em meus braços. – Não consigo explicar.

– Por favor, tente. – Eu tinha uma tênue esperança de que pudesse estar errado; talvez os *yenaldlooshi* não a tenham encontrado.

Mas quando ela começa a me contar o que viu, minha esperança é estilhaçada. As três sombras agourentas, suas silhuetas se transformando em coiotes e invadindo a mente de seus inimigos; eu as conhecia muito bem. Sua voz falha quando ela relata como os olhos deles ficaram vermelhos na escuridão de seu sonho, como suas garras se enterraram na pele dela, como ela sentiu medo. – Chamei os espíritos erados – ela conclui afinal, parecendo confusa.

– Devo ter feito algo errado e perturbei o equilíbrio desse lugar sagrado.

Eu balanço a cabeça. – Não. A culpa é minha. Eu fiz algo errado.

Minha voz falha quando eu explico a ela que sou amaldiçoado. O assassinato. Os muitos longos anos que passei como protetor do povo Diné e o profundo amor que sinto por ela.

–Eu amo você, *she’esdzáán*. – Eu olho em seus olhos temeroso de sua reação.

Lágrimas brilhavam em seus olhos. – Eu também amo você. – Ela colocou os braços em volta de mim. – Por que não me contou sobre isso antes?

– Não queria assustá-la sem necessidade. O amuleto deveria protegê-la.

– Mas não protegeu. – Ela suspira profundamente e encosta em meu ombro. Eu acaricio sua fronte machucada. – O que podemos fazer? – ela pergunta baixinho.

– Eu não sei. Não fazia ideia que aqueles bruxos ainda conseguiam me encontrar até você ficar doente. Foi quando eu e Aditsan vimos que você foi amaldiçoada. Fizemos o amuleto de proteção para você, mas isso não vai mantê-los longe para sempre.

Silêncio se assoma à nossa volta. À distância, nuvens negras flutuam e eu sugiro que armemos nossa barraca antes de a neve começar a cair. Ka’aallanii e eu trabalhamos em silêncio e quando finalmente nos sentamos lá dentro, o sol já tinha quase se posto.

Acendo uma pequena fogueira no centro da tenda para poder tratar os ferimentos de minha esposa com água quente, ervas e bandagens. Ela não falou muito desde minha revelação e lentamente uma frieza penetrante se instala em meu coração. Ela está assustada e eu também.

– *Shan díín?* – eu digo afinal quando ela está enfiada embaixo de cobertores em um canto da barraca com uma bandagem em volta da cabeça. Sento ao lado dela e pego sua mão. – Sinto muito. Nunca deveria ter permitido que você se envolvesse em meus problemas.

Ka’aallani dá um sorriso fraco. – Sei que sente muito – ela sussurra.

– Você quer me deixar? – eu pergunto, quase inaudível.

– Nunca. – Ela acaricia minha bochecha e limpa as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Sinto seu abraço, seu corpo contra o meu e me permito esperar por um milagre.

Os meses passam. A primavera chega ao vale e nos traz novos carneiros para o rebanho. Ka'aallanii e eu estamos tentando engravidar novamente, mas até agora isso não aconteceu. Para mim é óbvio que ela não está mentalmente preparada para isso. Às vezes ela acorda durante a noite gritando e chorando, procurando meu abraço calmante. Tenho certeza que ela sonha com as sombras aterrorizantes dos *yenaldlooshi*, mas ela nunca me conta o que a assombra. Nos dias ensolarados nos sentamos no platô onde nos beijamos pela primeira vez e quase parece que ela é a mesma, como se a sombra da minha maldição nunca tivesse sido jogada para cima dela. Nesses momentos eu me sentia perfeitamente feliz e espero que ela também. Entretanto os terrores noturnos continuavam a atormentá-la não importando o quão ensolarados nossos dias juntos eram.

Uma manhã decidi que iria para a floresta procurar alguns galhos de salgueiro para fazer um filtro dos sonhos para Ka'aallanii. Talvez isso faça com que as imagens terríveis não invadam mais seus sonhos. Meu irmão espera caçar alguns coelhos para o ensopado que sua esposa faria naquela noite.

Rindo e conversando, subimos a trilha íngreme até o platô acima do cânion. Perambulamos por horas pois não caçávamos juntos há muito temos e isso nos faz sentir como jovens novamente. Quando chega o meio-dia, nós paramos para descansar e comer a carne seca que trouxemos.

– O que é aquilo? – Tsosi diz de repente, cerrando os olhos contra a luz do sol e apontando para o horizonte, onde um rastro de fumaça subia em direção ao céu azul.

Aquilo me deixava ansioso. Não há tribos Diné na região que estamos explorando, mas até onde eu sabia, também não deveriam ter mexicanos ali. Quem acendeu um fogo que produzia tanta fumaça? – Não faço ideia. Vamos lá dar uma olhada.

Quando chegamos mais perto vejo um regimento de soldados vestindo uniformes estranhos. Subimos um morro próximo e ficamos escondidos nos arbustos.

– Que tipo de pessoas são essas? – Tsosi sibila ao meu lado. – Claramente não são mexicanos.

Com o coração na garganta eu observo os homens que vislumbrei em uma visão há muito tempo. Mais pálidos que os mexicanos, porém tão beligerantes e barbados quanto.

– Vamos sair daqui – meu irmão diz. – Não gosto de suas expressões. É melhor que não nos vejam.

Durante toda a viagem de volta à aldeia ficamos quietos e quando entrego o filtro dos sonhos que fiz naquela noite para Ka'aalanii aparentemente ainda estou quieto, pois ela me olha preocupada.

– Algo errado, querido? – Ela beija minha bochecha.

– Vimos homens estranhos no norte. Não eram mexicanos, mas era outras pessoas brancas. Estavam a algumas horas de Tseyi, explorando a região.

– Você acha que eles são inimigos dos mexicanos?

Dou de ombros. – Quem sabe? Espero que sim.

Conforme o ano passa, Ka'aallani se mostra correta. Os novos caraspálidas e os mexicanos continuam a lutar entres si. Mensagens do norte chegam de aldeias onde alguns de nossos companheiros de clã moram. Às vezes fico até feliz por alguém dar aos mexicanos um pouco de seu próprio veneno, mas normalmente me sinto tenso. Os novos 'homens brancos' podem não ser amigáveis conosco tanto quanto os mexicanos no fim das contas.

Um tipo diferente de tensão cresce em mim quando noto que Ka'aallanii está mais distante do que estou acostumado. Não a vi mais tendo pesadelos, mas é evidente que ela se sente desconfortável. Talvez ela esteja triste por não ter mais conseguido engravidar ou talvez ela queria ter um papel mais ativo na luta contra os *yenaldlooshi* que querem machucá-la. Isso seria típico dela.

– Ka'aallanii – eu começo uma noite – que tal ajudar a mim e Aditsan a fazer um ritual para encontrar os *yenaldlooshi*?

– Encontrou uma solução, então? – Ka'aallanii pergunta surpresa. – Achei que não pudesse derrotá-los.

– Aditsan acredita que a união de nossas almas pode possivelmente conectar minha energia sobrenatural à sua energia.

Dessa maneira, você estaria melhor protegida.

Ka'aallanii se aconchega a mim e fica em silêncio por um tempo.

– Não sei se quero fazer isso – ela murmura afinal.

– Não? – eu instigo quando ela permanece em silêncio.

Ela balança a cabeça. – Não tenho certeza. Isso me assusta. Nós do povo Diné não devemos falar sobre morte ou fantasmas e agora você está sugerindo esse ritual no qual vou experimentar seus poderes, o poder da morte e ressurreição, adotar sua longa linha vital e energia de algum jeito. Posso até ficar presa nela. – Ela me olha com pânico nos olhos. – Não acho que consigo lidar com isso. Você deveria saber que não tenho me sentido eu mesma ultimamente. Desde que fiquei doente e fizemos aquela viagem à Ponte do Arco-íris, sinto uma sombra de ameaça constante. Sinto isso em todo lugar.

– Por que não me contou? – Toco seu rosto suavemente. – Você não deveria carregar esse fardo sozinha.

– Com que propósito? Sabia que você não seria capaz de parar isso. – Ka'aallanii começa a chorar. Ela se enterra em meus braços enquanto tento confortá-la.

– Não posso simplesmente ficar com você *sem* fazer o ritual? – ela quer saber depois de se acalmar.

– Claro que pode, meu amor – eu respondo – claro.

Não faço ideia se isso é verdade.

1843

No meio daquele verão Ka'aallanii me visita uma noite com o rosto alegre. Estou sentado perto da fogueira que acendi na periferia da aldeia para meditar e chamar uma visão dos novos homens brancos, que continuam reaparecendo naquela região onde eu e Tsosi os encontramos da primeira vez.

– *Ya'at'eeh, Hózhójí Naat'á* – ela me cumprimenta usando meu título honorário de líder da paz. Ela senta ao meu lado e observa as chamas bruxuleantes. – O que o fogo está dizendo?

– Não vi muito – eu suspiro. – Muito em breve Tsosi e eu teremos que investigar as pessoas brancas do norte. Não consigo sentir suas intenções e Aditsan não teve sucesso em descobrir mais com suas visões na semana passada. – A guerra que Aditsan vislumbrou em suas visões é algo que não menciono para Ka'aallanii. Ela parece genuinamente feliz e eu não quero azedar seu bom humor.

Me viro para ela e a beijo na boca. Ela se aproxima e dá um grande sorriso quando coloco o braço em volta de seus ombros.

– Por que esse sorriso? – pergunto alegre.

Ka'aallanii morde o lábio. – Minha menstruação está cinco dias atrasada. – Ela indica a lua com a cabeça.

– Oh? – eu digo confuso, mas logo compreendo. – Oh! – eu repito com os olhos se arregalando.

– Ainda não tenho certeza, então não se empolgue muito. – Ela está tentando podar meu entusiasmo, mas seu sorriso é tão infeccioso que eu não posso deixar de sorrir também. A possibilidade de estarmos esperando outro filho empurra todos os outros problemas para fora da minha mente. E a abraço apertado e a beijo inteira, de novo e de novo, até o fogo à nossa frente parecer escorrer para o meu sangue, correr por minhas veias e pressioná-la para me levar para longe de minha meditação direto para a cama.

Na manhã seguinte eu levanto cedo. Empurro a manta na porta para o lado e olho para o brilho do sol nascente. Música gentilmente

preenche minha mente. Aquela beleza na qual caminhei ainda não desapareceu.

Atrás de mim posso ouvir Ka'aallanii sair da cama. Ela vem em minha direção e envolve meu corpo nu com o cobertor que usamos para dormir. Eu me viro, sorrio para ela e desejo bom dia.

– Vamos até o platô? – ela sugere depois que o sol nasceu e tomamos nosso café da manhã. – Quero agradecer Changing Woman.

Coloco a mão em seu ventre e concordo. Não queremos ser prematuros em nossa felicidade, mas também não queremos negar à deusa nosso agradecimento pelo milagre que acontece no ventre de cada mulher; um milagre que muito bem podia estar acontecendo de novo conosco.

Um vento morno sopra do leste quando saímos de casa. Ka'aallanii solta minha mão enquanto caminha pela trilha que leva até o mirante antes de começar a correr. Ela adora sentir o coração bater errático no peito se exaurindo ao subir uma trilha íngreme como essa. Ela sempre pressiona seu corpo ao meu torso para que eu possa sentir as batidas de seu coração quando estamos no platô.

– Só você e esse penhasco fazem meu coração bater assim – ela costuma me dizer com um sorriso jocoso.

Eu a sigo mais devagar e a observo enquanto ela corre morro acima com os cabelos dançando ao vento. Olho para meus próprios pés quando um frutinho de junípero seco chama minha atenção. O que está acontecendo aqui?

Cerro os olhos e posso ver um rastro de folhas de freixo na terra seca da trilha. Meu estômago vira pedra. Saio eu mesmo correndo tentando olhar para Ka'aallanii à minha frente e para o chão aos meus pés, onde também noto pólen de milho. Quero chamar Ka'aallanii, quero que ela pare de correr, mas minha garganta está fechada.

O amuleto está rasgado e seu precioso conteúdo vazou. Minha esposa está pisando em um platô de rocha perto de um precipício alto e perigoso e ela não tem nenhuma proteção contra a maldição.

– *She'esdzáán!* – eu grito, encontrando minha voz. – Fique aí, *shan díín!* Eu tropeço no platô e procuro os olhos de Ka'aallanii. Ela está de costas para o precipício e está olhando para a frente, mas

não parece se dar conta de minha presença. Ela olha para algo invisível e suas mãos tremem de terror. Não sei o que ela vai fazer se eu tocá-la, então me aproximo devagar e com cuidado.

Ah, Deus, não. Isso não. Não agora.

Aterrorizado eu a observo ir para trás, um passo após o outro, e se aproximar da borda do abismo. Lágrimas escorrem em seu rosto enquanto ela estende os braços como se tivesse tentando manter algo longe dela. Em então ela dá um grito, esfrega os braços e cai de joelhos escondendo o rosto com as mãos.

Meu coração para quando ela engatinha e chega tão perto do precipício que qualquer movimento errado a fará cair para sua morte.

– Ka’aallanii. – Dou um passo mais para perto. – Sou eu. Não tenha medo.

Quando fecho a mão em seu braço e começa a gritar de novo e um pé escorrega pela beirada em seu pânico. Ela perde o equilíbrio, mas eu não solto seu braço. Enquanto suor escorre por seu rosto, eu a puxo com força em minha direção. Eu fico congelado quando suas mãos escorregam para seu próprio pescoço em um aperto estrangulador. Ela para de respirar e fica azul.

– Por favor, não! – eu grito, choro, imploro. – Acorde! – Agarro seus pulsos e chacoalho seu corpo frágil. – Deixe-a em paz! – eu berro para o céu silencioso acima de mim. – Deixem ela em paz, seus bruxos malignos! Seus desgraçados miseráveis! Não ousem tocar em minha esposa!

Sinto um arrepio percorrer o corpo de Ka’aallanii. E então ela finalmente recobra os sentidos. Ela me olha e derrete em meus braços. Seus lábios se mexem, mas não consigo ouvir suas palavras.

– Venha comigo. – Eu a pego nos braços e sussurro suavemente em seu ouvido enquanto a carrego de volta para a aldeia o mais rápido que consigo. Sem aviso entro correndo no *hogan* de Aditsan. Meu velho amigo me olha em choque quando vê o corpo inerte de Ka’aallanii e meu rosto pálido.

– Precisamos de um talismã – eu digo ofegante. – Te conto o resto mais tarde.

Alguns dias se passam enquanto Ka'aallanii fica com Aditsan para recuperar as forças. Eu a visito todos os dias, mas ela não quer discutir o que viu no platô. Seu olhar me assusta. Ela me vê, mas sua mente está em outro lugar. Tenho reuniões com Yas e Tsosi e nelas discutimos começar relações amigáveis com os recém-chegados do norte, mas minha mente também está em outro lugar.

Quando entro no *hoghan* de Aditsan no quarto dia após o incidente, Ka'aallanii não está lá.

– Ela quer conversar com você a sós – o *hataalii* diz. – Ela levantou cedo e me disse o que agora estou dizendo a você. Ela disse que você saberia onde encontrá-la.

Com o coração batendo acelerado fui para nosso usual ponto de encontro. De repente a trilha morro acima parece íngreme demais para mim e as nuvens se juntando no horizonte entristecem meu coração. Estou tão nervoso que minha boca está completamente seca quando chego ao topo do morro. O suor se acumula nas palmas das minhas mãos, mas eu bravamente endireito as costas quando me aproximo de Ka'aallanii. Ela está ao lado da árvore na beira do precipício me olhando com os olhos cheios de tristeza e amor.

Quando me aproximo, vejo as lágrimas em seus olhos. Silenciosamente paro ao seu lado e coloca a mão em seu ombro. – *Shan díín* – eu a chamo.

Ela me olha com os lábios tremendo. – Por quanto tempo isso vai continuar? – ela me pergunta com voz abafada.

– Eu não sei – admito honestamente.

Depois disso Ka'aallanii fica em silêncio por um bom tempo. Olho para a mão que coloquei em seu ombro e tentou gravar essa imagem na memória junto com sentimento que tenho sempre que a toco.

Não posso mais me enganar. Nos últimos quatro dias tentei me convencer de que tudo ficaria bem, mas sei que não.

Sei o que ela vai dizer.

– Não posso aguentar isso – ela sussurra afinal com a voz falhando. – Eu amo você, mas não posso mais viver à sombra de seu passado. – Ela está com medo de olhar para mim.

Tudo ao meu redor para. O sol escurece. O vento morre.

– Eu entendo – murmuro do meu canto sombrio.

– Sinto muito. – Ela quase tropeça quando vai embora ao olhar mais uma vez por sobre o ombro e vendo minhas lágrimas correndo livremente. E então não vejo nada e ela desaparece de vista. Estou sozinho.

Não sei por quanto tempo sento ali depois que ela me deixou. O tempo passa devagar como que escapando de mim. Pássaros circulam acima de mim, seus cantos como que me zombando, tirando sarro da ideia boba que tive de que eu podia viver uma vida feliz e serena com Ka'aallanii.

Levanto quando o sol afunda no horizonte. Os olhos dela assombram meus pensamentos, me olham de todas as direções e não me permitem ter paz de espírito.

– Você me ama? – eu sussurro contra o vento que sopra em meu rosto. Estou parado nas pedras lisas ouvindo o eco da minha própria voz em minha mente. Vejo o eco do rosto dela em minha mente também, mas ela não tem mais voz e não me responde. Posso sentir os anos se alongando à minha frente, todos os anos em que terei que me forçar a esquecer como ela me olhava, como suas mãos me acariciavam, como seus olhos brilhavam quando eu dizia que a amava.

Só vou lembrar de como perdi meu coração.

Naquela noite me encontro com Tsosi em seu *hoghan*. – Estou indo embora– eu digo. Meu irmão ouviu as notícias sobre minha separação de Ka'aallanii. Não posso suportar ficar aqui e vê-la todos os dias. Minha partida apressada pelo menos vai servir um objetivo: prometi a Yas que faria contato com os novos homens brancos.

– Vou com você – Tsosi responde para minha surpresa.

– E sua família?

– Minha família precisa de proteção. Posso tomar o caminho mais fácil e ficar aqui, mas mais cedo ou mais tarde isso vai me alcançar. – Ele se aproxima e continua sussurrando: – Essa tarde mesmo algumas pessoas de uma aldeia próxima vieram conversar com Yas e contaram que as pessoas brancas do norte continuam invadindo nosso território. Não temos ideia do que eles farão quando nos descobrirem, então é melhor se chegarmos lá primeiro.

Eu conversei a mesma coisa com Yas algumas semanas atrás. Dou um tapinha no ombro de Tsosi com um vestígio de um sorriso no rosto, grato que ele me acompanharia em minha missão. Pelo menos não vou ter que lidar com meu pesar sozinho.

Durante o dia seguinte nos preparamos para a jornada. Ao fim da manhã tínhamos selado dois cavalos e juntado provisões suficientes em nossos alforjes para algum tempo. Nossa família veio se despedir.

Meu coração acelera a um ritmo alarmante quando Naalnish e Ka'aallanii também aparecem na praça da aldeia assim que estamos prontos para partir. Eu me viro na sela e não posso deixar de encará-la com dor no coração. Meu raio de sol. Ela é incrivelmente preciosa para mim. Ainda uso o pingente dela por baixo da camisa e quase temo que ela o queira de volta agora.

Ela se aproxima do meu cavalo e para hesitante ao meu lado. Ela coloca a mão no pescoço do cavalo, pouco centímetros da minha própria que segura as rédeas.

– *Ya'at'eeh*, Shash – ela fala suavemente, a voz falhando. – Vim para desejar boa sorte.

Posso sentir minha determinação começando a desaparecer. Como eu poderia fazer isso? Deixá-la?

– Obr... obrigado – eu gaguejo.

Seus olhos buscam os meus.

– Volte a salvo – ela murmura.

– Prometo – eu sussurro.

E então estamos na estrada, Tsosi e eu. Pelo resto do dia ainda posso sentir a mão de Ka'aallanii quase me tocando.

1846

Durante os anos junto com meu irmão, vagamos bem distante de Tseyi. Em nossas viagens encontramos americanos, os novos homens brancos, e inicialmente eu fiz contato com ele falando em espanhol. Agora já falou bastante inglês também.

Eles me conhecem como Barboncito e meu irmão como Delgado. Traduzi nossos apelidos Diné para o espanhol na primeira vez que nos apresentamos para as autoridades americanas e os nomes permaneceram. Eles também são mencionados no tratado que assinamos com tinta preta e uma pena branca como símbolo da paz entre os Diné e os americanos.

Sei que esse é apenas o primeiro passo em direção à paz duradoura, mas foi algo satisfatório. Tsosi e eu demos o exemplo e agora não vai demorar para que outros caciques Diné também assinem seus próprios tratados.

– Você vai continuar para o norte? – Tsosi queria saber enquanto grelhávamos algumas raízes silvestres numa fogueira de acampamento ao lado de nossas barracas naquela noite.

–O que você quer mesmo saber é se eu vou para casa com você.

Tsosi suspira e assente depois de um instante. – Você não pode adiar para sempre.

Nos três anos de nossa ausência, Tsosi retornou à aldeia algumas vezes para visitar sua família. Nunca o acompanhei nessas viagens para casa pois ainda não me sentia forte o suficiente para reencontrar Ka'aallanii. Sei que ela casou com outra pessoa nesse meio tempo e sei que ela tem dois filhos. Nunca me permiti remoer a questão de que seu filho mais velho possa ser meu. Mas finalmente chegou o momento de ver minha casa de novo. Posso sentir.

No dia seguinte partimos para Tseyi. A estrada que leva à nossa aldeia não mudou muito e meu coração acelera quando vejo o cânion. Tudo é tão belo quanto me lembro, apesar da atmosfera ter mudado na região desde que partimos. O medo paira no ar; medo dos mexicanos, medo das tribos vizinhas, que desesperadamente

tentavam escravizar nossa tribo para fortalecer suas linhas de defesa. Às vezes fazemos o mesmo com eles. Houve guerra demais e de todo meu coração espero que os tratados de paz com os americanos contribua para mais anos em paz pela frente.

A reunião com meus pais é emocionante. Eles sentiram muito a minha falta. Aditsan e Yas também não conseguem conter a emoção quando me veem novamente, mas acima de tudo ele não conseguem conter a felicidade quando informo que nossa missão de paz foi bem-sucedida.

– Você não desperdiçou seus anos longe dos clãs – Yas concorda e parece satisfeito enquanto arrasta a mim e Tsosi para seu *hoghan* para um jantar de comemoração que sua esposa e filhas estão preparando em homenagem ao nosso retorno para casa.

E então, eu a vejo parada ali ao lado do *hoghan* de Aditsan. Ela me olha incerta mordendo o lábio. Um garoto de mais ou menos dois anos segura sua mão e ela leva sua filhinha de apenas alguns meses no outro braço.

Ela é tão bela. Ela ainda tem os mesmos olhos radiantes mesmo com a expressão cansado que vi no rosto de tantas pessoas da aldeia.

Dou um passo em direção a ela quando de repente noto um jovem ao lado dela com a mão em seu ombro. Engulo o nó em minha garganta e cubro os últimos passos que nos separam.

– *Ya’ar’eeh, shilah* – eu a cumprimento como um amigo comum quando para na frente dela.

– *Ya’at’eeh, bislahalani* – ela responde usando o novo nome que as pessoas me deram enquanto estive ausente: o falante o orador. – Parabéns por tudo que conquistou nos anos passados.

Aceno com a cabeça e suspiro. Eu teria conquistado tanto se tivesse ficado com Ka’aallanii, construído uma família? Com certeza não, mas ainda me dói perceber a que custo estabeleci essa paz. Eu poderia estar ao lado de Ka’aallanii agora sem a maldição que me assombra. Eu poderia ser aquele jovem pegando o bebê dos braços dela e me cumprimentando com um sorriso amigável.

– Falo com você mais tarde – digo a ela quando vejo Yas me chamando. Rapidamente me viro e fecho os olhos para afastar as

lágrimas. Não tenho direito de ficar chateado. Ka'aallanii está feliz. Ela tem uma família maravilhosa, um marido normal e uma vida normal e meu povo assinou um tratado de paz com o povo branco, graças a mim.

Semanas viram meses. Nesses meses me aventuro com Tsosi de vez em quando para assinar mais tratados com mais partidos presentes nessa área. Porém, meu porto seguro é a aldeia em Tseyi. Ali é meu lugar.

Eu esperava que a dor de perder Ka'aallanii fosse abrandar, mas não. Vejo como seu novo amante a apoia e a ama como um bom marido.

Meu coração nunca vai sentir o mesmo, apesar de eu não a culpar por nada. Algumas vezes ela me visita e conversamos como conversávamos antes de nossos caminhos se separarem. De vez em quando ela coloca a cabeça em meu ombro por alguns segundos quando ela está cansada e só fica olhando para o fogo. Não arrisco colocar o braço em volta dos ombros dela nesses momentos. Não posso deixa-la se aproximar demais. Os *yenaldlooshi* nunca falham em me apavorar quando penso naqueles últimos dias em que fiquei casado com ela.

Visito o platô de rocha sozinho. Não sei se Ka'aallanni ainda vai lá também, mas suspeito que o lugar traga muitas memórias dolorosas para ela. Toda a felicidade que compartilhamos ali passa pela minha cabeça quando fico por ali nas horas vagas. A paz que sempre senti em meu corpo quando estava lá com ela nunca retorna.

Quando a primavera chega, eu me vou mais uma vez para falar de paz com os americanos. Eles prometem construir fortes em nossas terras para conter a ameaça das tribos inimigas e dos mexicanos, e nós prometemos parar de saquear suas vilas, mas de alguma forma não estou convencido que isso está tomando o rumo que queremos.

Tempos difíceis virão.

1850

E então, o desastre chega. Após meses de descontentamento insurgente, os mexicanos atacam em grande número.

– Corram para se salvar! – Minha mãe grita e puxa meu pai para a rota de fuga que leva para fora do vilarejo em direção a cavernas no alto da montanha. Ele tem uma perna ruim, mas cerra os dentes e tenta correr conosco o mais rápido que pode. Atrás de nós, o fogo sobe quando os mexicanos jogam seus archotes no *hoghan* de Yas.

Minhas mãos pegam uma flecha e o arco pendurado em minhas costas, mas estou atrasado demais para derrubar do cavalo o mexicano que passava. Enquanto meu coração bate em um ritmo frenético, vejo que meus pais conseguiram escapar sem serem notados. Aí corro de volta para a praça central do vilarejo para verificar Tsosi e sua família. Lá no fundo eu sei que também quero ter certeza de que Ka'aallanii também está a salvo, mas eu obstinadamente jogo esse pensamento para longe.

Quando chego à praça entro em pânico ao ver que ela está escondida embaixo dos arbustos ao lado de seu *hoghan* e me olhando com medo mortal nos olhos. Atrás de Ka'aallanii um punhado de soldados se encaminha para seu esconderijo e propositalmente desvio o olhar dela para não os alertar à presença da mulher que se esconde bem na frente deles.

Em vez disso, pego meu arco e puxo a corda para liberar uma flecha mortal. Um dos soldados cai em agonia quando minha flecha penetra seu peito. Os outros dois disparam em minha direção com um grito e carregam as armas que levam consigo. Eu ziguezagueio para longe deles e desapareço dentro de um *hoghan* e minha mão encontra uma lança próxima a entrada. Pego a arma pronto para me defender se necessário.

E então ouço um som que faz meu coração parar.

É Ka'aallanii gritando e implorando misericórdia.

Quando saio do *hoghan* a vejo deitada no chão em uma poça de sangue que aumenta de tamanho de maneira alarmante a cada batida do meu coração.

Não estou consciente de minhas ações nos momentos seguintes, mas quando recobro os sentidos, estou ao lado do corpo morto de um mexicano com uma lança ensanguentada na minha mão trêmula.

Minha respiração é rasgada quando ajoelho ao lado dela e pego sua mão. Ka'aallanii está pálida e inerte com se congelada no tempo. Sua mão está flácida na minha. Ela olha para mim sorri debilmente quando reconhece meu rosto.

– Shash – ela sussurra.

– *Shan díín* – eu soluço.

– Cuide de Bidziil e Doli – ela consegue enagasgar. Seus filhos.

Quero perguntar a ela se seu marido está morto. Quero perguntar de Bidziil é meu filho. Quero perguntar se ela ainda me ama. Deus, quero perguntar-lhe tantas coisas, mas é tarde demais. A luz do sol se esvai de seus olhos e leva sua bela alma junto.

– Vou cuidar – eu prometo com a voz falhando.

E então ela olha para um ponto além da minha cabeça e os cantos de sua boca se curvam em um sorriso final. Aquela luz – tão brilhante, ela suspira.

A mulher que amei mais do que a própria vida morre com a mão na minha naquela tarde.

1868

Quando fecho os olhos à noite, vejo destruição. Casas queimadas. Árvores derrubadas. Cavalos e ovelhas mortos a tiros. Terra chamuscada. Morte e desespero.

Foi isso que aconteceu em nosso pacífico vale alguns anos atrás. Um grande número de clãs e famílias foram incansavelmente caçados e roubados de tudo que precisavam para permanecerem vivos. A única maneira de sobreviver era aceitar as ordens dadas pelos americanos e mudar para a reserva ao leste. Deixar nossas terras para trás para sempre. Uma parte de mim não queria se render, mas cheguei à conclusão de que salvaria mais pessoas se assim fizesse. Então nós fomos.

Estávamos aqui há três anos. Esses anos não foram bons para nós.

Essa terra não nos trouxera paz. Ela é hostil para nós. Quando deixamos Dinétah também deixamos nossos deuses. Os espíritos da terra aos quais sempre estivemos conectados não podiam nos ajudar a viver aqui. Aqui, longe de casa, espíritos de origem desconhecida vagavam. Aqui não posso mais ser um *hataalii* e me comunicar com as forças da natureza pois não falo a língua dessa terra. Morte e doença nos seguiram como uma maldição. Não importa o quanto trabalhamos, nosso esforço é em vão. Todas as colheitas falharam.

Eu suspiro e me viro. Agora que observo desolado os tristes resultados de nossos longos esforços, não sei o que dizer. Porque é certo que terei que dizer alguma coisa. O general Sherman está vindo à reserva e ele insistiu em conversar com o chefe mais autoritário entre os Diné. Todos concordam que deveria ser eu, mas temo dizer ou fazer a coisa errada. O destino de todo o nosso povo está na balança e o que eu disser ao general Sherman vai pender a balança para um lado ou para o outro. O general ouvira notícias de que as coisas estavam difíceis na reserva e ele estava disposto a ouvir o nosso lado da história para decidir se permitiria ou não que voltássemos para casa.

Mas como posso contar o nosso lado sem cair em acusações? Os americanos nos causaram tanto sofrimento.

Sinto o coração na garganta quando meu irmão se aproxima para me chamar.

– Ele acabou de entrar na construção principal. – As rugas e marcas no rosto de Tsosi demonstram a dureza dos anos passados. Mais e mais ele se parece com nosso pai, que falecera já há tanto tempo.

– Como ele é? – Minha boca fica seca enquanto meus passos lentos me levam para o prédio onde o general Sherman me aguarda.

– Como um general. – Tsosi dá de ombros. – Eles parecem todos iguais.

Quando entro na sala principal, olho com escrutínio para o general. Para minha surpresa, vejo certa benevolência nos olhos do homem. Uma fagulha de esperança se acende em meu coração.

Atrás de mim uma multidão de Diné se aglomera pela porta do cômodo onde ele e eu vamos conversar.

– Estimado senhor Barboncito – o general começa – convidamos você e seu irmão para nos contar sobre a situação na reserva. Recebi relatórios de natureza alarmante sobre a saúde e bem-estar de seu povo. Por favor, conte-me: por que os Navajo não conseguiram se tornar bons fazendeiros e se alimentar com os frutos de seu trabalho nessa área reservada a eles?

Ao seu lado, um intérprete começa a traduzir a questão para espanhol e então um segundo intérprete traduz para Diné Bizaad. Para mim não é necessário - entendo as duas línguas muito bem - mas para os outros Diné presentes é importante que tudo seja explicado e traduzido. Aceno apreciativo para ambos os intérpretes.

Quando trabalho elaborado de tradução termina, todos ficam em silêncio. O general e os outros americanos presentes me olham com expectativa.

À minha esquerda, Tsosi tosse levemente e à minha direita, vejo outros caciques que me apoiaram durante os últimos anos. Eles esperam que eu faça um milagre e a situação toda me sobrecarrega. Como posso eu, o orador, falar sobre essas coisas

depois de tudo que me foi tomado na vida? E todas as vidas antes dessa?

Quando fecho meus olhos, relembro as incontáveis filas de pessoas a caminho do Forte Sumner. A Longa Caminhada. Uma estrada pelo inferno. Podo ouvir os tiros dados nos idosos e nas mulheres grávidas pois não andavam rápido o suficiente e estavam ficando para trás. Posso ver o corpo de Yas, o cacique que depositou sua confiança em mim e foi recompensado com uma bala na cabeça pois contraiu influenza durante a dura jornada a leste.

Lembro-me de dormirmos em valas no chão à noite com lonas nos cobrindo para que não escapássemos na escuridão. Recordo de grupos de atacantes Comanche ou mexicanos que roubaram nossas crianças e nunca mais as vimos. O olhar desesperado de Bidziil, meu filho adotivo, quando ele foi capturado por um grupo de mexicanos comerciantes de escravos. Descobri que Doli, minha filha, tinha desaparecido sem deixar vestígio. As condições deploráveis na reserva e os olhares de desesperança nos rostos de meus familiares e amigos quando descobrimos que nossa primeira colheita falhara. E a colheita de pois dessa. E a próxima colheita. O trajeto diário humilhante até o forte para implorar ao homem branco por comida com nossos vales-alimentação.

Que diabos eu deveria dizer a esse homem? O general Sherman não faz ideia de como nossas vidas têm sido absolutamente injustas. Se eu realmente contasse minha visão das coisas, não ajudaria meu povo. Eu me levantaria em fúria, bateria os punhos no solo em raiva impotente, bradaria o quanto eu perdi. O quanto *todos nós* perdemos.

Talvez chegue um momento em que eu possa expressar minhas emoções, mas não era esse. Todos os Diné nesse lugar estão contando comigo e minhas habilidades de oratória. Ka'aallanni, que me trouxe paz, está contando comigo, e eu não vou decepcioná-la.

Quando começo a falar, falo em minha própria língua. Sei que o general Sherman vai receber uma versão traduzida e mutilada do que eu disser, mas eu quero falar em minha própria língua para que meu povo entenda perfeitamente o que tenho a dizer.

– General Sherman, espero que entenda que seus líderes nos trouxeram aqui à força. Trazer-nos aqui causou a morte de muitos

de nós. – Minha voz falha e eu tento falar com mais firmeza quando continuo. – Nossos avós nos ensinaram a viver na nossa própria terra, nossa terra sagrada. Não acho certo fazermos o que nos foi ensinado a não fazer.

Olho para o general e me pergunto se ele é capaz de entender quão forte é a ligação que temos com a terra. Ele não conhece nossas histórias, mas talvez esteja disposto a ouvi-las. – Quando os Diné foram criados, Primeira Mulher, uma de nossas deusas, apontou para quatro montanhas e quatro rios nas bordas do que seria nossa terra. Nossos avós nos disseram para nunca sairmos dessas fronteiras. Agora nos mudamos e acho que essa é a razão porque tantos de nós morreram aqui. Essa terra não é para nós. Ela não nos nutre e nunca vai nutrir. O solo não sustenta nossas safras. Sempre que plantamos, nada cresce. Nossas colheitas falham. Nos esforçamos o máximo que pudemos, mas para nada.

Lágrimas enchem meus olhos. Penso na pobreza que nos afeta. O choro de fome das crianças à noite. Quando seco minhas lágrimas e fico em silêncio, sinto a mão de Tsosi em meu ombro e sei que tenho o apoio dele. Meu irmão está me apoiando.

– Quando vivíamos da nossa maneira, tínhamos bastante gado – eu continuo minha história depois de os intérpretes fazerem seu trabalho. – Éramos um povo orgulhoso e feliz. Como podemos manter nosso orgulho se temos que ir até à loja do forte para ter comida e sermos dependentes de outros para recebe-la? Tenho vergonha de viver assim.

O general me olha desconcertado e parece chocado quando ouve a tradução do intérprete. Olho para o chão aos meus pés e sinto uma esperança louca dentro de mim. É possível que ele realmente nos ajude?

– Está fazendo um excelente trabalho – ouço Tsosi sussurrar naquele momento. – Eles não te apontaram orador por nada, *bislahalani*. Estou orgulhoso de você, não importa qual seja a decisão do general.

Há agora muita conversa sobre os líderes brancos e o general me faz uma pergunta em um tom tão inesperadamente brando que me confunde.

– O que podemos fazer para ajudar seu povo? – ele pergunta sincero.

Fico espantado. Antes que os dois intérpretes tenham qualquer chance de traduzir essa pergunta, eu explodo sem disfarçar minhas emoções reprimidas. – General Sherman, essa terra não gosta de nós. Não podemos ser felizes aqui. Perdemos tanto. Eu... eu não posso mais suportar.

Posso sentir a tensão no ar e involuntariamente minha mão se fecha no pingente de Ka'aallanii embaixo de minha camisa. Não o deixei à mostra por todos esses anos. – Simplesmente quero ver o lugar em que nasci antes de ficar doente ou velho e morrer. – O lugar em que minha esposa morreu. Minha voz falha. – Isso é tudo. Percebo que estou aqui implorando como uma mulher indefesa, mas isso é só porque quero, com todo meu coração, ser levado de volta para minha terra. Viveremos dela; não precisamos de seu apoio. E espero que faça tudo, *tudo* que puder para nos ajudar, pois falei nada além da verdade sobre nossa situação aqui. Minha esperança entra pelos meus pés e sai pela minha boca. E espero por seu Deus e meu Deus que não nos peça para irmos a qualquer lugar exceto nossa própria nação, Dinétah. Não queremos ir para esquerda ou direita, mas direto de volta para nossa terra, onde é nosso lugar.

No primeiro dia do mês americano de junho, um tratado foi assinado pelo general Sherman, o presidente Johnson e todos os caciques do meu povo para reconhecer o fato de que os Diné são um povo independente.

Somos livres. Nossa estada em Forte Sumner acabou. Posso finalmente retornar ao lugar que me conecta a Ka'aallanii.

1870

Não mais está minha vida a minha frente – ela está atrás de mim. Não sou ainda velho, mas minha alma parece vazia. Lutei uma boa guerra.

Antes de aceder à minha jornada para o além, quero fazer uma última coisa.

Caminho em uma estada conhecida e pego a trilha para o platô. Escalar até lá me faz perder o fôlego. Quando finalmente chego ao topo, me encosto zozinho na árvore que sempre estive lá acima do cânion.

– Espere por mim – eu sussurro quando entrego o pingente de Ka'aallaanii embaixo das raízes da árvore, protegendo a joia com uma prece simples.

De certa maneira, espero que essa seja minha última vida. Não sei se quero voltar aqui carregando todas as memórias que tenho agora, mas se eu voltar, pelo menos terei um símbolo do amor de minha esposa por mim nessa vida. Encontrarei novamente esse local e usarei seu pingente como fizera antes. Ninguém poderá tirar isso de mim.

Quando olho para cima, o céu aparece entre as nuvens. – Olá, meu raio de luz – eu digo com um sorriso. – Você voltou para mim? – Uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto.

A luz acaricia minha pele e penetra nas camadas do meu coração enrijecido. Os raios de sol dançam pela paisagem mais uma vez povoada pelos Diné.

Trouxera eu paz duradoura?

Talvez tenha sido o suficiente.

1910 – 1943

1925

– Você *quer* me deixar nervoso, não quer? – Meu pai grita para minha mãe com voz instável quando entro no *hoghan*. Ele está sentado à mesa com uma garrafa de uísque pela metade na frente dele e minha mãe está a seu lado com o rosto pálido e sem expressão.

– Já te disse que não temos mais dinheiro esse mês – ela responde tentando controlar a voz. – Você vai ter que esperar. Aquele contrabandista seu não vai vender mais bebida fiado.

– Graças a você estamos afogados em dívidas – eu digo com voz cortante.

Meu pai se vira para mim. – Quem você pensa que é? – Ele levanta da mesa. Seu rosto chega perto do meu e sinto o cheiro do álcool em seu hálito. – Não fale comigo desse jeito.

– Deixe Samuel em paz! – Minha mãe dá um passo à frente.

De repente meu pai ergue a mão e dá uma bofetada no rosto dela. – Você cale a boca. Fique fora disso. – Ele se apressa para fora do *hoghan* e posso ouvi-lo esbravejar do lado de fora.

Com olhos arregalados minha mãe encara a porta e coloca a mão contra a bochecha.

– *Shima*. – Coloco um braço em volta dela. Ela começa a chorar sem emitir som algum.

– Por que não o deixa? – Digo a ela afinal.

Ela me olha com um sorriso fraco nos lábios. – Porque ele é meu marido, Sam.

– Acredito que tenha mais autoestima que isso.

– Tenho – ela diz – mas ele não.

Claro que entendo que meu pai é uma vítima, assim como minha mãe. Mesmo antes de acordar quando tinha quatorze anos e perceber quem eu realmente era, eu compreendi que o trabalho de meu pai para a companhia ferroviária trouxe a ele o contato com o álcool, uma maneira fácil de esquecer que as coisas não iam bem para sua família. No começo pareceu uma boa ideia, passar a noite junto com amigos das aldeias vizinhas e tomar um copo de uísque.

Mas não demorou muito para a bebida muda-lo. Ele ficou insensato, quase como um homem branco. Ele arrotava, gritava e nos dava ordens. Eu tinha medo dele quando bebia e isso passou a acontecer com mais frequência. Quando a Lei Seca entrou em vigor, nada mudou - ele começou a comprar álcool ilegalmente e seu vício ficou mais caro.

As coisas pioraram quando, há cinco anos, Nantai, meu irmão mais velho, foi pego pelo *silao*, a polícia da reserva, e levado para Chinle onde foi forçado a frequentar uma escola de brancos.

– É um internato e seu filho será bem cuidado – o policial assegurou a meus pais. – Ele vai aprender a falar inglês e retornar como um verdadeiro americano.

Minha mãe me escondera na sauna debaixo de uma pilha de cobertores e rogara a Maria que o *silao* não me encontrasse e levasse embora também. Depois que os sequestradores do meu irmão se foram, minha mãe me tirou do esconderijo com lágrimas nos olhos e me deu um novo nome bíblico – Samuel, que significa ‘Deus ouviu’. Não vemos Nantai desde então e meu pai passou a beber mais depois desse incidente.

Minha mãe acredita em Jesus, Maria e Deus e ela vai à igreja. Felizmente muitas pessoas encontram conforto na fé cristã agora que nossas tradições são consideradas ridículas e primitivas e há tanta pobreza e alcoolismo. Elas acreditam que nossos próprios deuses nos abandonaram e que só pode haver salvação na vida após a morte. E posso entender esse ponto de vista.

1928

Em um dia frio de primavera, Nantai retorna inesperadamente.

Minha mãe está dobrando alguns cobertores que ela recentemente teceu quando vê um cavalo e uma carroça se aproximando. É conduzida por um jovem alto vestido como um *biligaana*.

Quando vou para fora, Nantai está subindo a trilha em direção à nossa casa com passos hesitantes. Ele nos encara e um sorriso surge em seu rosto.

– Mãe. – Ele a abraça. Sua mãe se estende em direção à minha. – Irmãozinho – ele continua e me olha com alegria.

– O que ele está dizendo? – minha mãe pergunta confusa. Ela não consegue parar de abraçar Nantai.

– Ele está nos cumprimentando em inglês, *shima*.

Minha mãe começa a falar com Nantai em nossa própria língua e vejo uma expressão de dor no rosto dele.

– Voltei de vez. – ele gagueja e tem um estranho sotaque. Fica claro que ele não fala a nossa língua há muitos anos.

– Onde está *shizhé'é*? – ele pergunta quando nós três estamos sentados do lado de fora, no chão, comendo uma refeição simples.

– Está trabalhando – minha mãe responde brevemente.

– Está apostando – eu a corrijo – e quaisquer ganhos serão gastos até o fim da noite.

Sinto como ela me olha com uma expressão sofrida e imediatamente me arrependo de minhas duras palavras. – Desculpe – eu murmuro.

– Como passou todos esses anos? – minha mãe pergunta cheia de interesse. – Você parece bem. Está usando roupas boas. – Ela sente o material da jaqueta dele.

Nantai fica bastante tempo em silêncio. – Obrigado, mãe. Não sei como me sinto a respeito. – Ele pausa por um instante. – No caminho para casa encontrei pessoas que me acusaram de ser um traidor por causa dessas roupas. Algumas pessoas me acusam de ser um *biligaana* agora.

- Por aqui os chamamos de *bilisáana* – eu digo.
- Maçã? – Ele ergue as sobrancelhas.
- Vermelho por fora e branco por dentro.

Nantai me encara, um pouco magoado. – É isso que pensa também? – ele pergunta ansioso.

Sorrio para ele. – Claro que não – eu digo, mas não tenho muita certeza de que fui sincero.

Comemos nossa refeição em silêncio, minha mãe, Nantai e eu. Juntos lavamos os pratos e fazemos café. Então meu irmão começa a falar. Em um Diné Bizaad quebrado ele nos conta como cinco anos atrás chegou em Chinle com centenas de outros garotos e foi levado até um prédio grande e pouco convidativo. Os rigorosos homens e mulheres que trabalhavam no internato cortaram os cabelos de todos os garotos, independentemente se queriam ou não manter seus *tsiyee/s*. – Não é civilizado um homem ter cabelo comprido. E as garotas também eram tratadas assim. Sem exceção.

Naquela noite, todas as crianças do internato foram acorrentadas às suas camas no grande dormitório. Às cinco horas eles tiveram que acordar e receberam pão e feijão de café da manhã. Não teriam outra refeição até o final da tarde.

– Havia um silêncio mortal no refeitório enquanto sentávamos – meu irmão nos conta. – Ninguém ousava falar pois os *biligaana* às vezes ficavam bravos inesperadamente e começavam a bater nas crianças sem motivo. – Nantai tem o olhar fixo à sua frente. – Num determinado momento, não aguentei mais o silêncio e comecei a falar baixinho com o garoto ao meu lado que, no fim das contas, tinha vindo de Oraibi. Falamos baixo de propósito para não incomodar ninguém.

- E então? – eu pergunto, pois ele fica em silêncio.

– De repente um homem gordo de cabelos grisalhos aparece atrás de nós. Ele nos arrastou da mesa e grito conosco em inglês. Fomos levados para a lavanderia por duas irmãs. Elas lavaram nossas bocas com sabão. Depois disso, levamos uma surra. – Lágrimas surgem nos olhos de Nantai. – Mais tarde descobrimos que eles nos ouviram conversar em nossa própria língua. Isso não era permitido. – Ela olha para minha mãe quase implorando. –

Shima, por oito anos não me permitiram falar em minha própria língua. Esqueci as coisas. Não sei mais quem eu sou.

Minha mãe o abraça. – Não se preocupe. *Nós* sabemos que você é.

As semanas passam e lentamente Nantai reaprende a falar sua própria língua. É bom que, sem o conhecimento dos outros, eu saiba falar inglês, pois posso ajuda-lo quando ele não sabe como traduzir as coisas. Estou contente de meu irmão mais velho estar de volta. Ele cuida de nossa mãe e tenta acalmar meu pai quando ele está bêbado. Ele sempre foi melhor que eu nisso.

– Vamos para Tseyi – ele sugere uma manhã quando o sol acabou de nascer e estamos do lado de fora ouvido o canto dos pássaros. – Perguntei aos vizinhos se poderíamos pegar dois cavalos emprestados.

Lentamente concordo. Claro, o Desfiladeiro de Chelly é um local sagrado para nosso povo, mas é mais que isso para mim. Em minha vida passada lutei para ver aquele lugar novamente; e também foi lá que perdi aquilo que queria manter mais que tudo. Falamos para minha mãe que vamos viajar por alguns dias e quando os cavalos estão selados, partimos na direção sudoeste.

Logo o dia esquenta e eu tento levar os cavalos por uma trilha que nos leve para perto de água várias vezes. O terreno em que viajamos não é fácil e não é até o fim do dia seguinte que chegamos a Tseyi. O sol está se pondo por trás das paredes do desfiladeiro e eu prendo a respiração enquanto levo meu cavalo até o vale onde vivi séculos atrás. É tão estranho ver esse lugar de novo. Ainda existe uma aldeia onde meu clã vivia.

– Se importa de passarmos a noite aqui? – meu irmão pergunta a um senhor de mais ou menos setenta anos que está sentado ao lado de seu *hoghan*.

– Claro que não – o homem responde com um sorriso, mostrando que lhe faltavam alguns dentes. – São bem-vindos.

– Apesar de cansado, sou dominado por um forte desejo de caminhar até o platô de rocha. O pingente que o senhor usa me lembrou no colar que enterrei aqui, por baixo de algumas raízes da árvore. Com todo meu coração torço para que ainda esteja lá.

– Vamos caminhar até a borda do desfiladeiro? – pergunto a Nantai depois que o senhor nos deu uma tigela de sopa e um pouco de pão. – Vi que tem uma trilha que sobe da aldeia.

– Tudo bem. Vou colocar uma camisa.

A caminho da trilha passamos por um rebanho de ovelhas pastoreadas por duas jovens Diné usando saias compridas e blusas de veludo. Elas nos cumprimentam de maneira amigável e uma delas começou a resmungar quando alguns carneirinhos se afastam do rebanho e correm em direção ao riacho que corre pelo vale através das árvores.

– Lindas garotas. – Nantai me dá um esbarrão e sorri para mim.

– Tem uma namorada, irmãozinho?

– Não. – Falo mais rispidamente do que pretendia. – E eu não saberia como pagar a família dela se eu quisesse me casar. Não somos particularmente ricos.

– Ah, bem – ele diz – o amor conquista tudo.

Subir a trilha é fácil. Na minha memória a trilha era mais íngreme, mas a última vez que estive aqui eu tinha cinquenta anos de idade e estava fraco por conta de doenças e anos de subnutrição. Quando chego ao platô e caminho até o precipício para observar a paisagem, fico completamente em silêncio. Nantai, que está ao meu lado, de alguma maneira entende como me sinto. Ele não fala nada, só olha para o vale.

– É lindo aqui – ele diz depois de algum tempo. – Tão intocado.

Pisco os olhos e tento não pensarem nossa aldeia em chamas e nosso gado sendo abatido.

Quando meu irmão senta na rocha para meditar com as pernas embaixo de si, eu me viro. Meu coração bate rápido e eu caminho até a velha árvore, que agora é muito maior do que na última vez que estive aqui.

– Eu voltei – sussurro enquanto toco seu tronco. – Você cuidou bem do meu pingente?

Em meu bolso há uma pequena pá que eu trouxe comigo. Eu a pego e raspo o solo duro ao redor das raízes. Devagar faço um buraco no chão que se torna cada vez mais fundo. O sol agora está tão baixo que há um brilho avermelhado no horizonte e eu espero

ser capaz de encontrar o que estou procurando antes de que escureça demais para enxergar.

Então atinjo um fragmento de cerâmica e minha boca fica seca. Eu tinha escondido o pingente em um pote artesanal para enterrá-lo, mas agora só encontro esses pedaços. Será que alguém encontrou meu tesouro?

Continuo cavando apressado quando de repente vejo uma pedra turquesa enterrada. Consigo colocar os dedos embaixo dela, cavar um pouco mais e então seguro o pingente de Ka'aallanii em minhas mãos.

Tudo ao meu redor congela e eu sinto o peso do pingente na palma da minha mão, sinto o peso dos anos que passaram em meus ombros. Estou agachado limpando a terra do pingente. Meus dedos tremem e meus olhos se enchem de lágrimas. Tenho agora a mesma idade que tinha quando conheci Ka'aallanii em minha vida passada. Tanto aconteceu; sou agora uma outra pessoa vivendo uma outra vida, com um passado diferente, mas ainda sim sinto falta dela. Tenho muita saudade dela.

Sento no chão chorando levemente e seco minhas lágrimas. Não quero mais chorar. Não há nada a fazer. A sombra do tempo me mantém cativo, mas o tempo também vai curar minhas feridas. Sou imensamente grato de poder ao menos ter preservado algo que me foi dado pelo amor da minha vida.

– Algo errado? – de repente ouço a voz de Nantai ao meu lado. Olho para cima e meu irmão senta ao meu lado. – O que aconteceu, *shik'is*? Por que está chorando?

Sem fala olho para minhas mãos e vejo como a mão dele escorrega por sobre as minhas e tira o pingente de meus dedos contraídos. – Encontrou alguma coisa?

– Esse é meu pingente – respondo bem baixinho.

– Então como veio parar aqui?

O vento sopra levemente pelas pedras, farfalhando as folhas nas árvores e soprando meus cabelos. Lentamente o sol mergulha no horizonte.

De repente me ouço falar.

Conto a Nantai sobre minha vida passada como Barboncito, sobre minhas vidas antes dessa, sobre minha missão de vida e

sobre a maldição que recebi. Não pauso nem um instante e não olho meu irmão nos olhos. Em todos esses anos nunca contei meu segredo a ninguém além dos homens e mulheres *hataalii* que me acompanharam, e até para eles não contei tudo que me aconteceu. Minha história é um fluxo incontrolável de emoções reprimidas e eu não tenho mais o poder de pará-la. Quero alguém comigo. Não mais quero carregar o fardo sozinho, decidir tudo por mim mesmo. Quero ser um ser humano comum novamente, não uma figura mítica cuja vinda é esperada e louvada pelos *hataalii* em toda Dinétah.

Quando finalmente paro de fala, meu irmão coloca seus braços em volta dos meus ombros. Ele fala comigo em inglês. – Meu Deus, Samuel. Você está carregando um fardo e tanto. Vou te ajudar, eu juro.

Respondo em inglês. – Não sei se você pode. Nem precisa na verdade. Só me ouça vociferar de vez em quando.

– Vou pensar em alguma coisa. Você tem meu apoio. – Nantai diz em nossa própria língua com um sorriso. – E eu aqui pensando onde foi que você aprendeu tantas palavras em inglês.

Eu dou uma gargalhada. É bom poder rir e compartilhar parte do meu fardo com alguém de minha própria família.

1933

Limpo o suor da minha testa depois de escalar o último morro que me separa de Keams. O dia está quente e meu cantil está praticamente vazio. Só torço para que o comerciante em Keams tenha trabalho para mim, pois estive na estrada por quase uma semana na esperança de participar do programa CCC que estava sendo instalado na reserva.

Algumas semanas atrás, Nantai retornou todo animado do entreposto em Kayenta perto de nossa casa. – John Wetherill me disse que vão construir estradas na parte sul de Black Mesa – ele nos contou entusiasmado. – O presidente Roosevelt incluiu nossa terra no Novo Acordo. Ele também quer que as pessoas aqui sejam treinadas como carpinteiros, mecânicos de automóveis, construtores e tudo o mais.

Apenas uma vez em minha vida eu vira um automóvel. Um ano atrás um *biligaana* importante viera à reserva dirigindo um automóvel. Apesar de a Corporação de Conservação Civil ser uma invenção do homem branco, não podia deixar de compartilhar o entusiasmo de Nantai. Estava curioso para saber mais.

– Entre para a corporação – Nantai gravou em mim naquela noite. – Por séculos você teve uma missão uma nossa tribo e você pode ter um papel importante no desenvolvimento da reserva. Tente aprender o máximo que conseguir com os *biligaana*. Eles estão aqui e não vão partir, então podemos ao menos aprender como fazer parte do mundo deles.

– Não vai se juntar a mim? – Por um momento me senti abandonado.

– Vou ficar aqui. – Nantai olhou para o tear onde minha mãe começara uma nova manta e para as garrafas de uísque vazias perto da árvore do lado esquerdo do *hoghan*. Entendi sua razão muito bem e não só porque ele começara a treinar como *hataalii* na aldeia.

– Manteremos contado – eu disse baixinho.

Agora caminho lentamente morro abaixo até Keams em busca do entreposto. Depois de escrever uma carta curta para minha família, o homem do correio se oferece para me levar de carro naquela tarde até um acampamento na periferia de Keams. Parece que tem Dinés trabalhando lá fazendo cascalho para as estradas que serão construídas, supervisionados por um inspetor branco. – O trabalho paga bem – ele diz enquanto sento ao seu lado no carro. A velocidade a que vamos me deixa tonto por um momento, mas depois disso começo a apreciar a velocidade com que o carro anda. A perspectiva de um bom salário também me deixa feliz. Vou me assegurar de que o dinheiro vá para meu irmão e minha mãe sem que meu pai desperdice.

Há uma atmosfera agradável no acampamento. Há Dinés locais trabalhando lá, mas outros homens e garotos vêm de mais longe. O homem branco que organiza o trabalho e nos ensina a explodir pedras com dinamite na verdade não passa de um menino. Ele tem mais ou menos minha idade.

Quando caminho até minha barraca naquela noite, vejo que o jovem inspetor está ao lado de seu carro com algo que eu nunca vira antes. Ele faz música com uma caixa de madeira que tem seis cordas acopladas. Aquilo soa maravilhoso e estou curioso o suficiente para parar e ouvir discretamente por algum tempo a canção que ele toca.

Após alguns minutos, o garoto branco ergue o rosto. – Ei, você! Quer sentar comigo e cantar junto? – Ele faz um gesto na minha direção provavelmente porque não tem certeza se eu entendo seu inglês.

Começo a sorrir e caminho na direção dele. – Claro. Gosto da sua música. É muito bonita.

– *Hózhó?* – Ele diz rindo por ter usado uma palavra da minha língua. Sento ao seu lado. Esse homem branco claramente está interessado na nossa cultura.

Ele se apresenta da típica maneira americana. – Meu nome é Edward, Edward Hall, mas todos os meus amigos me chamam de Ned. – Ele estende a mão e aperta a minha. – E qual é seu nome?

Hesito um pouco. – Sam Yazzie. Na minha cultura não é comum nos chamar pelo nosso nome verdadeiro.

Ned levanta a sobrancelha e parece um pouco envergonhado. – Ah, desculpe. Então, como se chamam?

– Depende. Os parentes chamamos de ‘irmão’, ‘irmã’, ou ‘pai’, e pessoas que conhecemos bem chamamos de ‘amigo’. Normalmente temos apelidos para as pessoas próximas para não diminuir o poder de seu nome verdadeiro ao usar o tempo todo.

Ele assente devagar e começa a sorrir. – Que belo pensamento.

– Não me importo que me chame de Sam, já que não é meu nome verdadeiro – eu sorrio.

Ned dá uma gargalhada. – Não me importo que me chame de Ned, já que também é um apelido.

Continuamos conversando. Na verdade, gosto de Ned, o primeiro *biligaana* que gostei em toda minha vida. Ele me conta sobre seus estudos e seu trabalho para o programa CCC. Ele me mostra como tocar seu violão e até me ensina a tocar uma música simples. Conto a ele sobre minha família no norte, meu irmão que esteve em um internato, e as tradições que apreciamos. Só quando estamos muito cansados decidimos nos deitar.

– Gostei muito de conversar com você – Ned diz animado. – Você vem tocar violão de novo amanhã à noite?

– Sim, eu gostaria disso. Também gostei de conversar com você.

No decorrer das semanas seguintes passamos a nos conhecer cada vez melhor e aprendo bastante inglês ao conversar com Ned. Apesar de já ter um domínio razoável da língua inglesa, meu novo amigo me ensina muitas palavras e expressões que não existiam há cinquenta anos e eu começo a apreciar aspectos diferentes e mais positivos da civilização *biligaana*. Descobrimos que temos mais em comum do que pensávamos.

No final do ano chega uma longa carta de Kayenta. Leio a carta em choque e lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.

– Sam! – Ned me vê sentado com as costas apoiadas em uma árvore. – O que foi? Por que está tão triste?

De repente eu jogo as duas folhas de papel no chão e desvio o olhar dele quando ele senta ao meu lado. – São os animais da minha mãe. Os agentes indígenas abateram todas as suas ovelhas. Sem perguntar ou explicar nada.

As palavras de Nantai em inglês me encarando do papel não podem expressar adequadamente o que ele deve estar sentindo nesse momento. Ele escreve que minha mãe não sabia o que fazer, que meu pai se afundou em um estado perpétuo de bebedeira e como todo o vilarejo está enfrentando os mesmos problemas.

– Há uma seca enorme na sua reserva – Ned começou a explicar hesitante. – Os animais estão pastando em demasia. É por isso que os animais têm que ir, senão a grama nunca mais cresce.

– Bobagem. Os agentes não entendem que tivemos essa seca desde a virada do século. Isso não tem nada a ver com nossas ovelhas. Mais ao norte há fazendeiros arruinando a terra completamente, lavradores americanos que não fazem ideia de como preservar e respeitar a terra para que possam viver em harmonia com ela por séculos. Tivemos tempestades de areia em Dinétah por anos. Podemos ouvir que o vento do Norte é diferente. Podemos sentir que a chuva é diferente. Os pássaros nos dizem que a grama já se foi. – Como posso explicar a Ned o que um Diné pode sentir, ver e ouvir quando vive em completa harmonia com a natureza? Essas coisas não existem no mundo dele.

– Às vezes gostaria de poder enxergar com seus olhos – ouço ele dizer. Ele parece quase melancólico como se tivesse perdido algo no mundo confuso e agitado em que crescera.

– Acredite, você não gostaria de enxergar com meus olhos – quase respondo amargo, mas me contenho. Afinal de contas, Ned não sabe nada da minha história de séculos e as coisas que testemunhei. Levanto, dobro a carta e a coloco em meu bolso. – Estou indo para casa.

– O que, agora? Se for agora, não vai receber seu salário.

– Não me importo. Minha família é mais importante.

– Então venha para Oraibi depois da primavera – Ned me diz. – Há alguns projetos novos planejados. Vamos construir estradas e barragens. Pergunte pela minha equipe.

– Farei isso. – Então o abraço brevemente e lhe dou um sorriso caloroso antes de caminhar até minha barraca e pegar minhas coisas.

Após uma semana chego em Kayenta. A viagem me cansou. Não estou mais acostumado a caminhar longas distâncias. Se eu

quisesse ir a Keams, normalmente ia no carro de Ned ou a cavalo com alguns outros Diné.

A terra perto de nosso *hoghan* parece escandalosamente vazia sem animais e meus olhos se enchem de lágrimas quando lembro de todas as ovelhas massacradas.

Lentamente me aproximo do *hoghan* cantando uma canção para alertar as pessoas ali dentro e quando minha mãe vem para fora, ela corre para meus braços chorando. – *Shiyáázh!* Ah, estou tão feliz em vê-lo de novo!

Dou-lhe um abraço firme. Atrás dela, Nantai vem em nossa direção e pega minha mão. – É bom que tenha vindo para casa, *shik'is*.

Sentamos e minha mãe entra para fazer um café. Sento com Nantai, não digo nada e tomo o café que minha mãe serve quando vem para fora novamente. Meus olhos se detêm nas coisas do lado de fora do *hoghan* – o tear com uma manta semiacabada, as panelas e a árvore do lado esquerdo da casa. Só agora noto que não há garrafas de uísque vazias aqui.

Viro-me para Nantai. – Papai parou de beber? – pergunto quase incrédulo. Não quero confrontar minha mãe com esse questionamento então pergunto a ele em inglês.

Meu irmão olha para o campo vazio em frente à nossa casa. – Sim, ele parou de beber. – A voz dele parece abafada.

De repente meu coração acelera e me sinto zozinho. Nantai suspira. – Ele parou de beber para sempre, Sam. Ele faleceu.

Eu engulo em seco. – Quando? – pergunto com voz rouca.

– Quatro dias atrás. Minha carta já estava a caminho quando ele morreu.

Mais tarde quando estou sozinho parado ao lado do túmulo, não sei o que dizer. Não sei com quais palavras ou pensamentos finais devo deixar *shizhé'é* para trás. Devo dizer-lhe como me sinto inseguro? Como estávamos com medo quando ele estava bêbado?

Não importa mais. Está terminado. Ele se foi. Ele perdeu suas raízes ao seguir o caminho dos forasteiros, mas agora talvez seja capaz de reencontrar suas raízes. Ele é acolhido pela terra. E a terra abraça a todos, independentemente de seu passado ou como viveram suas vidas.

1937

Por muitos anos, Ned, Nantai e eu trabalhamos juntos em diversos projetos de construção de estradas. Nós três nos dávamos muito bem. Ao final de 1937, retornamos a Kayenta onde minha mãe ainda mora no *hoghan* da família com sua irmã mais nova. Ned saiu de Oraibi para continuar os estudos. Nantai constrói um novo *hoghan* perto de nossa antiga casa e fica noivo de Tahnazbah, uma garota do vilarejo. Ele agora terminou de estudar com o velho *hataalii* em Kayenta.

– Tem certeza que não quer conhecer a prima de Tahnazbah? – Nantai pergunta uma tarde quando o vento lá fora uiva e estamos sentados perto do fogo. Meu irmão está cutucando o fogo e as chamas iluminam seu rosto levemente preocupado.

– Não – eu dispenso sua sugestão. – Não devo fazer isso.

Nantai suspira. – Você ainda acha que é perigoso, *shik'is*?

– Não posso ter certeza, mas não acho que quero descobrir, e acredito que a prima de Tahnazbah também não quer descobrir. Não desejo carregar ninguém comigo na minha miséria. O que aconteceu com Ka'aallaanii não deve acontecer nunca mais com ninguém, não importa quem.

– Pense em você. Certamente você merece um pouco de amor e felicidade, não?

Eu não falo e estremeço apesar do fogo. Quando durmo muito profundamente, às vezes sonho com a mulher hispânica que matei a sangue frio. Ela não era um soldado e não estava em posição de poder. Ela era apenas uma colonizadora comum que agiu conforme sua cultura lhe ensinara.

Não respondo à pergunta de meu irmão, mas após um momento de silêncio ele continua: – Vou descobrir como podemos derrotar aqueles *yenaldlooshi*, acredite em mim. Mesmo que leve anos, vou te ajudar.

Ele me olha e eu sorrio. – Obrigado.

1942

O mundo mudara. Eu posso sentir o cheiro no ar. Posso ler nas entrelinhas nas cartas que Ned nos envia. Há mais e mais estradas. Carros ruidosos que cospem fumaça frequentemente passam por Kayenta e a primeira mina de carvão foi aberta em Black Mesa. Os *biligaana* estão cavando a Mãe Natureza e dizem que podem aproveitar e capturar Sua energia. Eles precisam de muita energia pois do outro lado do oceano um perigoso líder que representa uma ameaça aos Estados Unidos surgiu. Em sua última carta, Ned escreveu que vai comandar um regimento na Europa. Não faço ideia de quanto tempo ele vai ficar fora e se ele vai conseguir escrever cartas enquanto estiver lá, mas ele me perguntou se eu e Nantai podemos rezar por ele.

Assim fizemos. Meu irmão e eu organizamos uma cerimônia ritual de proteção para pedir aos deuses que ajudem Ned na guerra. Fomos ao mais alto topo de montanha na área e fizemos uma oferenda de fumaça aos deuses. Enquanto o sol se punha, ficamos lado a lado, ambos cantando e perdidos em pensamentos. Shash, o urso, e Né'éshaa, a coruja, que é o espírito animal de Nantai, são nossos companheiros do outro lado do véu, o mundo espiritual que nunca está distante se você se abre para ele.

Desistimos de encontrar os *yenaldlooshi* no passado. Durante uma de suas jornadas da visão, Nantai ouviu de Né'éshaa, seu espírito animal, que meus atormentadores espirituais só podem ser derrotados no local onde fisicamente se escondem no passado. Não fazemos ideia de como podemos descobrir e agora estou resignado com o fato que que nesta vida não encontrarei o amor. Minhas lembranças de Ka'aallaanii ainda estão comigo e não desaparecerão. Passaram-se mais de cem anos desde que a segurei em meus braços, mas ainda vejo seu rosto. Guardo seu pingente em uma bela caixinha no meu *hogan*. Vez ou outra, tiro a joia da caixa e observo a cor turquesa das pedras incrustadas. Uma borboleta azul - é assim que a reconhecerei se seu espírito animal decidir me visitar novamente.

A agitação nos Estados Unidos aumenta. A guerra que assola a Europa vem em nossa direção. De vez em quando eu e Nantai vemos um jornal no entreposto. Os jornais falam do inimigo japonês do outro lado do Oceano Pacífico que quer atacar nosso país. Lemos isso com um sentimento crescente de indignação. Nunca antes sentira o desejo de lutar por qualquer coisa ao lado dos homens brancos, mas agora que li coisas tão horríveis sobre nosso inimigo em comum, tudo era diferente.

– Temos que fazer alguma coisa – eu digo uma noite antes de jogar longe o jornal com desgosto. Meu irmão está sentado do lado de fora de seu *hoghan* fazendo preparações para a cerimônia da semana seguinte.

Ele levanta o rosto. – Em relação a quê?

– A guerra.

Nantai suspira e faz que sim com a cabeça. – É assim que me sinto também. A guerra lança uma sombra em tudo que fazemos aqui. Tahnazbah até me perguntou se não seria uma boa ideia se alguns homens da aldeia se juntassem ao exército.

– Bem, estou mais do que preparado para me alistar, mas nem podemos votar nas eleições. Os *biligaana* não nos veem como membros integrais da sociedade. Por que nos permitiriam lutar por nossa terra e liberdade?

Uma semana depois, do nada, existe uma chance para Nantai e eu. Um tal de sargento Johnston visita Kayenta. Ele está acompanhado de um homem do povo Diné, John Benally, que serve no exército americano. Fico muito entusiasmado quando o sargento Johnston explica durante uma reunião como, por ter crescido na reserva, ele teve a ideia de usar a língua Navajo como um código. Ele e o cabo Benally estão à procura de pessoas que queiram se juntar à Escola de Comunicação Navajo e lutar na guerra.

Trinta minutos depois, cinco homens de Kayenta, incluindo eu e Nantai, colocaram seus nomes na lista para ir ao campo de treinamento da Marinha. A ideia é que primeiro treinaremos como lutar no exército e depois iremos para o acampamento Eliot ser treinados para usar nossa língua como código. Não há palavras em Diné Bizaad para a maioria dos termos do exército, então também para nós será um tipo de língua secreta que teremos que aprender.

– Ao menos podemos ser úteis – Nantai diz alegre enquanto cuidamos de algumas formalidades no escritório provisório de recrutamento. – Somos reconhecidos pelos caras pálidas. Não somos mais forasteiros.

Eu faço que sim e espero que meu irmão tenha razão. Parece que finalmente os americanos nos veem como cidadãos respeitáveis. Aqui está uma chance de mostrar nossa força e provar nosso valor. Eles saberão quem são os Diné mesmo que nos chamem de Navajo.

1943

O campo de treinamento é rigoroso. Desde manhã cedo até tarde da noite somos treinados. Para mim é especialmente difícil, já que estivera em uma guerra antes e só tenho memórias ruins. Ainda assim estou orgulhoso que possamos defender nossa terra apesar de sermos liderados por comandantes brancos. Na primavera de 1943 somos levados ao acampamento Eliot onde seremos treinados na Escola de Comunicação. Mesmo não sendo colocados à prova física, a estafa mental é tão grande quanto, se não mais. Toda noite eu sonho com os códigos que aprendemos naquele dia.

Após o verão finalmente começamos. Somos recrutados para a Segunda Divisão da Marinha e transportados pelo Pacífico até Betio, uma ilhota que nos trará muitas vantagens estratégicas quando estiver em nossas mãos.

Na noite anterior à nossa chegada ao Atol Tawara, meus sonhos não são sobre a guerra. No porão do navio onde dormimos, Ka'aallanni vem até mim em meus sonhos. Ela sorri, estende a mão em minha direção e me diz que tudo vai ficar bem. Quando acordo de manhã, sinto lágrimas em meu rosto. Adoraria segurar o pingente em minhas mãos, mas eu escolherei enterrá-lo perto do lago atrás da minha casa. Se eu morresse nessa ilhota no Pacífico, nunca seria capaz de encontrar o pingente de novo se renascesse mais uma vez.

– Eu espero que tudo fique bem, *shan díín* – digo baixinho para sua imagem de sonho, a única coisa que tenho dela nesse lugar.

No dia seguinte, nossos navios atiram por horas a fio e bombardeiros jogam suas cargas mortais na pequena ilha destruindo a maior parte de Betio. A maioria das defesas dos japoneses foi eliminada. Então somos levados à ilha em uma lancha de desembarque. Os soldados brancos estão completamente convencidos de que não haveria quase nenhum japonês vivo depois do bombardeio.

– Cacete – grita o soldado pilotando nossa embarcação. – Estamos encalhando. – Com um som arranhado o barco para. A

outra embarcação não está muito melhor.

– É maré baixa – outro soldado diz. – Estamos muito fundo na água.

Após alguma confusão, fica decidido que os soldados terão que chafurdar na água para chegar à ilha. Eu olho para a costa. Há um silêncio fantasmagórico lá e a ilha contém algum tipo de ameaça que não sei explicar.

– Aqui vamos nós – diz Nantai nervoso e agarra meu ombro. – *Ayor anosh'ni, shik'is*.

– Também amo você, meu irmão. – Eu lhe dou um sorriso encorajador antes de descermos até a água. Posso sentir que Nantai está com mais medo do que demonstra.

Com dificuldade, milhares de soldados chafurdam em direção à praia. É um processo longo e doloroso, pois de vez em quando nossos pés encontram recifes de corais que se erguem do leito do mar. Então de repente tudo vira um caos. Podemos ouvir o barulho de metralhadoras e ao meu lado um jovem soldado branco desaparece embaixo d'água sem fazer ruído com um buraco de bala na cabeça.

– Cuidado – eu grito e arrasto Nantai comigo para baixo d'água. Sem enxergar muito nos esforçamos para tentar chegar à praia. Quando finalmente nos erguemos para respirar não ousamos levantar a cabeça além do queixo.

Mudo, olho ao meu redor. Até onde a vista alcança, corpos de soldados que levaram tiros flutuam na água. Sangue torna o oceano vermelho. Alguns soldados conseguiram chegar até a praia e se agacham atrás do muro que divide a praia para ficarem fora da mira do inimigo.

Milagrosamente chegamos ao muro incólumes e Nantai despenca tremendo. Encosto no muro ao seu lado e olho para a praia. O mar está calmamente trazendo os corpos dos soldados da Marinha. Cada vez mais corpos. Tento recuperar o fôlego quando um tanque Amtrac, que acabara de passar por cima de um recife de corais, explode e pega fogo.

O tiroteio continua por horas. Os poucos soldados que conseguiram alcançar a praia estão parados com os rostos petrificados e tremendo de frio. Eles oferecem um espetáculo

pesaroso. Um dos tanques Amtrac conseguiu chegar até a praia e um dos oficiais que estavam nele agora move-se furtivamente na nossa direção.

– Comece a transmitir – ele grita e rapidamente vomita dados táticos e coordenadas. Nantai e eu ligamos o equipamento de rádio, que permanecera imaculado nas bolsas à prova d'água que usamos.

Lentamente o céu escurece. Os japoneses pararam de atirar. O único tanque que sobrou é usado como escudo, atrás do qual, alternadamente, dormimos algumas horas. Não consigo pregar o olho, e nem Nantai.

– Isso é brutal – ele diz quando finalmente volta a falar. Estivemos sentados um ao lado do outro por horas sem dizer palavra. Ele observa os restos do segundo tanque que chegou até a praia e então passou por cima de uma mina terrestre. – Quantas pessoas já estão mortas?

Eu fecho os olhos. – Eu não sei. Pessoas demais.

No final do dia seguinte, conseguimos completar nossa missão: a parte oeste de Betio está em mão americanas. Mas a que custo? A morte paira no ar como um fedor repulsivo. Lágrimas enchem meus olhos quando penso em todas as pessoas mortas na praia que nunca seriam enterradas de maneira apropriada. As colinas agredidas e bombardeadas me lembram as minas de carvão em Black Mesa. Terra Ferida.

Durmo de costas com Nantai. Estou muito, muito contente que ele está aqui e que não tenho que enfrentar isso sozinho.

Quando um sol agitado lembra os soldados, eu passo nossos planos para as tropas mais à frente e um pouco mais tarde chega uma mensagem com ordens para seguirmos em frente para onde o segundo regimento está escondido.

O sol já está baixo no horizonte quando, repentina e inesperadamente, estamos sob fogo de novo. Me arrasto para longe e me escondo atrás de uma árvore arrancada pela raiz.

– *Shik'is!* – Eu grito para Nantai. A vinte metros de onde estou ele engatinhou para um buraco raso no chão. Ele coloca a cabeça para fora pela borda e cautelosamente se arrasta em minha direção, parando de vez em quando. Vejo que ele está a poucos metros do

meu esconderijo quando de repente houve uma explosão ensurdecidora. Com olhos arregalados vejo Nantai desaparecer em uma nuvem de fumaça que me faz tossir intensamente. Aperto os olhos para tentar ver onde ele está.

Então a fumaça dissipa e eu entendo o que aconteceu. Nantai pisara em uma mina terrestre e está mortalmente ferido. Arriscando minha própria vida, engatinho de trás do tronco, agarro Nantai pelos braços e o puxo para longe do local da explosão. Não quero olhar para o cotoco ensanguentado onde antes estava sua perna. Não quero olhar pois sei o que isso significa.

– *Shik'is* – ele murmura fracamente. – O que aconteceu?

– Você caiu – eu minto. – Fique calmo.

Ele sorri e pega minha mão. – Minha perna está formigando. – Ele quer se levantar para olhar a perna que não está mais lá.

Eu o empurro de volta. – Vou enfaixar em um instante. – Aperto a mão dele tranquilizadamente enquanto seguro as lágrimas.

Então, em meio a granadas e tiros, com voz suave, eu canto uma canção tradicional para meu irmão, cujo rosto fica cada vez mais pálido. A luz em seus olhos está se extinguindo e quando afinal chegam reforços, ele praticamente perdeu a consciência. Seu espírito já está em outro lugar; um lugar mais belo e tranquilo.

Quando ele dá seu último suspiro, o céu escurecera. Acima de minha cabeça as estrelas brilham, vez ou outra escondidas pela fumaça da granada. Eu não mais ouço. Não ouço nada. Não sinto muita coisa quando uma explosão estrondosa chacoalha o chão nas proximidades. Uma dor aguda se espalha pelo meu corpo.

Olho para o lado. É como se estivesse sonhando. Posso ver Nantai. Meu irmão olha para mim, inteiro e radiante. Ele ainda tem sua perna e me abraça sorrindo. – Vou cuidar de você, *shik'is* – ele diz confiante. – Não vou te deixar sozinho. Vou ajudá-lo a se livrar da maldição, prometo.

E então há uma coruja me olhando com olhos curiosos e sábios. Ela abre as asas e voa em direção à lua cheia que ilumina a noite em meu sonho.

Eu acordo e olho o céu noturno sobre Betio, do qual a lua está ausente. Ela ainda não nasceu. Meu deus, me sinto cansado. Uma exaustão que não posso mais aguentar toma conta de mim.

Não acho que verei a lua essa noite.

Seis

Hannah acordou com um calafrio. Seus olhos se abriram, mas ela não podia ver com clareza. – Onde estamos? – Sua voz estalou e parecia que sua garganta era feita de lixa.

Só então ela notou alguém atrás dela que colocou uma toalha em seus ombros e levantou um copo de água até seus lábios.

– Beba – Sani disse próximo ao seu ouvido. Ela bebeu, engolindo a água com avidez. Seu corpo todo parecia que havia perambulado pelo deserto por semanas.

Lentamente seus olhos se ajustaram à luz fraca no *hoghan*. À sua frente, Josh ainda estava em um transe com os olhos fechados e segurando a mão dela.

– Ele está bem? – ela grasnou e indicou Josh com a cabeça.

– Ele está quase acordado– respondeu o *hataalii*. – Acho que ele ainda está falando com seu espírito animal.

Hannah piscou furiosamente e seus olhos se encheram de lágrimas. Todas as emoções que sentira, as emoções *dele*, as memórias que vira através dos olhos dele, as experiências que ela tivera através dele - eram demais. O que Josh fizera por ela em sua vida passada falavam de um amor infalível e infinito. A maneira como ele havia apoiado e guiado seu povo através dos anos, liderando-os em uma missão de paz, demonstrava sua perseverança inabalável e uma fé impossivelmente forte na mão de Deus em todas as coisas.

Hannah não conseguia parar de chorar, completamente comovida por tudo que vira. Apesar das lágrimas, ela queria confortar Josh e ela segurou a mão dele com mais força para fazer exatamente isso onde quer que ele estivesse em espírito. Seu corpo todo estava contraído e arrepios se espalhavam por sua pele quando uma lufada de vento entrou no *hoghan*.

Ela se virou para encarar a entrada e olhou para o céu noturno estrelado além da manta parcialmente puxada para trás.

– Que horas são? – ela perguntou confusa.

– Quase meia-noite – respondeu Sani.

Hannah olhou para ele incrédula. – Sentamos aqui o dia todo?

– Dois dias – disse ele calmamente. – É sexta à noite.

Isso era incrível. Por isso seu corpo todo estava dolorido e ela estava sedenta quando acordou.

Ai, não. Onde estava Ben? Ele devia estar morto de preocupação - afinal de contas, ele não tinha nenhum jeito de se comunicar com ela. – Meu irmão... tenho que... ele...

– Ele sabe onde você está. – Sani deu um sorriso tranquilizador.

– Ontem à noite, Emily veio até aqui verificar como estávamos sem interferir. Ela me disse que falaria com seu irmão.

Hannah agradeceu sua amiga silenciosamente enquanto observava o *hataalii* sair do *hoghan*. Talvez ele fosse atrás do Ben.

Naquele momento Josh respirou fundo. Ele abriu os olhos e apertou mais a mão de Hannah. – Você está chorando – sussurrou ele e enxugou as lágrimas do rosto dela com a outra mão.

– Estou chorando por você – ela explicou, chegou mais perto dele e o abraçou. Ele estava gelado e ela decidiu compartilhar o cobertor com ele para esquentá-lo com o calor de seu corpo.

– Por quê? – A mão dele desceu pelo braço dela suavemente.

– Por todas as coisas que fez. Por todas aquelas pessoas a quem deu o seu amor enquanto você mesmo sofria – respondeu ela com voz falha.

– Tenho orgulho das vidas que tive – ele murmurou no cabelo dela. – Sempre houve um propósito para a tristeza e os obstáculos que enfrentei me fizeram amadurecer.

Hannah olhou nos olhos dele. – De agora em diante não será mais uma luta solitária.

– Não nessa vida.

– Não, em mais nenhuma vida. Não sei o que o futuro me reserva, mas tenho certeza de uma coisa. Não vou mais te deixar sozinho. – Ela pegou o pingente pendurado no pescoço dele e pressionou contra seu próprio peito, perto do coração. Por um momento ela sentiu o peso de séculos pressionando-a assim como Josh sentira durante muitas vidas. E ela nem tinha visto todas as vidas dele - só as duas últimas antes dessa. Repentinamente ela se perguntou porque havia visto memórias de uma vida da qual não era

parte. Talvez estivesse relacionado ao fato de Josh ainda ansiar por ela naquela vida.

Ela sentiu um calafrio. O ódio dos skinwalkers, direcionado a ela daquele lugar escuro atrás do véu, era quase palpável. Era uma sensação inquietante - bem diferente do pânico e assombro de antes quando a maldição a fizera pensar que estava louca.

– Posso sentir eles nos observando – sussurrou ela sem mencionar quem eles eram. – Eles estão com raiva pois agora estamos conectados. Estou mais forte e você também. Juntos temos mais chance de lutar contra eles, e eles sabem disso.

– Está mais assustada agora que pode senti-los com mais clareza? – perguntou Josh.

– Não. Eles não estão mais envoltos em sombras. Posso olhá-los nos olhos e isso me torna mais forte do que antes.

Depois disso, eles sentaram em silêncio com os braços e pernas enroscados embaixo do cobertor. O fogo estava quase apagado, mas Hannah não tinha vontade de atirá-lo. Naquele momento ela se sentia completamente em paz. A respiração de Josh fazia cócegas em seu pescoço. As mãos dele descasavam na base das costas dela.

Ele era tão belo. Ele era uma pessoa tão incrível e ela o amava mais do que nunca após essa experiência. O fardo de um mundo em guerra pesara nos ombros dele por séculos e ainda assim ela conseguiu fazê-lo feliz entregando seu amor a ele. Isso dava a ele uma esperança silenciosa de que tudo daria certo no final.

– Vocês acabaram? – a voz de Ben apareceu do lado de fora. Seu irmão enfiou a cabeça pela porta com hesitação. Quando ele viu sua irmã e seu melhor amigo, um sorriso de alívio apareceu no rosto dele. – Ah, bom. Vocês estão vivos.

– Sim, estamos – sorriu Josh. – Estivemos vivos por séculos.

Hannah piscou ao olhar para o irmão e seu coração acelerou no peito. Ela viu Ben olhar para Josh com uma luz suave e gentil nos olhos. E ela o reconheceu - não como seu irmão, mas como outra pessoa. Então foi por isso que ela tinha visto mais de uma das vidas de Josh. Shash lhe dera acesso a mais informação por um bom motivo.

Quando Ben ainda era menino, ele foi assombrado por pesadelos terríveis por meses. Algumas vezes ela ia até ele quando o ouvia chorar durante o sono e sua mãe não acordava. Ben era muito novo para explicar direito os pesadelos, mas várias vezes ele lhe disse que viu aviões, fumaça e pessoas nervosas atirando. E ele sempre acordava gritando no momento em que uma mina terrestre explodia e decepava sua perna.

Depois de alguns meses os sonhos desapareceram. Quando ficou mais velho, Ben não conseguia se lembrar mais de seus sonhos de guerra, mas Hannah nunca os esquecera e sempre se perguntava porque seu irmãozinho tinha visto coisas tão terríveis enquanto dormia. E agora ela finalmente sabia.

Ben era Nantai. Ele fora irmão de Josh em sua vida anterior - o que significava que Nantai também havia retornado e mantido sua promessa. Ele ajudaria Josh a acabar com a maldição nessa vida.

Hannah sorriu. O universo não era tão injusto e sem sentido como às vezes parecia. Tudo estava ligado. Os laços entre as pessoas nunca desapareciam. Ela fazia parte de algo maior, que ela nunca havia sido capaz de compreender e não necessariamente precisaria compreender para confiar.

– Desculpe ficar desaparecida por tanto tempo – ela murmurou para Ben. – Eu não fazia ideia que levaria dois dias inteiros.

– Eu também não sabia – disse Josh rapidamente. – Claramente Shash demorou conosco.

– Ele escolheu as memórias que eu pude ver? – perguntou Hannah.

– Sim. Tudo que era importante para você e eu foi mostrado. – Ele acariciou o rosto dela e Hannah se lembrou de como seus próprios olhos haviam encarado os dele cheios de amor, cento e cinquenta anos atrás no dia em que ela deu seu suspiro final.

– Eu nunca deixei de te amar – sussurrou ela. – Eu sei disso agora. Senti nos meus sonhos também. Me arrependi de ter te deixado. – Ela pressionou os lábios contra os dele e ele suspirou. Agora Josh tinha a resposta a uma das muitas perguntas que o assombravam há mais de um século.

Ben sentou-se ao lado deles e atçou o fogo. – Então vocês não estão morrendo de fome? – perguntou ele trazendo-os de volta à

terra. – Ou aquele urso preparou uma refeição para vocês na outra dimensão?

Hannah e Josh caíram na risada. – Doido. – Josh empurrou Ben de brincadeira.

– Não, não fizemos nem um lanchinho – disse Hannah impassível. – Shash foi um péssimo anfitrião. Inacreditável.

Ben sorriu. – Bom, felizmente para você, eu sou um ótimo anfitrião. Convenci Yazzie e Nick a preparar um grande banquete para vocês. Muita comida. O que acham?

– Parece ótimo! Vamos. – Josh começou a se levantar, mas Hannah o puxou de volta e segurou o cobertor que os protegia.

– Hã, espere. Meu vestido ainda está lá fora ao lado da sauna. – Ela olhou implorando para Ben. – Você pode pegar para mim?

Ben ergueu uma sobrancelha, mas decidiu ficar quieto. Alguns momentos depois ele retornou com o vestido de Hannah. Ela o vestiu ainda debaixo do cobertor.

– Entãããã - gostou do 'ritual', mana? – Ben perguntou quase sem conseguir conter o riso.

Hannah o olhou com cara de poucos amigos. Não era difícil visualizar as aspas aéreas no comentário dele. – Foi sublime – ela fez graça.

Josh olhou para ela com um sorriso jocosos no canto da boca. – Sublime? – ele repetiu em voz baixa e a puxou para mais perto. – Uau. Obrigado por compartilhar isso comigo. – O calor que subia pelo rosto dela o fez gargalhar.

Ben pigarreou. – Tááááá bem. Mãos acima do cobertor pessoal ou vamos ficar aqui até o inferno congelar. Por favor, sigam-me até o banquete.

Josh pegou o cobertor para enrolá-lo em volta dos quadris. Do lado de fora ele pegou suas roupas e desapareceu por trás da sauna para se trocar.

– Então. Sublime, hein? – Ben piscou para ele quando Josh não podia mais ouvir.

Hannah sorriu. – Claro. Ele tem séculos de experiência.

Os dois caíram na risada. Quando Josh reapareceu, Hannah e Ben ainda riam baixinho.

– Qual é a graça? – ele queria saber.

Hannah colocou o braço em volta de Josh e beijou sua bochecha. – Eu te amo – ela disse.



– Han, *por favor*, me conta que tipo de ritual você participou – Emily quase explodiu quando a turma toda estava curtindo um jantar à meia-noite ao lado do *hoghan* dos Benally. Ela se aproximou da amiga e a olhou de maneira inquisitiva.

Hannah suspirou. – Não posso contar sem trair a confiança do Josh, mas significa que agora temos uma chance melhor de acabar com a maldição dos skinwalkers.

– E quando isso vai acontecer?

– Quando estivermos prontos. Ben vai nos ajudar.

– *Ben?* – ecoou Emily com voz aguda.

Ben se virou para encarar as duas garotas. – Sim? Quer mais batatas? – Ele ofereceu a tigela para Emily.

– Claro, obrigada – resmungou Emily e ficou vermelha.

– Ben tem uma ligação forte comigo e com o Josh. É por isso que ele é o nosso cara – Hannah explicou suavemente quando Ben se virou novamente.

E não só por isso - ela sabia agora. Hannah observou Ben, amigo e irmão de Josh, em silêncio. Não só nessa vida, mas também na vida anterior a essa. Mais uma vez ela não pode deixar de se impressionar com a conexão entre tudo.

– Vamos dormir – sugeriu Josh quando Hannah bocejou alto após o jantar. – Acho que precisamos descansar.

Ben bocejou ao lado dele. – É, eu também. E ainda tenho que dirigir para casa.

– Por que não dorme aqui? – disse Hannah. – Tem bastante espaço no *hoghan* do Josh.

O rosto de Ben se encheu com um sorriso malicioso. – Nem, não devo. Não quero interferir com mais nenhuma noite *sublime* de vocês.

Josh gargalhou. – Pode esquecer. Depois de duas noites sem dormir duvido que eu seja capaz de fornecer uma experiência sublime.

– Vocês dois vão usar essa palavra o tempo todo na minha frente? – perguntou Hannah miserável.

– Sim – Ben e Josh responderam ao mesmo tempo. E os três riram.

– Estou indo – repetiu Ben. – Vejo vocês amanhã. – Ele abraçou a irmã e apertou a mão do amigo antes de sair noite afora Nick e as vizinhas no banco de trás.

– Não deveríamos agradecer o Sani? – Hannah perguntou e bocejou de novo enquanto se enfiava debaixo do cobertor Navajo no colchão de Josh.

– Faremos isso amanhã – respondeu Josh. – Ele provavelmente está dormindo agora.

Enquanto Josh se enfiava embaixo dos cobertores ao lado dela, Hannah percebeu que ainda não contara a Josh sobre sua descoberta em relação a Ben.

– Você faz ideia de que é Ben? – disse ela entusiasmada.

Ele riu sem jeito. – Hã, é, ele é seu irmão. Por quê?

– Ele também é *seu* irmão. Ben é Nantai.

Josh piscou. – O quê? – ele engasgou.

– É verdade! Eu reconheço a maneira como ele olha para você agora que vivi suas memórias. Ben até sonhava com a própria morte no campo de batalha de Betio quando era criança. Ele se lembrava da mina terrestre que arrancou a perna dele.

Josh balançou a cabeça e seus olhos se arregalaram. – Então ele esqueceu esses sonhos mais tarde? Ele nunca os mencionou para mim.

– Os pesadelos pararam depois de alguns meses. Depois disso ele os esqueceu bem rápido.

– Quantos anos o Ben tinha quando teve esses sonhos?

Ela pensou por um momento. – Três anos. Eu acho.

Josh assentiu pensativo. – Eles começaram perto do meu aniversário?

Agora era a vez de Hannah olhar para Josh com olhos arregalados. – Agora que você falou... os sonhos começaram no dia em que você nasceu.

– A alma dele deve ter percebido que eu havia entrado nesse mundo de novo – murmurou Josh com um sorriso se espalhando

pelo rosto. – E eu aqui me sentindo tão sozinho - achando que todos tinham me abandonado. Sabe, eu sempre me senti tão à vontade perto do Ben mesmo depois da minha jornada da visão quando tudo mudou completamente.

Hannah sorriu. – Bom, você reencontrou as duas pessoas mais importantes da sua vida passada. E dessa vez nós finalmente podemos ajudá-lo!

Josh recuou. – Espero que sim. O fato de todos estarmos aqui não significa que vamos vencer.

– É, eu tenho uma boa intuição a respeito. Sani pode nos ajudar de novo, certo? Que tipo de cerimônia precisamos para nos livrar dos skinwalkers?

– Uma cerimônia Evil Way.

– Vai demorar tanto quanto essa?

– Não tenho certeza. Nunca fiz uma cerimônia Evil Way para derrotar criaturas que não estão de fato aqui. Teremos que voltar ao passado de novo.

– Talvez Ben tenha conhecimento guardado de sua vida anterior só esperando ser liberado – filosofou Hannah.

– Não sei – Josh suspirou. Ele parecia ansioso. – Só não quero que nada ruim aconteça a nenhum de vocês. Sei do que aqueles bruxos são capazes.

– Te entendo. – Hannah pegou na mão dele. – Eu também entendo agora. Entendo tudo. – Ela se aconchegou a ele e fechou os olhos quando ele beijou sua testa.

– Vamos conversar sobre isso com ele quando formos a St. Mary's Port amanhã – ele disse. – Tente dormir um pouco, tudo bem?

– Vou tentar – ela murmurou.



Felizmente Hannah teve uma noite tranquila sem pesadelos. Ela até se sentiu um pouco envergonhada quando finalmente acordou à uma e meia. Quando abriu os olhos ela procurou pelo celular na bolsa para ver que horas eram.

– Sou muito dorminhoca! – ela disse a Josh que acabara de entrar com dois pratos de pão frito.

Ele agachou ao lado do colchão e beijou a testa dela. – Está tudo bem. Eu mesmo acabei de acordar. Não sinto vergonha.

Depois de um rápido café da manhã que na verdade era almoço, ambos foram visitar Sani antes de ir para St. Mary's Port.

– Estou ansiosa para voltar à cabana. – Hannah enlaçou sua mão na de Josh. – Não me leve a mal, eu adoro Naabi'aani, mas tenho a sensação de que tanta coisa aconteceu por aqui. Quase preciso de férias.

Ele não conseguiu conter o riso. – Bem, você ainda tem algumas semanas.

– Quando você vai para Tuba City?

– Em um mês.

Hannah ficou em silêncio. De repente um mês não parecia tanto tempo assim. Ao final do verão ela teria que voltar para sua rotina e deixar Josh para trás na nação Navajo. Esse pensamento causou uma pontada em seu coração.

– Tenho uma semana de recesso no outono – ele disse como se tivesse lido os pensamentos dela.

Ela sorriu e apertou sua mão. – Eu também.

Quando chegaram ao *hogan* de Sani, o velho *hataalii* estava sentado do lado de fora lendo um jornal e bebericando café. Ele parecia tão tranquilamente mundano que Hannah deu uma risadinha. Quem poderia imaginar que esse homem celebrara um ritual para milagrosamente levá-los de volta ao passado?

– *Ya'at'eeh* – ele os cumprimentou e colocou o jornal de lado. – Querem um pouco de café?

– Eu gostaria muito de agradecê-lo por tudo que fez por nós, *shicheii*. Sem sua ajuda eu nunca poderia ficar com Josh – Hannah falou baixinho quando os dois estavam sentados com uma xícara de café quente.

O *hataalii* sorriu e rugas surgiram em volta de seus olhos. – Estou feliz de poder ter ajudado. O espírito animal de Josh ajudou, mas a maior ajuda foi o amor que vocês sentem um pelo outro.

Sani se levantou e foi para dentro do *hogan*. Ele retornou com um saquinho de couro que entregou a Hannah. – Aqui. Guardei um pouco da areia colorida que usei no *ikaah* durante o ritual. Misture isso com o conteúdo do seu talismã. Vai fortalecer a proteção.

Eles conversaram sobre todo tipo de coisas e o tempo passou devagar.

Hannah notou como Josh ficava à vontade perto de Sani. Claro, o curandeiro havia sido um porto seguro para ele depois de sua jornada da visão. Como ela pode ter sentido ciúmes desse ancião? Ele era uma pessoa maravilhosa que sempre apoiou Josh. Quando se levantaram para ir para St. Mary's Port, Hannah se sentiu um pouco triste ao se despedir de Sani.

– Então... seus pais - eles realmente não sabem da sua tarefa como Shash? – ela perguntou quando estavam indo pela estrada Copper Mine no Mustang de Josh. – Eles devem suspeitar que algo está acontecendo com você.

Josh olhou para o lado. – Eles sabem que Sani e eu temos segredos que eu não posso discutir com mais ninguém, mas são discretos demais para me perguntar a respeito. Meus pais sabem que estou fazendo um trabalho importante para nossa nação - eles só não sabem porquê.

– Quanto tempo mais? – ela perguntou bem baixinho. Ela não tinha certeza se Josh ouvira, mas quando ele respondeu, ele havia compreendido a pergunta implícita.

– Só Shash sabe. Quantas vidas virão depois dessa vai depender de como as coisas vão se desenrolar. Como meu mundo vai ser.

– É meu mundo também agora. – Hannah colocou a mão na dele e sentiu mais uma vez o quanto sua vida mudara numa questão de semanas.

Quando Josh estacionou ao lado da cabana, Ben estava deitado no gramado com uma pilha de livros e uma lata de cerveja. Ele levantou o rosto e tirou os óculos de sol quando Hannah e Josh sentaram-se ao seu lado.

– Ei, pombinhos – ele sorriu. – Dormiram bem?

– Como dez toneladas de pedras – Josh respondeu seco.

– E como vai a sessão de estudos? – perguntou Hannah olhando para os livros empilhados na grama. Ela ergueu uma sobrelanceira quando viu que todos os livros eram da biblioteca de Page e nenhum deles tinha nada a ver com fisioterapia. Eram todos livros sobre história americana antiga.

– É, achei que fazia sentido ler sobre essas coisas – Ben explicou sua seleção literária com entusiasmo. – Quer dizer, a gente tem que saber com o que está lidando, certo? De qual era aqueles bruxos são. Eu com certeza sei mais sobre a revolta de Pueblo agora do que sabia hoje de manhã.

Hannah sorriu. – Você é demais, mano.

– Obrigado – complementou Josh.

– Vou pegar mais algumas bebidas – Ben falou e ficou em pé. Quando ele voltou da cozinha com três latas de refrigerante, Hannah estava com um dos livros da biblioteca aberto no meio de um capítulo sobre Pearl Harbor.

– Ei, Ben – ela começou a dizer em tom de pergunta. – Você não se lembra daqueles sonhos de guerra que teve quando era pequeno, certo?

Ben colocou as latas no chão. – Na verdade, sim – ele respondeu um pouco hesitante. – Nunca te contei que eu... visitei um hipnotizador, contei?

– Hã, não.

Seu irmão olhou para as próprias mãos. – Tudo começou nas férias de verão quando me mudei para Dallas para ir à faculdade. Katie e eu conseguimos aquele quarto juntos no campus. Então eu comecei a ter pesadelos. Eu acordava no meio da noite berrando e Katie ficou preocupada. Algumas vezes eu dormia tranquilo, mas na maioria das vezes ela acordava durante a noite porque eu estava chorando ou gritando. Depois de umas três semanas eu estava cansado daquilo. A melhor amiga da Katie conhecia esse ‘hinoterapeuta’ então eu pedi a ele para me ajudar a lembrar sobre o que eu sonhava. Isso era o mais estranho - eu sempre esquecia com o que havia sonhado.

– E então o que aconteceu? – Josh perguntou curioso.

– Eu fui ver esse cara da hipnose. Ele me ajudou a lembrar de sonhos de um campo de batalha sangrento onde eu era ferido mortalmente. – Ele olhou para Josh. – E a última coisa que eu via era o *seu* rosto, só que mais velho. Você estava sentado do meu lado com lágrimas nos olhos e depois disso eu apagava. Eu só ouvia alguém cantando.

– Caramba – soltou Hannah. – E você nunca me contou? Por que não?

Ben deu de ombros. – Eu queria guardar só pra mim, acho. Parecia pessoal demais. Katie também não sabe o que vi. Ela só sabe que os pesadelos pararam depois que eu fui ao terapeuta e conversei sobre o que via. Foi aí que lembrei de que tinha os mesmos sonhos quando criança.

Todos ficaram em silêncio e Ben calmamente acendeu um cigarro. – Acho então que não foi só um sonho – ele disse devagar. – Considerando os eventos recentes.

– Você morreu ao meu lado – Josh disse com voz embargada. – Eu cantei para você.

– Quem eu era?

– Meu irmão mais velho.

Ben sorriu fracamente. – Nada mudou muito, hein? – Balançando a cabeça desacreditado ele deu um trago no cigarro. – Essa é uma história e tanto. Não vai demorar pras pessoas começarem a me chamar de Ben renascido.

– Entendo porque seus sonhos voltaram naquele verão – disse Josh. – Foi quando eu fiz minha jornada da visão e toas as *minhas* memórias voltaram.

– Então, que tipo de pessoa eu fui na minha vida passada? – questionou Ben. Ele deixara de surpreender com qualquer coisa. – Éramos ambos soldados?

– Não. Nós lutamos na guerra, mas originalmente você era um *hataalii* e havia se incumbido de acabar com minha maldição.

– Mesmo? Mas isso é incrível! Enquanto estivermos fazendo aquele ritual pode ser que eu me lembre mais para poder te ajudar de verdade. Acho que foi por isso que retornei para sua via. – Ele olhou para Josh. – Ei, agora eu sei porque aqueles skinwalkers me pareceram familiares quando os vi no parque. E porque eles *me* olharam como se me conhecessem. – Ele bateu a mão no joelho resolutivo. – Hora de pensar em um plano estratégico.

– Por onde começamos? – Hannah virou para Josh.

– Nantai descobriu que só poderíamos derrotar os skinwalkers no local onde se escondem de verdade. Eles estão escondidos em

algum lugar, um local protegido por magia negra, no passado – disse ele.

– E assim que encontrarmos esse lugar, podemos lutar contra eles lá? – perguntou Hannah.

– Sim. O que não significa que o resultado está garantido. Talvez não tenhamos sucesso.

– Mas eu nunca descobri onde eles se escondem? – disse Ben.

– Bom, eu me lembro que uma vez você teve uma visão em que eles estavam sentados em uma grande caverna. Sem mais detalhes aí. O mago negro e seus filhos estavam sentados em volta de uma fogueira em um padrão triangular e usavam peles de coioote nas costas como se estivessem constantemente se preparando para uma transformação.

– Tem que ser uma caverna onde ninguém os importunaria – concluiu Hannah. – Bom, acho que não tem muita chance disso no passado. Nada de turistas curiosos visitando cavernas para ver petróglifos.

– Não seria surpresa se a caverna onde se escondem ainda é evitada no nosso tempo – disse Josh. – Os Diné têm uma certa aversão a lugares que emanam energia negativa. Podemos sentir e nunca entramos neles porque *chindi* assombram esses lugares.

– Onde podemos encontrar cavernas grandes na nação Navajo? – refletiu Hannah.

– Hã, por toda parte. Temos muitas montanhas, então muitas cavernas.

– Onde você vivia quando aqueles três bruxos o visitaram pela primeira vez?

– Nos arredores de Santa Fé, onde ocorreu a revolta. Mas isso não significa que eles estão escondidos perto dali. Eles provavelmente estavam dispostos a muita coisa para se proteger. Eles podem ter escolhido um local bem distante de sua morada original para me dar trabalho para encontrá-los.

– Em outras palavras, eles podem estar em qualquer lugar?

Josh ficou cabisbaixo enquanto assentia.

No silêncio que seguiu Hannah notou que Ben observava os dois com um olhar quase animado. Ele não disse nada por um tempo. – O que foi? – ela murmurou.

Ben pigarreou. – Sabe, isso pode parecer maluquice, ou óbvio demais, mas... – ele se virou para Josh. – Uma vez você me disse o que significa o nome do seu vilarejo. Naabi'aani significa caverna do inimigo, certo?

Josh assentiu lentamente. – É. Isso mesmo.

– Onde é essa caverna? E a que inimigo o nome se refere?

– É só uma caverna nos arredores do vilarejo. As pessoas que entraram lá um século atrás voltaram falando de uma presença maligna. Desde então meu povo acredita que o lugar foi o lar de uma tribo hostil que deve ter deixado para trás algum tipo de energia maléfica.

Hannah tremeu. – Mas então, não é possível... – ela começou.

– Calma aí - espere um pouco. Não é coincidência demais? – discordou Josh. – Por que a caverna onde estão meus inimigos mortais seria tão próxima do meu vilarejo natal?

– Porque você vive lá – retrucou Ben, parecendo animado. – Pense nisso. Essa história toda, um aparecendo na vida do outro, sermos amigos e família e tudo o mais, parece muita coincidência também. Exceto que não é. É tudo predestinado de alguma forma. Eu voltei à sua vida como seu melhor amigo para te ajudar a lutar contra os skinwalkers. Hannah voltou para você pois ela era sua amante e agora ela pode ficar com você de novo se conseguirmos acabar com a maldição. Nada é por acidente, então você nasceu nesse vilarejo por um bom motivo. Nós *deveríamos* encontrar aquela caverna. Chame de uma ajudinha lá de cima, se quiser.

– Acho que você está sendo muito sensato, Ben – disse Hannah baixinho olhando para o irmão fascinada. Ele mudara tanto em poucos dias. Era quase como se sua personalidade anterior estivesse se sobressaindo.

– Você pode ter razão – Josh mordeu o lábio parecendo indeciso. – O que significa que temos que verificar aquela caverna. Depois disso, pedirei ao Sani que comece a preparar a cerimônia Evil Way. Vai levar pelo menos um dia. Assim podemos fazer um ritual de proteção antes de entrarmos juntos na caverna. – Ele olhou temeroso para Hannah e Ben. Era óbvio que a ideia o assustava muito.

Ben assentiu. – É, vamos fazer isso. Você esperou tempo demais, Josh. Claro que existe um risco, mas eu acredito em final feliz.

– Eu também. – Hannah se aconchegou contra Josh. – Vamos fazer isso dar certo.

– Vamos voltar para Naabi'aani? – Ben se levantou. – Quero dar uma olhada naquela caverna. Talvez eu sinta alguma coisa.

– Eu vou com vocês – Hannah se intrometeu.

– Não, você não deve – Josh disse quase ríspido. – Você... você fica aqui. Tudo bem? Deixe que eu e o Ben levamos o Sani para investigar. Por favor, *shan díín*. Temos que ter muito cuidado. Quanto mais perto estiver desses bruxos, mas eles vão conseguir te sentir e fazer alguma coisa com você.

– Ok, que seja. – Hannah respirou ruidosamente e deu um beijo na bochecha de Josh. Claro, ele não queria que Ben soubesse que, entre os três, era ela quem estava correndo mais risco. – Vocês vão. Eu fico por aqui e vou dar uma volta na praia. Vou ligar para a Emily e perguntar onde estão acampando.

Todos se levantaram e Hannah abraçou Ben e Josh. – Tenha cuidado, ela murmurou para Ben. – É só uma missão de reconhecimento, tudo bem? Vocês não têm que atacar sozinhos.

– Beleza, mana. – Ben bagunçou o cabelo dela depois foi atrás de Josh até o Mustang.

Hannah os observou indo embora antes de entrar com passos pesados para cozinhar algo e ligar para Emily. No fim das contas, sua amiga estava na praia próximo ao The Winking Shrimp junto com toda a família Greene.

– Então, se sente melhor? – perguntou Ivy enquanto Hannah estendia uma toalha e pegava uma garrafa de água que Sarah pegou do cooler.

– Acho que sim.

– Você ainda parece exausta – Ivy cerrou os olhos. – Está tudo bem com você e o Josh?

Hannah sorriu. – Sim, claro. Esse não é o problema. É só que a cerimônia roubou minha energia.

– Então... agora acabou? – perguntou Amber curiosa.

– Não. – Hannah balançou a cabeça. – O próximo passo é uma cerimônia Evil Way. Sani também vai celebrar essa.

Emily ergueu uma sobrancelha. – Que diabos vocês estão aprontando? – ela perguntou e lançou um olhar preocupado para Hannah. – Ben disse que vai auxiliar. Com o que exatamente?

– Não estou completamente certa – mentiu Hannah. – É melhor perguntar para ele pessoalmente. Ou Josh.

Emily riu. – É, como se *e/le* fosse dizer qualquer coisa.

– Josh prometeu nos contar o que está acontecendo quando tudo acabar – Amber o defendeu. – Ele me falou isso ontem.

– Tudo bem. – Emily mordeu o lábio. – Desculpe ser uma megera em relação a isso.

– Não se preocupe – respondeu Hannah. – Eu entendo. Você se sente excluída.

– Nem me fale – grunhiu Ivy. – Fiquei fora da coisa toda. Ninguém nem se preocupou em me dizer que vocês vão meditar em uma cabana o final de semana toda. Ou porquê.

Todos riram. – Tudo será revelado – prometeu Hannah. Ela observou os rostos dos amigos e sentiu um arrepio correr por seu corpo. Se o ritual não funcionasse, será que ela viveria para contar aos amigos o que havia de errado?

Pela primeira vez depois de ter feito o ritual com Josh, ela percebeu - ela poderia morrer. Essa era a coisa mais perigosa que já fizera. Não parecia muito real, mas era a verdade. A preocupação de Josh com ela, ele tentando mantê-la longe da caverna essa tarde, era completamente justificada.

Hannah olhou para o nada, colocou os braços ao redor dos joelhos e tomou um gole de sua garrafa de água distraidamente. O talismã com a areia do *ikaah* repousava contra seu coração que batia ansioso.

Sete

Naquela noite, Hannah decidiu convidar a todos para um churrasco em sua cabana. Era um pouco mórbido, mas ela queria ver seus amigos mais uma vez antes que ela, Ben e Josh iniciassem a cerimônia Evil Way. Ela estava ficando mais nervosa a cada minuto. Nick e Yazzie, que estavam ocupados grelhando salsichas na churrasqueira, estavam conversando sobre seus dias em Page mas ela não conseguia se concentrar.

Seu coração deu um salto quando ela viu o Chevy de Ben subindo o caminho de areia para a cabana em meio a nuvens de poeira. Então Josh e Ben estava de volta – com novidades.

– Você pode me ajudar na cozinha? – ela rapidamente pediu ao irmão enquanto ele saía do carro.

– Claro. – Ele a seguiu. Era óbvio que ela queria saber.

Josh seguiu os dois e puxou Hannah para seus braços quando ela se recostou no balcão da cozinha com o rosto cheio de emoções conflitantes. – E então? – ela perguntou tensa.

– Ben estava certo – murmurou Josh com o rosto pálido.

– Eu de repente tive algum tipo de visão quando me aproximei da caverna – disse Ben sem fôlego. – E senti o mesmo medo que senti quando os skinwalkers me confrontaram no parque.

Josh puxou Hannah mais para perto. – Falei com Sani. Vai mesmo acontecer. Na manhã de segunda-feira, logo antes do nascer do sol.

– Então vamos ficar amanhã à noite com você em Naabi'aani?

– Sim. Para que possamos fazer algumas preparações.

Hannah deu um leve beijo na boca dele. Sua trepidação era quase palpável.

– Tive uma conversa muito interessante com Josh hoje sobre minha vida passada – Ben tagarelou. – Finalmente entendi porque odeio tanto estudar. Na minha vida passada apanhei muito no colégio interno. Que revelação, hein?

Hannah sorriu fracamente. – Para mim parece uma desculpa esfarrapada.

– Diga o que quiser – Ben falou presunçoso com um sorriso no rosto. – Não pode apagar o passado.

Ele empilhou alguns copos em uma bandeja e a equilibrou nas mãos ao sair para a varanda. Hannah o olhou com a testa franzida porque ele parecia muito tranquilo. Como se não estivesse levando a situação a sério. Então ela percebeu que ele parecia animado em relação a tudo enquanto Josh parecia ficar cada vez mais tenso.

– Por que você está tão assustado? – ela sussurrou enquanto acariciava sua bochecha. – Lembre-se, você mesmo disse - juntos, somos mais fortes agora que estamos conectados espiritualmente. E não se esqueça que Ben também vai estar lá.

Josh cerrou a mandíbula. – É isso mesmo – ele resmungou. – Eu sei que vocês dois estarão lá e isso me assusta. Se algum de vocês se machucar por minha causa, por causa dessa maldição - nunca vou me perdoar.

– Como assim, por sua causa? Eu fui assassinada por mexicanos e Ben morreu no campo de batalha na Segunda Guerra Mundial. Não acho que exista motivo para se culpar por isso.

– Mas as pessoas continuam morrendo à minha volta. Assim que os deixo se aproximar, elas são tiradas de mim.

– É uma coincidência, ok? Por favor, não se sinta responsável por nossas vidas e culpável por nossas mortes. Isso é bobagem. – Ela o encarou até que ele baixasse os olhos para o chão e desse de ombros como uma criança.

– Vamos lá para fora. – Josh pegou a garrafa de ketchup da mesa e foi para fora. Hannah queria segui-lo mas mudou de ideia quando Ben entrou novamente para pegar a manteiga de alho da geladeira.

– Presta atenção, Ben. Você precisa mesmo falar tão despreocupadamente sobre o que aconteceu hoje? – Ela disse mantendo a voz baixa para que Josh não ouvisse. – É como se não estivesse levando as coisas a sério.

Ben bateu a porta da geladeira impaciente e a olhou com olhar repreensivo. – Me dá um tempo. Como você acha que eu deveria agir? Essa tarde mesmo encontramos a caverna onde os inimigos mortais dele estiveram de tocaia pelos últimos séculos. Josh esteve à flor da pele pelas últimas horas e estou tentando ficar positivo e

pensar em outras coisas. Se você quer ficar remoendo melancólica, podemos começar a cavar nossas próprias covas na frente daquela maldita caverna agora mesmo. – Sua boca se contorceu em um sorrisinho nervoso. – Você acha que eu *não estou* nervoso?

Hannah mordeu o lábio. Ela deveria ter ficado de boca fechada. Claro que Ben estava apavorado. Mais ainda, ele não tinha ideia do quanto aquilo seria perigoso para ela porque Josh não havia lhe contado. – Desculpe – ela murmurou envergonhada. – Eu poderia me dar um tapa agora.

– Não vai rolar. – Ben disse decisivo. – Existe hora e lugar para autoflagelação, e agora obviamente não é. Vamos lá fora - vamos nos divertir com nossos amigos.

Ambos deram risada e Ben colocou o braço em volta dos ombros dela. – Vamos lá, anime-se. Há três de nós, e não se esqueça de Sani. Ele também vai estar lá, então estamos em número maior que eles.

Eles saíram. Hannah pegou um hambúrguer vegetariano e escolheu um lugar na grama perto de Josh que estava comendo um cachorro-quente. Yazzie pegara o violão da sala e tentava fazer alguns acordes complicados. Amber e Ivy dividiam um espetinho de peixe e Nick jogava badminton com Emily. Todos pareciam tão despreocupados e normais e isso era tão bonito em sua simplicidade.

Hannah engoliu em seco. Seu estômago estava esquisito como se estivesse com saudade de casa. Era um anseio pelos verões simples e descomplicados do passado.

Então ela olhou para Josh. Esses verões despreocupados se foram, mas os verões por vir seriam lindos. Ela amava Josh, não importava quão complicadas estavam suas vidas no momento. Agora não tinha mais volta e ela estava bem com isso.



– Segunda à noite no parque! Quem não for é mulher do padre! – Nick gritou pela janela do carro mais tarde naquela noite quando ia embora em seu Jeep e dava uma carona para Yazzie até Wahweap. O grupo todo iria para o Cinema no Parque na segunda.

– Estou feliz que temos algo planejado para segunda à noite – murmurou Ben enquanto limpava a churrasqueira com Hannah. – Faz parecer que a vida continua. Enquanto tiver gente nos esperando em algum lugar, tudo vai ficar bem.

– Verdade, mas estou começando a ficar nervosa – Hannah respondeu baixinho olhando para o Jeep que virava a esquina.

– Vamos para a cama – anunciou Emily saltitando de mãos dadas com Amber.

– Ahã, aposto que vão mesmo. – Ben sorriu.

Amber ficou vermelha. – Vejo vocês amanhã – ela disse rapidamente e arrastou Emily para a cabana de seus pais antes que Ben pudesse fazer mais piadas.

– Pare de provocar minha irmãzinha desse jeito! – Ivy deu um tapa na cabeça de bem.

– Ei, me dê um desconto. Eu não posso provocar a minha própria irmã. Ela tiraria meu couro.

Hannah gargalhou. – Você está certo. – Colocando a mão no ombro de Ben ela continuou. – Você vai com a gente para a praia amanhã de manhã?

Ben balançou a cabeça. – Vou ficar aqui. Ele olhou para Josh que acabara de sair da cozinha e Hannah não disse mais nada. Seu irmão provavelmente queria ter uma conversa a sós com Josh amanhã – sobre ela ou sobre o que exatamente os esperaria na segunda de manhã.

Juntos eles levaram a churrasqueira limpa de volta para o galpão. Ben lhe deu um rápido abraço. – Durma bem, mana. Pode me acordar antes de ir para a praia? Temo que eu não vá ouvir o alarme - estou muito cansado.

– Talvez você precise de um descanso.

– Não. Quero aproveitar a oportunidade para conversar com o Josh amanhã – Ben disse com firmeza. Ele entrou e desapareceu em seu quarto.

Depois de apagar as velas que estavam acesas na varanda, ela entrou na cozinha onde Josh estava acabando de secar a louça. Ele inclinou-se em direção a ela e a envolveu com os braços. – Onde acha que deveríamos dormir? – ele perguntou.

– Acho que podemos usar o quarto da minha mãe. É mais fácil do que nos espremermos na minha cama de solteiro.

– Parece bom. – Ele beijou sua testa e a soltou. – Vou tomar um banho antes.

Enquanto Josh estava no banheiro, Hannah colocou o pijama e se enfiou embaixo das cobertas. Ela pegou uma revista velha da mesinha de cabeceira para folhear e se distrair um pouco.

Toda vez que fechava os olhos, ela via olhos de coioote em sua mente. Apesar de estar usando o amuleto, ela ainda temia ter pesadelos essa noite. Todo seu corpo estava agitado. Quando Josh finalmente emergiu do banheiro com os cabelos pingando e uma toalha em volta dos ombros, ela encarava o teto nervosamente. Ele caminhou até seu lado da cama e sentou na beirada enquanto tocava o rosto dela suavemente.

– Você pode senti-los, não é? – ele perguntou.

– Sim. Eu vejo... os olhos deles. Eles estão me observando.

– Tem certeza absoluta que quer fazer isso?

– Sim. – Hannah se sentou e puxou Josh mais para perto. Suas mãos empurravam a toalha para que pudesse acariciar as costas dele que ainda estavam úmidas do banho. Ele a acomodou em seus braços e capturou sua boca com a dele.

Apesar do nervosismo, ela sentiu um arrepio de prazer percorrer o corpo. Essa era provavelmente a melhor maneira de fazê-la para de analisar as coisas muito a fundo. A proximidade de Josh a mantinha aquecida. As mãos dele percorreram o corpo dela e Hannah lentamente se deitou de costas e o puxou para cima dela. – Então, você vai tirar as calças também? – ela sussurrou sedutoramente.

Josh começou a rir. – Impaciente – ele murmurou em resposta.

Não demorou muito para a revista velha ficar esquecida no chão. Nesse momento todos os pensamentos ansiosos haviam desaparecido completamente.



Na manhã seguinte, Hannah acordou com a canção dos pássaros do lado de fora. Era cedo, então. Era melhor que ficasse na cama mais um pouco. Ela colocou a cabeça no peito de Josh e se

aproximou por baixo do braço que ele jogara ao redor dela enquanto dormia. Ela sorriu e ouviu a respiração suave dele enquanto observava seu rosto relaxado, tão pacífico e inocente.

Todos os verões que passara aqui percorreram sua mente. Ela vira esse garoto crescer, o viu ficar mais velho a cada ano e de repente ele estava ao seu lado como um igual, ligado a ela de maneira sobrenatural. Era bom tê-lo conhecido por tantos anos antes de conhecê-lo assim. Tudo a respeito deles dois parecia que era feito para durar.

Enquanto estava deitada ali remoendo a história dos dois, Josh acordou. Ele bocejou alto, esticou os braços e abriu os olhos. – Ei, querida – ele murmurou e esfregou seu nariz no dela. – Está acordada faz tempo?

– Não muito. – Ela o beijou.

– O que estava fazendo?

– Observando você – ela sorriu.

Josh sorriu de volta. – Então? Quais as conclusões?

– Você é lindo dormindo.

– Grande elogio. Só quando estou dormindo? – Ele a puxou para mais perto.

– Não force a barra – ela riu e enterrou o rosto no pescoço dele.

Josh gargalhou quando o estômago dela roncou alto. – Acho que isso significa que é hora do café da manhã. Vamos levantar?

Hannah balançou a cabeça. – Não, eu vou fazer o café da manhã. Você tem que ficar na cama. É café da manhã na cama.

– Tudo bem, vou ficar aqui – prometeu ele com um brilho no olhar. – Isso é fofo da sua parte.

Hannah foi para a cozinha com um enorme sorriso no rosto. É assim que a vida seria depois de lidarem com os skinwalkers. Nada mais de situações assustadoras. Sem mais medo. Uma vida normal e trivial com Josh.

Assobiando, ela acendeu o formo para assar alguns *croissants*. Quando retornou ao quarto quinze minutos depois, Josh encarava o teto e aproveitava a luz do sol que entrava pela janela.

– Isso é bom – ele grunhiu com o queixo coberto de farelos de *croissant* enquanto os dois devoravam o café da manhã. – Deveríamos fazer isso mais vezes.

– Sim, deveríamos. Bom, amanhã não dá, eu acho. Aposto que teremos que fazer o ritual de estômago vazio de novo.

Josh ficou em silêncio por um instante. – Não será necessário dessa vez. Precisamos apenas estar em um transe leve quando entrarmos na caverna. Acho que o Sani vai começar a primeira parte do ritual hoje à noite depois do pôr do sol.

– É possível dividir uma cerimônia em duas partes?

– Nesse caso, sim. A primeira parte vai enfraquecer a magia negra e a segunda parte vai nos ajudar a encontrar as criaturas na caverna.

– A propósito, Ben queria perguntar algumas coisas hoje. Você deveria explicar isso para ele também.

– Acho que a prioridade do Ben é descobrir como protegê-la da melhor maneira.

– Ben nem sabe como isso é perigoso para mim.

Josh ergueu uma sobrancelha. – Claro que sabe. Ele vê como me comporto perto de você. Ele teria que ser muito idiota para *não* saber e ele é um cara muito esperto.

Hannah prendeu a respiração por um instante. – Bom, ele não vai me convencer a ficar de fora disso então é melhor ele aceitar a situação – ela disse teimosa.

Josh soltou um suspiro profundo e olhou nos olhos dela, envolvendo seu rosto com as duas mãos. – Tenha sempre em mente o quanto todos amam você – disse ele suave porém ardentemente. – Não seja descuidada. Não coloque sua vida em risco só porque acha que tem que ficar ao meu lado de qualquer jeito.

Hannah o encarou com lágrimas enchendo os olhos. Claro que Josh tinha razão. E ele a amava tanto que estava disposto a desistir dela, mesmo agora, para protegê-la. Mas ela não mudaria de opinião. A vida dele estava definitivamente ligada à dela.

– Não, não serei imprudente – ela prometeu com um suspiro rouco cheio de emoção. – Não vou mesmo. Pode parecer que estou indo em direção ao desconhecido só para ficar com você, mas acredite vou manter os olhos bem abertos.

Ela rastejou para os braços dele esquecendo completamente do prato de café da manhã que estava em seu colo. No silêncio, ambos

sentiram que poderiam se tornar cada vez mais íntimos; se ao menos a sombra do tempo não os atingisse e os separasse.



Após o café da manhã, Josh saiu com Ben para retornar a Naabi'aani e Hannah foi à praia com Ivy em uma última tentativa de relaxar. Quando Ivy e Hannah retornaram à tarde, Emily e Amber jogavam uma partida de badminton no gramado enquanto Paul e Sarah saboreavam uma taça de vinho na varanda.

– Decidimos nos exercitar – disse Amber com um largo sorriso enquanto acertava a peteca com uma pancada alta que a fez acertar a cabeça de Emily.

– Não acredito que estou desperdiçando minha tarde livre com essa porcaria – grunhiu Emily enquanto esfregava a mão na cabeça.

– “É porque você me ama – riu Amber saltitando até a namorada e plantando um beijo na boca dela. Os braços de Emily envolveram a cintura dela e ela beijou Amber de volta.

– “É, vocês duas me parecem muito ambiciosas – caçoou Ivy. – Nunca vi pessoas tão determinadas em toda minha vida.

Hannah escutou os gracejos das amigas sem prestar muita atenção. Seu olhar foi para sua própria cabana. Onde estariam Ben e Josh? O Mustang não retornara ainda. Ela esperava que os rapazes já estivessem de volta de Naabi'aani a essa hora. Mexendo em sua bolsa ela encontrou seu celular que começou a tocar no instante em que ela começou a digitar o número de Ben.

Era seu irmão. – E aí, mana. Já voltou do lago?

– Sim, acabei de voltar. Onde você está?

– Ainda estou com Josh. Você pode vir para cá hoje à noite? Lá pelas dez?

– Sim. – Ela engoliu em seco. – Precisa de alguma coisa?

– Cigarros – ele respondeu secamente. – Já fumei meu maço todo. Estou um pouco tenso.

– Eu levo para você. Te vejo hoje à noite. – Ela rapidamente desligou para evitar fazer perguntas sobre as preparações que Ben e Josh certamente estavam fazendo agora.

Quando entrou em seu carro às nove e meia, após um jantar com os vizinhos, já estava escuro. Vênus era uma estrela cintilante

visível no horizonte. O som do motor abafou o barulho dos grilos nos arbustos à beira da estrada, mas por alguma razão o silêncio no deserto avermelhado ainda era opressivo.

Depois de estacionar o Datsun e desligar a ignição, Hannah olhou indecisa para o *hoghan* de Josh ao longe. Uma fogueira ardia no interior. Fumaça subia da chaminé no telhado.

Ela agarrou sua bolsa, ligou seu telefone e chamou sua mãe.

– Ei, mãe – ela disse esperando que soasse alegre. – Como estão as coisas por aí?

– Ótimas! Você recebeu meu último *e-mail* com as fotos?

– Sim, elas estavam incríveis.

– A tia Beth quer convencer você e Ben a virem visitá-la no natal, mas eu disse a ela que você provavelmente ia querer ir para St. Mary's Port celebrar o natal com Josh. Estou certa?

Hannah ouviu a conversa leve da mãe, inserindo um 'mesmo?' ou 'aham' aqui e ali.

– Está tudo bem com você? – sua mãe perguntou de repente. – Você parece meio pra baixo.

– Ah, não, estamos bem – mentiu Hannah. – Só estou cansada. Não dormi muito nos últimos dias.

– Entendo – disse sua mãe e Hannah pode visualizar o sorriso se espalhando em seu rosto. Repentinamente ela engasgou de emoção, desejando haver motivos para um sorriso daqueles ao pensar em suas noites sem dormir com Josh. Ela desejou poder ver o rosto de sua mãe mais uma vez antes de embarcar nessa aventura precária com Ben e Josh. Ela estava com saudade da mãe.

– Mãe, foi bom ouvir sua voz – ela terminou a conversa, a voz estremecendo. – Mando algumas fotos por e-mail logo, tudo bem?

– Ansiosa por isso, chuchu. Diga oi ao Ben por mim. Amo vocês!

– Também te amo. – Hannah rapidamente desligou o telefone e olhou para ele por alguns segundos antes de se arrastar até o *hoghan*, torcendo para que seus olhos não estivessem vermelhos das lágrimas que estava tentando segurar.

Ben e Josh estavam lá dentro. Nesse meio tempo Ben estava usando seu próprio saquinho medicinal. Estava pendurado por uma alça de couro ao redor de seu pescoço. Seu irmão parecia exausto.

– Está tudo pronto? – ela perguntou suavemente e sentou-se entre os dois.

Josh assentiu. – Estamos saindo para a caverna em alguns minutos. Sani está nos esperando lá. Contei a Ben toda a história da maldição, sobre minha vida no século dezessete e a situação na nação Navajo. Ele sabe todo o contexto agora.

O braço de Josh deslizou pelos ombros dela e Hannah encostou-se nele suspirando levemente. – Acabei de falar com a mamãe ao telefone – ela contou a Ben. – Ele disse oi e ela te ama.

Ben piscou para afastar algumas lágrimas. – Obrigado – ele esganiçou pegando a mão dela. – Vou te proteger, tá bom? Tudo vai acabar bem.

– Trouxe cigarros para você – Hannah desabafou rapidamente. Ela não queria mostrar a Josh o quão sentimental estava. Já era difícil o suficiente para ele com a culpa o devorando desde que eles concordaram em ajudá-lo com o ritual. Se ao menos seu namorado pudesse se desapegar das coisas do passado. Talvez seu fardo fosse mais leve se ele deixasse de acreditar que tomou as decisões erradas nas vidas anteriores a essa.

Ben pegou ávido os três maços e imediatamente acendeu um cigarro. – Uma oferenda de fumaça – ele declarou.

Hannah riu nervosa. – Quando vamos?

– Vamos agora – sugeriu Josh. – Não há motivo para ficar aqui enrolando.

Com o coração batendo errático, ela levantou deslizando a mão direita sobre os dedos de Josh enquanto Ben pegava sua mão esquerda. Conectados, eles caminharam para fora do vilarejo e em direção às montanhas sob a luz suave da lua. Ninguém falava; o silêncio só era enfatizado por seus passos silenciosos na trilha empoeirada que gradativamente se dissolvia para dar lugar a rochas planas.

Enquanto contornavam um afloramento de rocha, Hannah avistou Sani. Ele estava sentado na entrada da caverna e cuidava de uma fogueira ao lado de uma pequena pintura com areia.

O *hataalii* colocou seu *jish* à sua frente. Ele silenciosamente encarou as chamas.

– Está na hora de começar a cerimônia *hóchxóó'ji* – ele disse suavemente e fez um gesto para eles se sentarem. Hannah olhou ansiosa para a entrada escura da caverna amaldiçoada. Um sentimento quase indescritível de temor causou um frio em sua barriga agora que ela estava tão perto de onde os bruxos se escondiam.

Sani acenou com a cabeça de maneira simpática e sorriu brevemente antes de pegar um pouco de fibra de mandioca do *jish* e tocou os três da cabeça aos pés com a planta. Josh entregou a ele alguns cones de incenso que Sani acendeu e soprou para começarem a soltar fumaça. Ele mergulhou a mão na tigela de pólen de milho que trouxera e cuidadosamente fez uma impressão de sua mão em cada um dos pontos cardeais na entrada da caverna. Agora Josh entregava a seu velho amigo um punhado de galhos de carvalho e Sani colocou um em cada uma das quatro marcas de palma.

Quando o *hataalii* sentou novamente, ele pegou um objeto que Hannah reconheceu como um *tseen di'ni* – um instrumento musical primitivo ligado a um cordão de camurça que as pessoas giravam no ar para afastar os espíritos com o rugido que produzia. Sani colocou o *tseen di'ni* em uma tigela com agulhas de pinho e girou o instrumento diversas vezes para ter certeza de que fora tocado pelas agulhas por completo.

– Magia de relâmpago – Josh explicou em um sussurro. – As agulhas de um pinheiro atingido por um relâmpago. Sani está usando para invocar o poder do raio negro.

Sani levantou e começou a girar o *tseen di'ni* cada vez mais rápido até o silvo que ele produzia crescer e virar um som agudo ensurdecador. Hannah sentiu um formigamento na espinha. Olhando para o lado, ela viu que Ben também se sentia zozinho. Era como se toda a energia ao redor da entrada da caverna estivesse sendo sugada pelo *tseen di'ni*.

Bruscamente o *hataalii* parou de girar o instrumento, o pegou em sua mão direita e entrou na caverna. Hannah prendeu a respiração. – O que ele vai fazer? – ela sibilou para Josh com os olhos arregalados de medo.

– Ele vai usar o *tseen di’ni* para tocar as paredes da caverna. Isso deve extrair a presença do mal de dentro para fora. Não se preocupe.

Apesar das palavras tranquilizadoras de Josh, Hannah não pode deixar de suspirar de alívio quando Sani saiu de lá inteiro. Novamente ele começou a girar o *tseen di’ni* jogando a energia maligna para o ar. Parte da sombra negra que cobria o lugar desaparecera.

Ben apoiou-se no ombro dela e limpou o suor de seu rosto. – Me sinto enjoado – ele sussurrou. – Por qualquer motivo há muita energia no ar. Não consigo explicar.

– Sani eliminou parte da magia negra – Josh explicou suavemente.

Os três observaram quando Sani sentou-se em sua própria pintura de areia entoando suavemente. Josh juntou-se ao canto. Finalmente a cerimônia terminou com Sani jogando a areia do *ikaah* nas quatro direções cardinais e deixou que o vento carregasse para longe as influências demoníacas que ele absorveu. A caverna estava limpa.

– Então o que vem agora? – Ben perguntou baixinho quando Sani mais uma vez sentou à entrada da caverna e pegou seu *jish* para alguma outra cerimônia que parecia tão misteriosa quanto a anterior.

– Não devemos fazer nada ativamente – respondeu Josh. – Vamos ficar aqui e tentar contatar os *yenaldlooshi* através de meditação e sonhos. Sei que isso parece assustador, mas a única maneira de vencê-los é entrar em seu mundo. Então não entrem em pânico quando sentirem eles ou ouvi-los ou mesmo vê-los. Vocês estão protegidos pelos talismãs e a pequena cerimônia Evil Way que acabamos de presenciar. Vamos entrar na caverna somente depois que Sani terminar a segunda parte do ritual. Ele vai estabelecer uma passagem pelo véu permitindo que nós três entremos sem perder um ao outro. – Ele se voltou para Hannah. – É parecido com o que fizemos, mas muito mais complicado. Não vamos olhar as memórias do passado, mas sim adentrar um pequeno fragmento do *próprio* passado. E mais que isso, temos que estar conscientes.

– Por quê? – Ben queria saber.

– Se nós realmente entrássemos em transe, o risco de eles influenciarem nossos pensamentos seria muito grande.

Hannah se arrepiou quando se lembrou da casa mal-assombrada no parque de diversões. Aquelas imagens horripilantes estariam para sempre gravadas em sua memória.

– Nós só vamos ficar aqui sentados? – ela sussurrou nervosa.

–Você pode dormir se quiser – Josh a tranquilizou. – Eu te seguro.

Ela sorriu fazendo que sim com a cabeça. – Farei isso. – Ela se deitou com a cabeça no colo dele enquanto ele olhava para ela com um olhar gentil.

Hannah caiu em um sono leve. De vez em quando ela ouvia Ben e Josh conversando. Felizmente eles eram uma âncora da realidade para ela, porque as imagens que viu a deixaram assustadíssima. Ela ouviu coiotes uivando em seu sono. Seus sonhos foram povoados por sombras misteriosas com olhos vermelhos que brilhavam no escuro e garras com unhas de aço negro querendo agarrá-la. Usando toda a sua determinação, ela tentou se concentrar nos *chindi*, sabendo que seria mais difícil para eles usarem seus poderes contra ela uma vez que ela realmente entrasse em seu domínio em algumas horas.

Quando Josh gentilmente tocou sua cabeça, ela acordou de um cochilo confuso. – Está na hora – ele disse.

Hannah ficou em pé e abraçou Josh por alguns segundos. Ben estava ao lado dela e ela também o abraçou quando Josh deu alguns passos em direção à caverna.

– Vamos ficar bem – ela sussurrou para seu irmão. – Você foi um *hataalii* sensacional na sua vida passada e você vai arrasar agora. Confio em você.

Ben soltou um suspiro e jogou fora a bituca do cigarro.

– Aqui vamos nós – resmungou ele.

Oito

À entrada da caverna Sani os aguardava com olheiras embaixo dos olhos. – Lá dentro está escuro. – Ele disse solenemente. – Não percam um ao outro. O que quer que façam, não soltem um ao outro.

Josh assentiu. Ele e Ben pegaram cada um uma mão de Hannah. Parecia até fácil entrar em uma caverna, mas eles entrariam no lugar mais perigoso do mundo para Hannah.

O *hataalii* entregou uma tocha a Josh. – Mantenha o fogo aceso. – disse ele atentamente como se a tocha não estivesse ali somente para lhes prover luz, mas também tivesse um significado simbólico.

E então realmente estava acontecendo. Josh deu um passo à frente puxando Hannah e Ben. – *Hózhó nahastlín*. – sussurrou ele. – Tudo acabará em harmonia.

Hannah engoliu o nó em sua garganta enquanto cruzava o portal imaginário que separava a caverna do mundo exterior. Um sopro de ar gelado tocou sua pele. Ela podia ouvir Ben atrás dela respirando pesadamente. Eles fizeram uma curva e entraram em uma caverna grande iluminada pela tocha bruxuleante de Josh. Hannah sentiu os joelhos dobrarem e logo após uma sensação estranha em seu estômago. Ela piscou tentando afastar a tontura que lentamente se apossava dela.

Repentinamente tudo ficou escuro.

– O que aconteceu? – a voz de Ben elevou-se ansiosa atrás dela.

– A tocha se apagou – Josh respondeu com voz tensa. – Deve ter uma corrente de ar. Você tem um isqueiro?

– Obviamente – disse Ben nervoso demais para falar com ironia. Hannah o ouviu remexer no bolso da calça e ela desesperadamente tentou suprimir o pânico que crescia dentro dela. Ela não podia ver nada.

– Está no meu outro bolso. – Ben se virou para Hannah. – Me solte por um minuto, Han.

Cautelosamente Hannah deixou a mão de Ben escorregar da sua. – Deveríamos segurar as mãos o tempo todo, certo? – ela disse com voz débil enquanto a mão esquerda dele pegava o isqueiro que eles precisavam. Ele o pegou em sua mão direita e uma minúscula chama iluminou a escuridão.

– Te peguei – ele disse tranquilizadamente pegando a mão dela de novo. – Não se preocupe.

Josh caminhou até Ben e colocou a tocha próxima da chama. Ela acendeu imediatamente - Sani deve tê-la mergulhado a ponta em óleo inflamável para pegar fogo tão rápido. Hannah não entendia como uma leve corrente poderia ter apagado a tocha, mas talvez não fosse só isso. Havia uma certa qualidade opressiva na atmosfera da caverna como se aqui tivesse menos oxigênio do que lá fora.

– E agora? – perguntou Ben agora que podiam ver seus arredores novamente.

– Por ali – Josh apontou à frente. Eles fizeram outra curva entrando em uma segunda caverna, maior, com uma mancha escurecida bem no centro.

– A fogueira – sussurrou Ben. – A fogueira ao redor da qual sentavam. Ou *estão* sentados.

– Por que não vemos o que está acontecendo no passado? – Hannah perguntou com uma carranca preocupada. Pensei que Sani tivesse criado uma passagem?

– Talvez estejam se escondendo. – Josh olhou furtivamente ao redor dando alguns passos fracos à frente.

Hannah não esperava que ele ficasse tão inseguro e isso fez com que o medo tomasse conta dela. Claramente Josh não tinha ideia do que iria acontecer o que os esperava aqui. Ele estava morrendo de medo.

Naquele momento um som horrível e sobrenatural emergiu do canto mais distante da caverna. Um canto envolto em sombras. Era um gemido lamurioso e misterioso que deixou todo seu corpo arrepiado. Aterrorizada ela apertou a mão de Josh e sentiu-se tentada ela mesma a choramingar.

– Que... que diabos é *isso*? – Envergonhado, Ben olhou para o canto escuro de onde o som vinha. Ele ficou boquiaberto.

Hannah seguiu seu olhar. Aquele canto não estava realmente envolto em sombras – não, uma sombra estava *escondendo* a parede. Aquilo deu um passo à frente de repente se levantou e se elevou acima deles em um esplendor negro e horrível.

– Ai, meu Deus. – Josh puxou Hannah para mais perto. O skinwalker quase tocava o teto da caverna. Ele abriu os olhos e um brilho terrível emergiu das fendas estreitas em seu rosto. Não era vermelho, mas um azul frio e medonho. O som ofegante da respiração áspera encheu seus ouvidos. Era risada - um riso cruel e debochado saindo da boca da aparição.

– O que vocês querem? – A criatura trovejou, ressoando com volume alto o suficiente para fazer o chão tremer. Do nada duas outras sombras apareceram de cada lado do skinwalker aumentando às mesmas proporções em meros segundos.

A sombra à esquerda rosnou suavemente o que o fez soar ainda mais ameaçador. Hannah recuou e esbarrou em Josh que não disse uma palavra. A tocha balançava em sua mão, que tremia.

– Viemos derrotar vocês – titubeou Ben.

Isso fez com que o skinwalker à direita começasse a rir, cuspidando um riso insano antes de dar alguns passos na direção de Ben. Sua boca se abriu em um focinho cheio de dentes pontiagudos.

– Não seja ridículo – A sombra do meio e mais alta falou desdenhosamente. – Nesse lugar somos invencíveis. – Seu olhar virou-se para Josh. – Como foi que você conseguiu convencer esses pobres mortais a juntarem-se à sua causa?

Hannah se acovardou quando viu uma lágrima solitária escorrer pela bochecha de Josh. Havia ele abandonado a esperança? Será que essas criaturas perversas e vingativas tinham razão?

– Foi escolha nossa – ela conseguiu sussurrar sem abaixar o olhar quando o skinwalker olhou diretamente para ela. – Não vamos abandoná-lo.

O skinwalker sorriu cruelmente. – Vocês deveriam ter corrido enquanto podiam – respondeu ele frio e sem misericórdia.

De repente a sombra com o focinho cheio de dentes afiados estava ao lado de Ben. O monstro tinha o dobro da altura de Ben. Atacando com uma pata gigante, o skinwalker afundou as garras no peito de Ben. O coração de Hannah pulou quando Ben foi ao chão e

sangue escorreu da ferida em seu peito, encharcando o tecido leve da camiseta. Abatido por um predador do reino das sombras.

– Ben! – Hannah e Josh gritaram simultaneamente. Hannah ajoelhou-se ao lado dele e o observou como se congelada no tempo.

– Me ajude – seu irmão sussurrou com os olhos arregalados de terror.

Antes que pudessem fazer qualquer coisa, a criatura de sombras agarrou o tornozelo de Ben e o atirou contra a parede oposta com um baque repugnante. Ele caiu no chão como uma boneca de pano e o bruxo gargalhou com prazer cruel. O skinwalker mais alto foi até Ben para pegá-lo e atirá-lo contra a rocha mais uma vez.

O corpo de Hannah recusava-se a se mover. O skinwalker não era mais que uma sombra nebulosa e desfocada à sua frente, arranhando Ben com suas garras, atirando-o contra a parede repetidas vezes sem demonstrar qualquer pena pelo garoto que fracamente implorava por misericórdia. Seus gritos faziam Hannah se arrepiar, mas foi pior ainda quando os gritos pararam. Nenhum som saía de sua boca quando ele finalmente foi deixado de lado, caindo com força no chão sujo de fuligem do meio da caverna; sua pele estava machucada e ensanguentada.

– Não – choramingou Hannah. – Deus, não, por favor. Faça parar. Eles o estão *matando*!

Josh correu à frente tentando usar a tocha para afastar a sombra de Ben, mas ele foi rapidamente derrubado por um dos outros skinwalkers. – Josh – gritou Hannah quando ele também foi lançado ao chão e sua cabeça atingiu as rochas com um estalo. Ele despencou próximo ao corpo sem vida de Ben, distraindo temporariamente o skinwalker de sua primeira presa. Tropeçando nos próprios pés, Hannah correu em direção ao seu irmão e ao seu namorado. A tocha ainda queimava ao lado da mão frouxa de Josh. Ela a pegou e tentou manter as sombras afastadas mesmo sabendo que aquilo não teria nenhum efeito. Ela curvou-se acima de Josh e colocou uma mão em seu rosto.

– *Shan díin* – ele esganiçou agarrando a mão dela enquanto ela afundava ao chão entre ele e Ben, ainda choramingando. – Você tem que... sair daqui.

Através de suas lágrimas ela focou no rosto dele. Parecia que alguém cavara um buraco em sua alma. Ela não ousava olhar para o rosto de Ben, mas sabia que ele estava em maus lençóis.

Ele estava morrendo.

Seu irmãozinho se envolvera porque queria ajudar a ela e a Josh, mas mais que tudo, ela. Ele acreditava em um final feliz e agora ele nunca mais veria a luz do dia.

Ela não podia mentir para si mesma. Ela sabia como isso ia terminar. O olhar de Josh não permitia nenhuma ilusão. Eles morreriam aqui, os três, e era culpa dela. Seu amor por Josh não se provaria fatal somente para ela mas para Ben e Josh também.

– Não posso... ir. – Ela suspirou pesadamente. – Não posso deixar você aqui. Onde está Sani?

Atrás dela, ela sentiu a respiração gelada do skinwalker em seu pescoço. A corrente que apagara a tocha fora na verdade sua influência maligna espreitando nas trevas.

Josh agarrou sua mão mais forte. – Ele está... do outro lado. No mundo real - ele não atravessou o véu. Não usou a passagem. – Seus olhos se reviraram.

– Não me deixe sozinha. – Hannah tremeu. – Josh por favor não me deixe. Temos que ajudar o Ben. Devemos...

De repente ela sentiu o calor do fogo na pele. Um dos skinwalkers puxara a tocha de sua mão e a jogara no chão onde um poderoso círculo de fogo surgiu e formou uma prisão para ela, Ben e Josh. Não havia mais saída. Ela estava encurralada.

Vagamente ela ouviu um grito agudo com um quê de histeria guinchando em seus ouvidos e percebeu que era sua própria voz. A dor lancinante das chamas em sua pele era indescritível. Tentando se livrar das chamas ela levantou Josh e Ben para arrastá-los para longe do fogo, mas era como se seus joelhos estivessem travados e seus pés colados ao chão. Ela não conseguia se levantar. Fumaça enchia seus pulmões, fazendo com que ela comesse a tossir e sentir náuseas, e seus olhos lacrimejavam. Os pelos de seus braços estavam chamuscados e o cheiro de pele queimando encheu suas narinas. Engasgando, ela tentou engatinhar para longe do fogo, colocou as costas contra a parede e levou os joelhos ao peito.

Flutuando. Ela estava flutuando. A dor que sentia era tanta que ela começou a perder a consciência e de uma maneira doentia isso a fazia se sentir quase aliviada e feliz. Ela acolhia o silêncio. A escuridão. Ela não aguentava mais. Ainda com lágrimas escorrendo dos olhos, Hannah olhou para os céus que não podia enxergar do fundo dessa caverna escura.

Sua respiração falhou quando seus olhos se fixaram em algo inesperado. Em meio ao brilho vermelho do fogo implacável que torturava seu corpo, ela viu uma bruxuleante e radiante luz azul.

– Sempre que estiver pedida, siga-me. – Ela ouviu uma voz leve e amigável em sua cabeça. Era a mesma borboleta azul que lhe mostrara o caminho na visão que ela teve antes do primeiro ritual. A borboleta da casa mal-assombrada.

– O que...? – ela murmurou confusa tentando alcançar a borboleta. Ela levantou a mão esperando que a borboleta chegasse mais perto ou a confortasse de alguma maneira em seus suspiros finais quando prestou mais atenção. Sua mão. O contorno estava embaçado. Ela não conseguia enxergar seus dedos.

Um sonho. Isso tinha que ser um sonho.

– Isso não é real. – Ela gaguejou. – Isso não está acontecendo!

Arquejando, ela caiu por um buraco negro e profundo. E então abriu seus olhos para valer.



Hannah olhou nos olhos castanhos de Josh. Eles estavam cheios de um medo que beirava a insanidade. Ela estava no chão da caverna com Ben e Josh debruçados sobre ela. Ben tinha lágrimas escorrendo pelo rosto. Josh segurava o archote com força e sua outra mão acariciava a testa dela.

Ela tossiu e sentou-se para respirar fundo. Seus braços ainda doíam muito. Quando olhou para os antebraços, ela viu enormes marcas de queimadura em ambos. Queimaduras de verdade causadas pelas visões plantadas em sua mente pelos skinwalkers. Sem saber o que dizer, ela olhou boquiaberta para os ferimentos vermelhos em sua pele.

– Querida – Josh sussurrou com voz quebrada. – Achei que tivesse perdido você. – Ele colocou a tocha de lado, apoiando-a

contra a parede, e a pegou nos braços quase a deixando sem ar.

Ben por sua vez envolveu os dois em um abraço balançando a cabeça como se estivesse zonzinho. – Você está de volta, mana – ele murmurou olhando-a inexpressivamente.

– Achei que tivesse perdido vocês *dois*. – Hannah exclamou aliviada agarrando os dois. Ela gostaria de poder ficar nesse abraço com seu irmão e seu namorado para sempre. As marcas de queimadura a deixavam nauseada de dor, mas eram suportáveis agora que ela sabia que Josh e Ben não estavam mortos. Eles estavam ilesos.

– O que... o que aconteceu? – Ela gaguejou. – Para onde eu fui?

– Não sabemos – respondeu Josh com voz tremula. – Entramos na caverna e aí notei que você ficou para trás como se estivesse hesitante. Ben disse que você soltou a mão dele. Segundos depois disso você desmaiou.

– Primeiro você ficou lá completamente imóvel, mas depois começou a chorar – sussurrou Ben enxugando as lágrimas. – Como se estivesse sendo assassinada. E então vimos aquelas... aquelas marcas de queimadura aparecerem em sua pele do nada.

– Você estava queimando viva bem na frente dos nossos olhos – disse Josh suavemente. – E não havia nada que pudéssemos fazer. Não conseguíamos te acordar.

Hannah engoliu em seco. – A tocha apagou – ela sussurrou.

– A tocha estava queimando o tempo todo – disse Josh.

Então não era real. Ela se virou para Ben. – Eu soltei sua mão porque você queria soltar a minha.

– Não, não queria. Nem por um segundo. Sani nos disse para segurarmos uns aos outros.

Hannah olhou perplexa para seu irmão. – Como diabos isso é possível?

– Quando entramos na caverna os *yenaldlooshi* devem ter invadido seu subconsciente de imediato – Josh murmurou monótono. – Eles são mais fortes do que pensei. Eles fizeram você pensar que tinha que soltar a mão de Ben e, quando soltou, a conexão entre nós três se partiu e eles se aproveitaram disso. Sani não estava brincando quando nos avisou.

Por um momento todos ficaram em completo silêncio.

– Como você conseguiu acordar? – perguntou Ben com voz perplexa. – Nós tentamos tudo, eu quero dizer *tudo* para fazer você voltar. – Ele fechou a mão em um punho.

– Aquela borboleta – disse Hannah. – Eu vi a mesma borboleta que tinha visto antes, em um sonho. Ela me mostrou o caminho.

Josh sorriu surpreso. – Seu espírito animal – ele disse simplesmente.

– Você acha? – ela disse com fascínio.

– Costumava ser na sua vida anterior.

– Não vamos enrolar. – Ben pegou o archote com determinação alcançado a mão de Hannah. – Vim aqui para quebrar a maldição de Josh e é isso que vou fazer. – Sua voz estava sombria. – Além disso, ninguém faz churrasquinho da minha irmã sem pagar por isso.

As palavras dele trouxeram um sorriso ao rosto dela. Josh agarrou sua outra mão e mais uma vez eles seguiram pelo túnel. Hannah diminuiu o passo quando Ben fez uma curva. Ela quase esperava ver a mesma grande caverna de antes com a mesma marca de fuligem no chão, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, eles estavam em uma caverna cerimonial com máscaras nas paredes e um fogo ardendo no centro. Ao redor dele estavam três homens em um transe profundo com peles de coiotes nos ombros.

– Nós viemos – disse Josh.

Hannah olhou para o lado e notou Shash, o urso, próximo à parede mais distante da caverna. Um eco do mundo além do véu. Uma coruja estava empoleirada em seu ombro e uma borboleta esvoaçava próxima a cabeça do urso. Aparentemente eles tinham um time de apoio.

O mais velho dos magos abriu os olhos e respirou fundo quando viu Josh parado à sua frente.

– Assassino – ele rosnou com ódio queimando nos olhos. – Você nunca encontrará paz.

Seus filhos também acordaram do transe e se viraram para encarar o trio. Hannah piscou quando viu seus rostos. Ela reconhecia o homem e os gêmeos do estacionamento do supermercado. Então essa era a verdadeira aparência deles.

Com o coração acelerado ela não hesitou quando deu um passo à frente para encarar os *yenaldlooshi*. Ela implorou com o skinwalker mais velho. – Entendo a dor que deve sentir. A ideia de que alguém pudesse tirar o Josh de mim me dilacera por dentro. É assim que deve ter se sentido também quando sua amante lhe foi tomada.

O mago negro a olhou imperturbável. – Minha alma morreu naquele dia – ele disse em voz baixa, mas com clareza. Sua voz era cortante.

Hannah prendeu a respiração. Quando o skinwalker não disse mais nada ela continuou apreensiva. – Sua alma é imortal – não pode morrer. Olhe para Josh e eu. Nós nos encontramos e quem pode dizer que isso também não vai acontecer com você e ela depois que você deixar essa vida e esse mundo para trás? Era nisso que *ela* acreditava também, certo?

O velho piscou. – O que você saberia sobre isso?

– Eu sei a mensagem que ela queria passar – respondeu Hannah. – Ela era uma missionária com fé na vida após a morte. E a mensagem que ela queria transmitir como uma mulher cristã não deve ter mudado muito desde então. ‘Ame seu inimigo’. Então porque você não o faz? Ódio só vai alimentar a dor que sente. – Sua voz diminuiu para um sussurro. – Honre a memória dela dessa maneira. A única maneira que ela gostaria.

Silêncio permeava o ambiente. O pai fechou os olhos por um instante com um sorriso melancólico nos lábios. Quando abriu os olhos novamente lágrimas escorriam.

– Ela era tão amorosa e pacífica – ele sussurrou. – Tão gentil. Ela não merecia morrer. – Ele virou para Josh com um novo fogo nos olhos. – Por que você a matou? Por que ela tinha que morrer por suas mãos?

Josh ficou pálido. – Eu nunca quis matar pessoas inocentes. Eu gostaria de ter visto os espanhóis irem embora sem derramamento de sangue, mas simplesmente não foi possível. O que mais poderíamos ter feito para salvar nossa terra?

O skilwalker assentiu. – Conheço suas razões. Mas guerra é negócio de homem contra homem, soldado contra soldado - e não

foi assim que aconteceu durante a Revolta de Pueblo. Havia mulheres. Mulheres inocentes. Minha amada.

Hannah engoliu as lágrimas quando a cabeça de Josh pendeu em derrota. Ele não estava conseguindo se fazer entender. E ela também não. A dor dos skinwalkers ainda era muito recente. Para eles essa batalha não havia sido travada há séculos. Eles estavam eternamente presos em seu próprio tempo e sua maldição pesava em Josh.

– Não esqueceremos o que fez – disse o pai com voz fria.

– Nossa maldição não terá fim – um dos filhos acrescentou. – Lembre-se disso.

– Vai, sim. – De repente Bem interveio. – *Vai* parar. Aqui e agora.

Abismados, Josh e Hannah se viraram para olhá-lo. Ele parecia tão confiante e presunçoso que até os três *yenaldlooshi* olharam com suspeita para o garoto.

– Ah, o *hataalii* – disse um dos filhos. – Nantai, estou certo? Você nos procurou fervorosamente em seus sonhos e visões para ajudar seu irmão. Como vai nos derrotar? – Apesar de suas palavras desafiadoras seus olhos mostravam uma pitada de insegurança.

– Você não sabe nossos verdadeiros nomes – o pai disse. – Não pode nos tocar.

– Não preciso – respondeu Ben com um sorriso sombrio. – Por mim, vocês podem praticar seu abracadabra das trevas até o dia em que morrerem, mas vocês não vão mais nos incomodar.

Os três skinwalkers se levantaram olhando confusos para o irmão de Hannah com medo inegável nos olhos.

– O que quer dizer? – um dos gêmeos falou incerto.

– Agora entendo como me livrar de vocês. Mas em minha vida passada estava cego para a solução. – Ben deu um passo à frente e levantou as mãos. – Josh sempre teve o poder de quebrar essa maldição. – Virando para seu amigo, ele continuou. – Confie em mim. Na noite passada eu tive uma visão quando estávamos em vigília em frente à caverna.

– Então o que é, Ben? – Hannah o incentivou.

Ben olhou para os skinwalkers sem piscar nenhuma vez. – Culpa – ele cuspiu. – Uma consciência culpada. É disso que essa

maldição tira seu poder. Foi assim que esses três babacas o mantiveram em suas garras. O único motivo pelo qual Josh pode ser amaldiçoado e *continuar* amaldiçoado é porque ele nunca se perdoou por ter matado aquela mulher espanhola. Claro, é normal que ele se arrependa disso. Mas para ele não é só arrependimento. Isso se tornou um fardo terrível. Um do qual não conseguiu se livrar.

Todos no local estavam estupefatos, incluindo os três magos.

– Você só pode ser amaldiçoado se acreditar nisso. Quando está vulnerável a sugestões. – Ben continuou com a explicação. Ele encarou Josh e usou todo seu poder de oratória para convencê-lo. – Aparentemente você sente que cometeu um erro imperdoável quando matou aquela mulher. É por isso que desavisadamente você permitiu que esses bruxos o perseguissem. Livre-se desse pensamento. Recuse-se a sentir culpa e não os deixe culpá-lo. Essa é a chave.

Hannah arquejou. Seria mesmo tão simples?

– *Ele* não é a vítima aqui, *nós* somos. – O velho skinwalker gritou para Ben. – Seu tolo. – Ele parecia irado, mas também um pouco desconcertado.

Ben balançou a cabeça. – Os maiores tolos nesse lugar são vocês três pois não permitem que o tempo cure suas feridas. E tolamente insistem em passar sua sina para alguém por séculos sem fim fazendo o passado parecer hoje. Mas vamos encarar, o passado não é mais importante para a missão do Josh. Existe muito para consertar no presente. A nação Navajo precisa dele. Pobreza, poluição de urânio, desemprego, uso de drogas - essas coisas são muito mais importantes que uma morte em uma guerra esquecida. Uma guerra que preveniu que sua cultura fosse completamente obliterada, a propósito. Sem a Revolta de Pueblo, sem Navajos. É lastimável que houve vítimas inocentes, mas não foi culpa dele. – Ele virou para Josh. – Não foi culpa sua – ele repetiu enfatizando cada palavra.

Lentamente Josh pegou a mão de Ben com uma expressão maravilhada. O silêncio entre eles se estendeu por vários minutos. E nesses minutos um círculo de luz pareceu crescer ao redor de Josh empurrando as sombras na caverna. Seu poder vinha de dentro, mas era alimentado pela presença de Ben. Quando ele finalmente

soltou a mão do amigo, Josh havia dispersado o ar frio do cômodo com sua recém-encontrada aura de confiança, expulsando o gelo de dentro de Hannah e colocando fogo em sua alma.

Com o coração palpitando no peito, ela viu como Josh se virou para encarar seus perseguidores.

O poder silencioso dos skinwalkers pareceu esvair-se quando Josh deu um passo à frente. – Estou me livrando disso – ele disse claramente. – Ben tem razão. Eu tenho que estar aqui agora. Vocês não têm poder sobre mim. Não mais. O que aconteceu não é só culpa minha. – O fogo lentamente começou a apagar. – Não é minha culpa. – Ele repetiu mais baixo para si mesmo parecendo chocado e exultante ao mesmo tempo.

Na escuridão que lentamente se arrastava para fora da caverna, Hannah ouviu uma voz ecoando nas paredes como uma rajada de vento.

– Você está livre – a voz sussurrou.

Ben, Josh e Hannah olharam incrédulos quando os skinwalkers removeram suas peles de coite e as jogaram no fogo. Suas silhuetas desmancharam-se nas sombras que dançavam nas paredes da caverna e as chamas trêmulas devoraram seus disfarces junto com sua mágica. As máscaras nas paredes viraram pó. O frio desapareceu ao seu redor e a atmosfera tremeu com se gemendo de prazer. E então tudo ficou em silêncio. Os skinwalkers sumiram. A ameaça desaparecera.

Por fim Ben interrompeu o silêncio. – Caramba. Eu estava *certo*. – Ele balbuciou.

– Mas você parecia tão... – Hannah piscou. – Você não tinha certeza?

Ben balançou a cabeça com o rosto ainda pálido.

– Mas eu sabia que estava – Josh disse solenemente. – Você estava certo, Ben. Nenhuma maldição se sustenta em alguém que não crê. Lá no fundo sempre achei que eu merecia. E era errado pensar assim. Mas agora acabou. Realmente acabou.

Ele soltou as mãos deles e caminhou até o fogo no centro da caverna, que ainda queimava ligeiramente. – Deem-me seus talismãs, por favor. – Ele sussurrou estendendo a mão.

Os saquinhos foram jogados no fogo.

– *Naalíl sahanéinla. Seetsádze tahee'ndeela. Neezágo nastlín.* – Josh recitou baixinho. – Sua maldição foi retirada de mim. Vocês a retiraram. Para longe ela foi. – E com essas palavras ele finalmente renunciou a maldição que esteve carregando por centenas de anos.

O olhar de Hannah percorreu Josh observando sua aparência. Ele parecia jovem, vivo, quase normal. Um cara normal em um mundo normal que ainda não era perfeito, mas agora ofereceria a ele um lar cheio de pessoas que podiam amá-lo sem se arriscarem. Ela passou os braços pela cintura dele por trás e pressionou a bochecha contra suas costas. – Ficarei com você – ela sussurrou. – Seus olhos procuraram os do urso. Shash ainda os observava de longe. Nos olhos dela havia uma pergunta que só ele enxergava.

– Ele retornará mais uma vez – ela o ouviu dizer em sua mente. – Ainda há uma tarefa importante que o aguarda.

– E você pode segui-lo, se quiser – acrescentou a borboleta azul que dançava e esvoaçava pelo ar voando em direção a Hannah e pousando em sua mão.

Sim, ela queria. Hannah sorriu. Por alguma razão parecia que os dois espíritos animais os estavam casando. A borboleta voou de volta para o urso e a coruja agora circulava a cabeça de Shash.

Ben cutucou Josh no ombro. – Quem é a coruja? – ele perguntou curioso apontando para o colorido grupo de guias espirituais.

– Ele é seu – respondeu Josh e Ben entendeu imediatamente. Olhando para o espírito animal, ele balançou a cabeça. – Bizarro – ele balbuciou.

– Vamos sair daqui. – De repente Hannah não suportava ficar nem mais um segundo na caverna. – Acabamos por aqui, certo?

Josh se virou no círculo dos braços dela e a beijou suavemente. – Sim, acabamos.

Juntos eles foram para a saída. A caverna estava mais uma vez envolta em escuridão quando Josh pegou o archote e saiu do lugar onde eles tinham quebrado a maldição. Agora o fogo se apagara e os fantasmas do passado se dissolveram em nada quando a luz da tocha desapareceu do ambiente cavernoso.

O tempo não mais lançava sombras nos três amigos que se mantiveram juntos pelos séculos.



Ao saírem, Hannah não podia acreditar em seus olhos quando viu que era fim de tarde.

– Quanto tempo estivemos lá dentro? – ela perguntou olhando incrédula para Sani. O *hataalii* estava sentado de pernas cruzadas ao lado do último *ikaah* que fizera antes de eles entrarem na caverna.

Ele olhou para cima e sorriu para eles. – O tempo passa diferente aqui. – Seus olhos foram para as marcas de queimadura nos braços dela. – Você precisa de ervas e unguentos. Vamos voltar rapidamente ao vilarejo. – Ele não perguntou como foi a cerimonia. Não era necessário – suas faces alegres e radiantes diziam tudo.

De volta à casa de Josh, o curandeiro cuidadosamente enfaixou os braços de Hannah. Os pais de Josh correram para perguntar o acontecera e calmamente Josh os tranquilizou. A alegria nos olhos dele fez Hannah se derreter por dentro. Agora Josh poderia finalmente explicar para eles o que o havia incomodado por tanto tempo. Ele nunca precisaria ter medo novamente. Às vezes ela o amava tanto que seu coração não conseguia acompanhar suas emoções.

– Que tal uma cerveja, *shik'is*? – perguntou Josh quando estavam todos sentados em frente ao *hoghan* dele saboreando um ensopado de abóbora que sua mãe fizera.

Ben olhou surpreso. – Essa é uma pegadinha? Achei que não tivesse álcool na reserva.

Josh gargalhou. – Bom, eu sei que minha tia sempre tem algumas latas de cerveja na geladeira para o Yazzie. Claro que meu primo rebelde tenta se esquivar da lei da reserva. Ele diz que aguenta o tranco e ninguém ousa discutir.

Ben sorriu. – Ah, eu acho que ele encontrou alguém para discutir com ele. Aquelas cervejas têm meu nome escrito nelas! – Ele apagou o cigarro e se levantou para fazer uma visitinha aos pais de Yazzie.

Depois que Ben saiu Josh colocou os braços ao redor dos ombros de Hannah. – Ainda não acredito que tudo acabou – ele

disse maravilhado. – É incrível poder sentar aqui com você e te abraçar sem ficar assustado.

Hannah suspirou. – É, eu sei. Ainda falta cair a ficha para mim também. Mas tudo bem. Ainda temos um mês para nos acostumarmos com isso. – Ela o beijou. Será que Josh sabia que ele voltaria mais uma vez para completar mais uma tarefa? Ela estava louca para contar para ele que ela ficaria com ele - afinal de contas, o zoológico espiritual aprovou a união vitalícia deles - mas talvez ela quebraria alguma regra de confidencialidade se dissesse qualquer coisa. Ela não tinha certeza.

– Ainda temos duas vidas *inteiras* para nos acostumarmos – sussurrou então Josh acariciando seu rosto.

Ela sorriu. – Então Shash te contou?

– É. – Ele respirou com alívio e a beijou novamente. – Estou feliz que vai ficar comigo, *shan díín*.

Quando Ben voltou com duas latas de cerveja, Emily havia mandado uma mensagem para Hannah com os planos para aquela noite. – Em sugeriu pegarmos umas pizzas e fazermos um piquenique no parque antes do filme começar – ela anunciou.

– Vamos logo – Josh levantou e inclinou a cabeça para o *hoghan* de seus pais. – Mas antes de irmos quero conversar um pouco com eles.

Hannah sorriu para ele enquanto ele caminhava. Ela se virou para roubar um cigarro do maço de Ben. Quando olhou nos olhos dele, lágrimas surgiram. – Ben, estou tão feliz de você ainda estar vivo. – Ela balbuciou.

– O que você viu naquela caverna? – ele perguntou baixinho gentilmente esfregando as costas dela.

Hannah hesitou e balançou a cabeça. – Na verdade, não quero mais falar sobre isso. Foi um pesadelo terrível e eu já tive muitos nesse verão. Vamos esquecer isso. Ainda estamos vivos e isso é tudo o que importa.



Naquela noite no parque, Josh finalmente se abriu para todos. Fãs de cinema jorraram pelos campos gramados do parque, o sol afundou-se no horizonte e as pizzas ficaram geladas em suas

caixas de papelão enquanto o grupo de amigos de St. Mary's Port, Page e Naabi'aani prendia a respiração ao ouvir a história de vida de Josh.

No começo ele teve dificuldade para falar, mas gradualmente ele se abriu e contou a seus amigos quem ele era e o que sua missão significava para ele. Seu monólogo se transformou em conversa quando todos começaram a lhe fazer perguntas.

– Acho que nem precisamos mais assistir ao filme – disse Nick quando Josh terminou de falar. – Isso já foi agitação demais para uma noite!

Emily ainda observava o membro de seu clã com um brilho de surpresa e admiração nos olhos. – Diz aí, Josh - eu posso ser sua mentora quando... quando o Sani não estiver mais aqui? – ela falou baixinho.

Hannah se virou para sua amiga surpresa. É claro - Emily recebera uma educação parcialmente tradicional para se tornar uma terapeuta. Ela provavelmente já conhecia a lenda de Shash.

– Sei que não sou o tipo de *hataalii* que está acostumado, mas...
– Emily recuou quando Josh ficou em silêncio por um tempo.

– Claro que pode. – Josh a interrompeu. – Não poderia pedir por alguém melhor. – Ele sorriu calorosamente para ela.

– Quer saber? Você é um completo charlatão, *shitsíli* – resmungou Yazzie mordendo uma fatia fria de pizza de pepperoni. – Eu sabia que era suspeito você ter se juntado a uma banda e pegado uma guitarra e começado a tocar que nem o Slash rapidinho. E você me passando aquela ladainha que não podia fazer nada se era 'tão dotado musicalmente'. Ha.

– É, você sacou a minha falcatrue – brincou Josh. – Na minha vida passada eu costumava tocar umas músicas do Guns n' Roses junto com Edward Hall. Por isso o talento insano.

– Você me entendeu – Yazzi persistiu com um largo sorriso.

– Então, você acha que pode dar mais uma olhada na minha tese? – Nick piscou para Josh. – Acho que nunca mais vou encontrar um editor tão apropriado.

– Sanguessuga. – Sorrindo, Ivy deu um esbarrão no ombro de Nick com o seu próprio.

– Ah, eu acho que o filme está começando – disse Amber olhando para a grande tela. Ela surrupiou o último pedaço de pizza antes que Ben pudesse fazê-lo e o dividiu com Emily.

Hannah soltou um suspiro de satisfação se aconchegando a Josh enquanto eles se viravam para enxergar a tela. A normalidade de tudo ao seu redor era incrível e a facilidade de Josh de conversar com todos era maravilhoso de se ver.

É claro que *nada* em sua vida seria realmente normal. Ela era parte de algo maior juntamente com Josh. Ela se encheu de gratidão enquanto via todas as coisas cotidianas acontecendo ao seu redor. Ela ouviu Ben rir alto da sequência de abertura de *Austin Powers*. Ela viu Amber e Emily abraçadas à sua frente. Ela sentia o calor da pele de Josh na sua onde seus braços envolviam a cintura dela.

O restante do verão seria fantástico como nunca antes.

Nove

– Estamos *indo*! – gritou Ben com a voz ficando mais aguda na última sílaba. Ele acenou além do gramado para as pessoas na varanda da casa vizinha enquanto batia o porta-malas do seu Chevy.

Amber, Ivy e seus pais foram até Ben e Hannah para se despedirem. Emily já lhes dera um milhão de abraços de despedida na noite passada. Hannah e Ben dirigiram de volta para Las Cruces hoje. Faltava apenas alguns dias para setembro e suas férias estavam acabando.

– Sentiremos muita falta de vocês – Amber estremeceu diante de Ben e Hannah. Ela abraçou Hannah. – No entanto, vejo vocês no outono. Estarei aqui com a Emily.

Ivy deu abraços apertados em Hannah e Ben, Paul e Sarah apertaram as mãos de todos e então os Greene entraram em seu carro para fazer um último passeio antes de também irem embora. Eles esperaram até Ben e Hannah estarem prontos para se despedir.

Ben ficou olhando para a perua enquanto ela rolava pela trilha arenosa. – Realmente vou sentir saudade deles. Tivemos muita sorte de ter conseguido vizinhos tão amistosos. Me derrete todo por dentro. Sem falar em todo o amor no ar durante todo o verão... – Um sorriso abriu-se em seu rosto. – Uau. Eu vou ver a Katie amanhã.

Hannah deu um tapinha nas costas de Ben, seu olhar perambulando por sua própria varanda. Josh acabava de sair da cozinha. Ele os estivera ajudando a fazer as malas e organizar a cabana para deixá-la limpa. Hannah não voltaria aqui até o recesso do outono, quando sua mãe se juntaria a ela para uma viagem até St. Mary's.

Ela sentiu uma pontada no coração. Esse era o momento que ela mais temeu por uma semana. Ela teria que se despedir de Josh e ficar longe dele por dois meses. Ela sentia uma dor quase física.

– Ei, querida. – ele murmurou no cabelo louro escuro dela depois que ela correu escadas acima para jogar seus braços cheios de

cicatrizes ao redor dele. As marcas de queimadura haviam desbotado para cicatrizes pálidas graças ao tratamento de Sani e os cuidados de Emily, mas elas sempre a lembrariam dos perigos que ela ultrapassara para ficar com Josh. Dois meses não seriam problema depois de tudo que ela passara. – Vou sentir tanto a sua falta. Desculpe o chororô.

– Está desculpada. – Ele respondeu suavemente com algumas lágrimas escorrendo por suas bochechas. – Idem com o chororô aqui. Vou sentir saudade pra caramba.

Eles ficaram na varanda, grudados um ao outro até que Ben tivesse tirado a última caixa da cozinha. Ele a colocou no Datsun de Hannah e olhou para o casal inseparável. – Precisamos mesmo ir, mana! É um longo caminho de volta.

Quando Hannah se desembaraçou do abraço de Josh, ele colocou a mão no bolso de sua calça de lá tirou uma bolacha de chope e entregou a ela.

Hannah olhou para aquilo sem jeito. – O que é isso?

– Uma bolacha de chope.

– Posso ver. – Ela riu ainda confusa.

– Por que não vira do outro lado?

Hannah obedeceu. No verso branco do porta-copos de papelão ela viu um número de celular. Ela mordeu o lábio.

– Me liga. – disse Josh com um sorriso divertido no rosto.

– Você tem um celular? – ela uivou.

– Desde ontem. – A mão dele acariciou o cabelo dela. – Não tenho uma linha particular no campus em Tuba City. Então isso vai ser um problema quando eu quiser ligar para a minha namorada todos os dias e poder falar igual a um bebê ao telefone sem ser interrompido ou ridicularizado por meus colegas.

– O-oh – ela disse com eloquência.

– Ou talvez eu mande mensagens de texto para ela. Depois que eu descobrir como se faz isso, claro. – Ele sorriu.

Hannah piscou, irradiando uma alegria esbaforida. Seu coração acelerou cheio de amor, mais uma vez com dificuldade em conter todas as emoções saltando por seu corpo.

– Fala sério. – De repente ela ouviu Ben rir entredentes. – Uma *bolacha de chope* com seu telefone escrito? Finalmente está

sucumbindo aos modos do homem branco?

Hannah e Josh caíram na risada. – Só porque os caras pálidas são burros demais para se lembrarem de um número de telefone de cor. – Josh desafiou Ben. – Ou você prefere ouvir sua irmã se lamentando por dois meses porque esqueceu meu telefone e não pode me ligar?

Ben galgou os degraus e deu um tapa no ombro de Josh. – Vou sentir falta das suas piadas ruins, cara. Vou trazer a Katie pra cá para o natal. Vai ficar bem sem mim até lá?

Depois de mais dez minutos, Ben e Hannah finalmente estavam ao volante e prontos para partir. Hannah acenou para Josh, secou as lágrimas em suas bochechas e tinha um sorriso amoroso no rosto quando saiu. Todas as memórias das férias de verão permaneceriam com ela e a ajudariam a sobreviver pelos próximos dois meses. Mantendo os olhos no Chevy de Ben a sua frente ela entrou na rua principal e sonhadoramente revisitou as últimas oito semanas. Luz do sol, novas amizades, inimigos mortais e amor eterno. Ela tinha bastante coisa para compartilhar com sua mãe.

Ela abasteceu no mesmo posto de gasolina onde esbarrou com Josh pela primeira vez nesse verão. Ben aguardou no acostamento enquanto ela enchia o tanque do Datsun. Assobiando ela caminhou até o balcão lembrando-se que Josh dissera oi para ela nesse mesmo lugar e dera aquele sorriso divertido que ela viria a amar. Quem poderia imaginar que ela se tornaria namorada dele e entraria nesse mesmo prédio com um porta-copos com o telefone dele na bolsa?

Hannah voltou para o carro e tirou a bolacha de chope e seu celular de dentro da bolsa para salvar número de Josh em seus contatos.

‘<3 vc!! :)’ ela escreveu para ele.

Ela riu quando demorou vinte minutos para chegar uma resposta e leu a mensagem dele com um largo e amoroso sorriso.

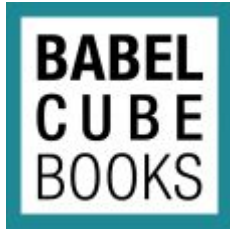
‘também amo você’

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com